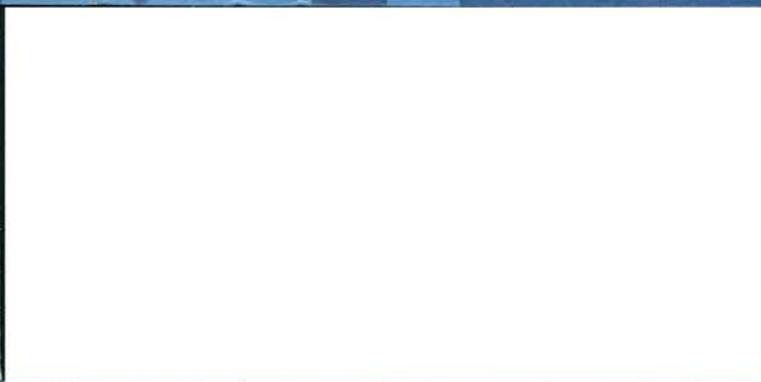




FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES - CDDI



DOCUMENTOS PARA DISSEMINAÇÃO



FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE
Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI

DOCUMENTOS PARA DISSEMINAÇÃO
MEMÓRIA INSTITUCIONAL - 2

Encontro Comemorativo do Centenário de Teixeira de Freitas

Rio de Janeiro
1991

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - CEP 20 021 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Presidente
Eduardo Augusto Guimarães

Diretor-Geral
José Guilherme Almeida dos Reis

ÓRGÃOS TÉCNICOS SETORIAIS

Diretoria de Pesquisas
Lenildo Fernandes Silva

Diretoria de Geociências
Mauro Pereira de Mello

Diretoria de Informática
Nuno Duarte da Costa Bittencourt

Centro de Documentação e
Disseminação de Informações
Nelson de Castro Senra

©IBGE

Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI

Rua General Canabarro, 666 - CEP 20271 - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ
Tels.: (021) 284-0402 e 234-2043 Ramais 284, 286, 288, 296 e 298
Telex: 2134128 e 2139128- Fax: (021)234-6189

Comissão Editorial
Lídia Vales de Souza
CDDI - (coordenadora)

Regina de Almeida Sá
CDDI/Departamento de Documentação e Biblioteca - DEDOC

Reynaldo José Monteiro dos Santos
CDDI/Departamento de Sistemas de Informações - DESIF

Lecy Delfim
CDDI/Divisão de Comercialização e Promoção - DICOP

Luiz Antonio Lobo Grillo
CDDI/Assessoria

Pedro Paulo Machado
CDDI/Departamento de Editoração - DEDIT

Lucinda da Silva
CDDI/Assessoria

Série Documentos para Disseminação

ISSN 0103-6335

A Série Documentos para Disseminação é o espaço criado pelo CDDI para disseminar métodos e/ou reflexões sobre as diversas formas de armazenamento, de recuperação e de veiculação do acervo de informações geradas ou disponíveis na Instituição, visando ao amplo acesso da sociedade. Ademais, visa à divulgação de documentos representativos da Memória Institucional.

Subsérie Memória Institucional

ISSN 0103-6459

Capa
Pedro Paulo Machado / CDDI - DEDIT

Encontro comemorativo do centenário de Teixeira de Freitas / Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

80p. - (Documentos para disseminação. Memória Institucional, ISSN 0103-6459 ; 2)

ISBN 85-240-0366-9

1. Freitas, Mario Augusto Teixeira de, 1890-1956. I. IBGE. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. II. Série.

IBGE-CDDI. Dep. de Documentação e Biblioteca CDU 929 FREITAS RJ-IBGE/91-02

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

TAS

O Projeto Encontro Comemorativo do Centenário de Teixeira de Freitas foi coordenado pelo Departamento de Documentação e Biblioteca (DEDOC)/Divisão de Atendimento e Referência (DIREF)/Setor de Memória Institucional (DIREF/ST34).

Fizeram parte da equipe de execução do projeto:

NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO DE MERCADO - NDM/CDDI

Iva Pereira da Silva
Maria das Graças de Oliveira Nascimento

DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E BIBLIOTECA - DEDOC/CDDI

Regina de Almeida Sá
Icléia Thiesen Magalhães Costa
Laurinda Rosa Maciel
Severino Bezerra Cabral Filho

DEPARTAMENTO DE EDITORAÇÃO - DEDIT/CDDI

Gercy América do Sacramento
João Octávio Facundo Bezerra

DIVISÃO DE COMERCIALIZAÇÃO E PROMOÇÃO - DICOP/CDDI

Tereza Rodrigues Nogueira

GERÊNCIA DE SUPORTE ADMINISTRATIVO - GESAD/CDDI

Eutália Maria Neto Santos

A equipe agradece aos palestrantes e às pessoas, parentes, contemporâneos e admiradores de Teixeira de Freitas que contribuíram, de forma inestimável, para a realização dessas homenagens, em especial Edison Cattete Reis e Ernani Villasboas de Figueiredo.

Em Comemoração ao Centenário de Nascimento de Mario Augusto Teixeira de Freitas foram realizados os seguintes eventos:

Palestras

O teor humano de Mario Augusto Teixeira de Freitas
Dr. Benedicto Silva, Consultor da Presidência da Fundação Getúlio Vargas (9-10-90);

Teixeira de Freitas e a Associação Brasileira de Educação (ABE)

Prof. Ruy Lourenço Filho, da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, IBGE (10-10-90);

Teixeira de Freitas e a sua influência na implementação do Conselho de Geografia

Dr. Christóvão Leite de Castro, primeiro Secretário-Geral do Conselho Nacional de Geografia (10-10-90);

Improvisações em torno de Teixeira de Freitas

Prof. Orlando Valverde, Presidente da Campanha Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia - CNDDA (10-10-90);

Teixeira de Freitas: Educação e Municipalização

Dr. Manoel Antônio Soares da Cunha, Coordenador do Censo Agropecuário, IBGE/DPE (11-10-90);

Teixeira de Freitas e o Esperanto

Dr. Jorge das Neves, Delegado-Geral da Associação Universal de Esperanto (11-10-90);

O legado de Teixeira de Freitas

Prof. Severino Bezerra Cabral Filho, do CDDI/DEDOC, Consultor do Setor de Memória Institucional (11-10-90).

Exposição "Teixeira de Freitas: um homem além do seu tempo", com fotos, documentos e objetos pessoais (9 a 19.10.90).

Inauguração da sala da Memória Institucional, onde foi montada a exposição (9.10.90).

Inauguração do Auditório do Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI - que recebe o nome de Auditório Teixeira de Freitas (9.10.90).

Exibição do vídeo *O Recenseamento através dos tempos* realizado por Produções Cesar Nunes, que conta a história dos Recenseamentos no Brasil até a década de 60 (9.10.90).

Distribuição da coletânea de textos "Teixeira de Freitas: pensamento e ação" aos participantes do Encontro.

Apresentação

"Sim, foi em minha mesa de existência que conheci a existência máxima, a existência em tensão - em tensão para um adiante, um mais adiante, um acima."

Gaston Bachelard

Este pensamento do grande filósofo francês nos ocorreu como uma síntese ao cabo da leitura dos textos das conferências dedicadas a Teixeira de Freitas, quando da comemoração de seu centenário de nascimento. Então, ilustres conferencistas, ao longo de três dias, traçaram seu perfil, um perfil vivo, dedicado por inteiro à concepção de um sistema de informações, coerente e completo.

O homenageado, pelas mãos inteligentes de seus admiradores, num exercício de consciência, em meio a uma aventura de solidão, renasceu na escrita. Os textos, tantos e tão bons, por si só remetiam à necessária publicação, não já tivéssemos prometido fazê-lo envolvido na expressão oral das conferências.

Assim, com propriedade, lançamos, aqui e agora, este segundo número da subsérie *Memória Institucional* (integrante da série *Documentos para Disseminação*), igualmente como o primeiro, dedicado a Teixeira de Freitas; falar da Instituição é falar dele. Para além dos textos, adicionamos algumas fotos alusivas ao próprio evento e muitas outras alusivas ao próprio homenageado.

Entendemos que, com esta iniciativa, estamos dando maior curso a uma história da Instituição, a um seu segmento, contribuindo para a melhor compreensão de seu presente, na busca da construção de seu futuro. Que a vida e a obra de Teixeira de Freitas nos ajudem a pensar o IBGE, que ele amou tanto, em prol de um Brasil melhor.

Rio de Janeiro, RJ, abril de 1991

Nelson de Castro Senra
Superintendente do Centro de Documentação
e Disseminação de Informações

Sumário

Apresentação	7
Nota Biográfica	11
Discurso de Abertura <i>Eduardo Augusto Guimarães</i>	13
O teor humano de Mario Augusto Teixeira de Freitas <i>Benedicto Silva</i>	15
Teixeira de Freitas e a Associação Brasileira de Educação <i>Ruy Lourenço Filho</i>	21
Teixeira de Freitas e a sua influência na implementação do Conselho Nacional de Geografia <i>Christóvão Leite de Castro</i>	31
Improvisações em torno de Teixeira de Freitas <i>Orlando Valverde</i>	45
Teixeira de Freitas: educação e municipalização <i>Manoel Antônio Soares da Cunha</i>	51
Teixeira de Freitas e o Esperanto Teixeira de Freitas Kaj Esperanto <i>Jorge das Neves</i>	61
Mensagem Mesaço <i>Seleneh de Medeiros</i> <i>Tradukis: Francisco Valdomiro Lorenz</i>	69
O legado de Teixeira de Freitas <i>Severino Cabral</i>	73
Discurso de Encerramento <i>Nelson de Castro Senra</i>	77

Nota Biográfica

MARIO AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS nasceu em São Francisco do Conde, Bahia, em 31 de março de 1890. Filho de Afonso Augusto Teixeira de Freitas e de Maria José Teixeira de Freitas, viveu sua infância e adolescência no Estado do Paraná, cursando o secundário no Seminário Diocesano do Paraná, sempre como primeiro da turma. Formado em Direito, em 1911, ingressou no Serviço Público na antiga Diretoria - Geral de Estatística do Ministério da Agricultura, Viação e Obras Públicas.

Em 1920, foi nomeado Delegado Geral do Recenseamento em Minas Gerais. Convidado pelo governo mineiro para reformar a organização estatística estadual, teve a oportunidade de testar a aplicação do sistema de cooperação interadministrativa.

A convite do Governo Provisório instaurado pela Revolução de 30, transferiu-se para o Rio de Janeiro para colaborar na organização do Ministério da Educação e Saúde Pública, à frente da Diretoria de Informações, Estatística e Divulgação.

Em 1934 foi criado o Instituto Nacional de Estatística, baseado em seu plano de cooperação interadministrativa entre as três esferas governamentais - Federal, Estadual e Municipal. No período de 1936 a 1948 como Secretário-Geral do Conselho Nacional de Estatística, do Instituto Nacional de Estatística, que a partir de 1938 foi denominado Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, idealizou, planejou e consolidou a organização estatística brasileira.

Participou ainda da fundação, em Washington, em 1941, do Instituto Interamericano de Estatística, do qual foi primeiro presidente e, posteriormente, presidente honorário.

Autor de inúmeras obras sobre estatística e política educacional, racionalização administrativa, divisão territorial do País, ensino e difusão do Esperanto, e de outros temas de interesse nacional, teve também atuação destacada em vários foros e entidades culturais no Brasil e no exterior.

Teixeira de Freitas faleceu no dia 22 de fevereiro de 1956, na Cidade do Rio de Janeiro, deixando um legado de trabalho fecundo e criador.

Discurso de Abertura

Eduardo Augusto Guimarães

Senhoras e Senhores:

O escritor Guimarães Rosa, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, admitiu que as pessoas não morrem, se encantam.

Ao dar início ao Encontro Comemorativo do Centenário de Teixeira de Freitas, reencontro nesse episódio uma verdade há muito revelada: a de que o idealizador desta Casa se encontra encantado, não só na lembrança dos que viveram à sua época, que preconizam a necessidade de maior integração e interação entre órgãos governamentais, nas suas diferentes esferas de atuação, para a produção e disseminação de estatísticas relevantes ao estudo da realidade nacional.

A obstinação e o rigor técnico com que Teixeira de Freitas defendeu a proposta de um órgão coordenador e sistematizador das atividades estatísticas e geográficas no País, no período de 1930 a 1934, levou à criação do Instituto Nacional de Estatística - INE -, célula inicial do IBGE de hoje. Como Primeiro Secretário-Geral do Instituto, impulsionou-o de modo a consolidar, nos anos 40, o papel do IBGE no cenário político-técnico e administrativo do Brasil, unindo os saberes estatístico e geográfico.

Humildade, inteligência, cultura e probidade foram marcas registradas na trajetória de vida deste homem, sempre a serviço do Brasil.

Evocar esta figura hoje significa resgatar os elos iniciais da criação e formação do IBGE e, através de uma reflexão sobre as experiências do passado, tentarmos um melhor ajustamento no futuro.

Agradeço a todos que tornaram possível a realização deste Encontro - funcionários, familiares e amigos de Teixeira de Freitas - e agradeço também a oportunidade de contribuir para a preservação da Memória Institucional do IBGE através da realização deste evento.

O teor humano de Mario Augusto Teixeira de Freitas



Foto do palestrante e texto de sua apresentação feita pelo presidente do IBGE, no Auditório Teixeira de Freitas no CDDI. Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1990.

Benedicto Silva, um dos mais conhecidos nomes da administração pública brasileira, acompanhou Teixeira de Freitas nos primeiros tempos de criação do IBGE. Marcou sua passagem

com talento e dedicação reconhecidos publicamente, no DASP, para onde foi requisitado por Luis Simões Lopes.

O Prof. Benedicto Silva ocupou os mais relevantes cargos do serviço público no Brasil e no exterior. Participou com destaque de todos os processos de reforma administrativa no Brasil empreendidos a partir dos anos 30. Fez parte, com especial relevo, do quadro administrativo dirigente da Organização das Nações Unidas. Contribuiu de modo decisivo para a fundação da primeira Escola Brasileira de Administração Pública - EBAP - e, por muitos anos, dirigiu o Instituto de Documentação da Fundação Getúlio Vargas - INDOC. Atualmente exerce a função de Consultor da Presidência da Fundação Getúlio Vargas.

O teor humano de Mario Augusto Teixeira de Freitas

Benedicto Silva

O testemunho, que ora submeto a este respeitável auditório, tornará evidente a certeza de que jamais deixaria, ou deixarei, de trazer o meu grão de areia - pequenino mas palpitante de sinceridade - para toda e qualquer homenagem que se prestar à memória de Mario Augusto Teixeira de Freitas, um dos mais nobres Varões de Plutarco, cuja travessia na vida quis a boa sorte que tocasse na minha, engrandecendo-a.

Assim, foi com emoção que recebi gratamente o convite para participar desta mais do que merecida homenagem à figura excelsa de Mario Augusto Teixeira de Freitas - amigo, educador, criador, inventor social, missionário, Apóstolo do Bem Geral, infatigável servidor da humanidade.

Ao promover esta série de depoimentos sobre a pessoa, a vida e a obra excepcionais do sonhador, criador e consolidador do IBGE, os seus ilustres dirigentes atuais estão nos dando uma confortadora prova de sabedoria e justiça. Sabedoria, porque o exemplo de eficiência, solidariedade humana, austeridade e idealismo de Teixeira de Freitas bem merece permanecer vivo e atuante na entidade. Justiça, porque nada mais próprio, nada mais coerente, nada mais reto do que reconhecer e cultuar a memória de quem tanto fez e continua a fazer pelo desenvolvimento econômico, social e cultural do Brasil.

O IBGE assoma como uma espécie de observatório múltiplo onipresente de captação e registro das palpitações da dinâmica social.

Enredando estrategicamente em suas malhas todos os níveis de governo e todas as áreas administrativas, o IBGE constitui o sistema de cooperação governamental mais abrangente e fecundo que se poderia conceber num país extenso como o Brasil. Trata-se inquestionavelmente de uma prodigiosa invenção social, adequada às peculiaridades geográficas, à imensidão territorial e ao dinamismo demográfico do Brasil. E o titular legítimo dessa invenção é Mario Augusto Teixeira de Freitas.

Aqui compareço vergado ao peso do compromisso de focalizar O Teor Humano dessa personali-

de, tarefa que me é muito grata pelo propósito, mas, ao mesmo tempo, um desafio à minha limitada capacidade de comunicação.

Mesmo comparecendo com um texto escrito, estou certo de que não conseguirei me alçar às altiplanuras em que paira a imagem dessa personalidade excelsa com quem o destino me propiciou a ventura de trabalhar em freqüentes oportunidades e durante longos anos.

Trabalhar com Mario Augusto Teixeira de Freitas foi a experiência mais luminosa e gratificante de minha vida. Observando-o, fiz um extraordinário aprendizado de identificação das qualidades mais raras de talento, bondade, criatividade, equilíbrio, cordura e filantropia que possam "baixar" em um ser humano.

Era ele tão completamente absorvido ou motivado pela vontade de contribuir para o Bem Geral, que não lhe sobrava tempo nenhum para cuidar de problemas particulares comuns, tais como a aquisição de produtos e bens, inclusive artigos de vestuário, para uso pessoal ou consumo doméstico, movimentação de conta bancária, visitas periódicas a médicos e dentistas, viagens de férias, passeios de fim de semana, idas a teatros ou cinemas, participação em festas de aniversário. Pelo que sei, ele jamais entrou num café, nunca assistiu a disputas esportivas, menos ainda a festejos carnavalescos; não almoçava nem jantava com amigos. Sua vida era ascética, seu tempo totalmente dedicado a sua missão. Pairava muito acima de qualquer tipo de vício, fumar, bebericar; não tinha *hobby* algum, não colecionava nada, nem sequer lembrava o número das próprias camisas. Mas ignorava, perdoava ou tolerava os vícios e deslizes alheios.

Dois dias após o falecimento de Mario Augusto Teixeira de Freitas, o jornalista Raul Lima publicou um artigo intitulado *Um Produtor de Idéias*, no *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, do qual transcrevo o parágrafo seguinte:

"Não terá havido, neste País, quem se haja dedicado tanto e tão exclusivamente ao serviço público quanto Mario Augusto Teixeira de Freitas, fazen-



2.º aniversário do IBGE. Visita ao Presidente da República Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, Palácio do Catete, 1938.

do voto de pobreza, recusando postos superiores de governo, abstando-se mesmo de condições elementares de conforto até o fim de uma carreira que durou 44 anos, continuando a meditar e a trabalhar depois de sua aposentadoria e apesar de precárias condições de saúde".

Dedicava-se com tal exclusividade à sua missão, aos seus anseios de praticar o Bem, de concorrer para melhorar as condições de vida do próximo, que nem sequer atentava para ocorrências pessoais importantes, como, por exemplo, a mudança de residência. Nos anos 30, morava ele em casa alugada na Rua São Francisco Xavier.

Certo dia, encontrava-me em seu gabinete, no Edifício do Silogeu, hoje Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, tratando de assuntos de serviço, quando a senhora dele, Dona Rosalina, lhe telefonou para lembrar que, ao voltar para casa, naquele dia, não fosse mais para a Rua São Francisco Xavier, mas para a nova residência, igualmente casa alugada, sita à Rua Dr. Satamini.

Ele ouviu a informação em minha presença e, sem comentar o assunto, tomou nota do novo endereço, fato de que tive conhecimento depois e que não me causou maior estranheza. É que eu já estava familiarizado com o alheamento do Dr. Teixeira de Freitas aos problemas particulares. Todavia, isso não quer dizer que negligenciasse os seus deveres de cidadão, cliente, colega, vizinho, pai de família. Sob todos os aspectos, sua vida era um modelo imaculado de decência e hombridade. Apenas considerava secundárias as circunstâncias materiais do dia-a-dia.

Os parágrafos transcritos a seguir fazem parte do discurso de despedida, proferido pelo então vi-

ce-presidente do IBGE, Moacir Malheiros Fernandes Silva, antes da saída do féretro de Mario Augusto Teixeira de Freitas.

"Não pensava jamais em sua própria pessoa: pensava, sentia, ansiava e sofria pelos outros, por toda gente, pelos brasileiros em geral, pelo Brasil, em particular, pela humanidade, sem distinções de credos e de cores, ansiando e prefigurando sempre um progresso crescente, rápido, constante, ininterrupto da nossa gente, de nossa terra em todos os seus recantos, de nossas instituições, mas também dos demais povos do mundo.

Daí seu ardente entusiasmo, jamais esmorecido, pelo Esperanto, como língua universal, pois via, nesse idioma auxiliar, uma das formas de possibilitar-se o desejado entendimento cordial de todos os habitantes do globo".

Dezenas e dezenas de outros brasileiros, políticos, jornalistas, deputados, senadores, homens de letra manifestaram pesar pelo desaparecimento de Mario Augusto Teixeira de Freitas, destacando-se, dentre eles, Juscelino Kubitschek, Carlos Drummond de Andrade, os senadores Jeronymo Coimbra Bueno, Apolônio Sales, Juracy Magalhães e tantos mais.

Quando e como o conheci? Foi no já longínquo ano de 1932, durante o Congresso da Associação Brasileira de Educação, realizado em Niterói. Lá se encontravam os luminares, os filósofos, os expoentes máximos com que então contava o Brasil em matéria de educação: Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Delgado de Carvalho, Isaias Alves, Fernando de Azevedo, Gustavo de Sá Lessa e muitos outros. A explicação para a minha presença entre figuras tão ilustres era a circunstância de o governo de



Teixeira de Freitas com a família, por ocasião do batizado de seu 10.º neto, Fernando. Foto do acervo da Casa de Teixeira de Freitas, em São Francisco do Conde, BA.

Goiás, meu estado, agindo com a simplicidade peculiar às autoridades provincianas, me haver nomeado para representá-lo no congresso. Seja como for, impulsionado pela afoiteza própria da pouca idade, participei dos debates, assim como ofereci diversas emendas de redação ao documento - uma espécie de ideário de aspirações e recomendações - em que o conclave procurou fixar as opções e posições de seus titulares em face do eterno problema da educação.

Responsável pela Diretoria de Estatística do Ministério da Educação, então recentemente criada, Mario Augusto Teixeira de Freitas era um dos participantes mais eficazes e respeitados. O alto cargo que ocupava, mas acima de tudo a propriedade, a pertinência e a sabedoria de suas intervenções conferiram-lhe desde logo, no consenso geral, o *status* da estrela guiadora dos destinos do congresso. Sua preocupação dominante era criar um sistema que retratasse o Brasil, não apenas no que concerne à educação e à cultura, senão também em todos os campos de atividade social, por meio de informações estatísticas confiáveis e autorizadas. Já então fermentava em sua imaginação criadora a idéia da grande teia nacional de estatística que enredasse em suas malhas, como bons parceiros, a União, os estados, os territórios e os municípios. Já então, inflamado pelo seu patriotismo indormente, sonhava com o advento de uma estrutura organizacional *sui generis*, capaz de captar, interpretar, sistematizar, quantificar e divulgar os fenômenos e os fatos que refletem as pulsações sociais, culturais, econômicas, políticas e outras da nação brasileira. Já então fluuava em suas elocubrações - fluuava naquela mente desassossegada - espécie de labo-

ratório central fervente de idéias patrióticas - o embrião daquilo que, poucos anos depois, em 1936, emergiria sob a forma de um sistema complexo, abrangente dos três níveis de governo - o Instituto Nacional de Estatística, posteriormente transformado no atual IBGE.

Quis a boa sorte que eu fosse, a um tempo, testemunha e participe desse processo de criação.

Com efeito, em 1933, estando eu em Goiás às voltas com as vicissitudes do Departamento de Estatística acabado de criar, e havendo cumprido a tarefa de preencher numerosos questionários de respostas cruzadas da Diretoria de Estatística do Ministério da Educação, recebi de Mario Augusto Teixeira de Freitas uma surpreendente carta-convite para ocupar o cargo de Assistente-Chefe da Diretoria de Estatística da Produção, prestes a ser criada no Ministério da Agricultura. Recebera Teixeira de Freitas poderes amplos do titular da pasta, o General Juarez Távora, para organizar a nova entidade e selecionar o seu núcleo de chefes e assistentes. Balanceando realisticamente os meus escassos recursos intelectuais, respondi-lhe que a sua carta muito me lisonjeava, porém, não me julgando competente para exercer o cargo, *ipso facto* não poderia cometer a leviandade de aceitar o convite. Dias depois chegou-me às mãos nova carta do Dr. Teixeira de Freitas, desta vez insistindo para que eu aceitasse um cargo de assistente da nova repartição.

Mesmo se tratando de posto mais modesto, continuei cartesianamente a duvidar de mim próprio, inseguro de minha capacidade. Todavia, a força moral do patrocínio espontâneo daquela individualidade superior acabou por abalar minha auto-avalia-

ção e convencer-me a aceitar o segundo convite, tão inesperado quanto o primeiro. Foi assim, pelas mãos benfazejas e impolutas de Mario Augusto Teixeira de Freitas, que ingressei no serviço público federal, trocando a relativa tranquilidade da província pelo tumulto da metrópole. Para me referir a mim mesmo o menos possível, omito maiores detalhes sobre as múltiplas instâncias em que ele e eu servimos juntos, notadamente na Comissão de Reforma do Serviço Civil Federal, instalada na Presidência da República - ele, na qualidade de membro titular, e eu, de secretário executivo. Foi nesse período que a idéia da criação do Instituto Nacional de Estatística se cristalizou e vingou em frutos. Coube-me então a fortuna de conhecer mais de perto, no dia-a-dia de nossas lides e sonhos conjuntos, a personalidade multifacetada de Teixeira de Freitas.

Ao longo de minha travessia pelo mundo e pela vida, conheci centenas, talvez milhares de pessoas importantes, lidei com celebridades e homens poderosos, negocie com líderes de alto coturno, ministros de Estado e alguns chefes de Governo, sem

falar de escritores, artistas e especialistas renomados, todos autênticos membros das minorias excelentes de que trata o filósofo espanhol Ortega y Gasset na *Rebelião das Massas*. Como funcionário do Secretariado das Nações Unidas, visitei muitos países, entrevistei dezenas de autoridades dos altos escalões, o que me proporcionou vastas oportunidades de ampliar e rever o meu aprendizado da difícil arte de conhecer e julgar os seres humanos.

Conclusão: na galeria das figuras humanas que mais se alteiam no meu microcosmo, crescendo no meu assombro pela mais rara combinação de atributos positivos de inteligência, humanidade, integridade, equilíbrio, bondade, eficiência e pureza, Mario Augusto Teixeira de Freitas ocupa lugar isolado. Ele foi, sem dúvida, uma obra-prima da natureza, uma dessas individualidades pletóricas de dons e virtudes, que nobilitam gerações inteiras e enchem de orgulho os seus contemporâneos. Entre esses dons, possuía ele o de fazer felizes os seus companheiros de trabalho e de ideal por também pertencerem à raça humana e à sua geração.

Teixeira de Freitas e a Associação Brasileira de Educação - ABE



Foto do palestrante e texto de sua apresentação feita por Lenildo Fernandes Silva, Diretor de Pesquisas do IBGE. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1990.

Ruy Lourenço Filho, professor do curso de graduação da Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE - e seu superintendente de 1979 a 1981, foi diretor da Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal - DF, do IBGE, de 1981 a 1982. Professor catedrático da Universidade Federal de Minas Gerais foi também professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro de várias entidades culturais e científicas dedicadas à promoção da educação no Brasil, entre elas a Sociedade Brasileira de Educação; tem inúmeras obras publicadas

Teixeira de Freitas e a Associação Brasileira de Educação

Ruy Lourenço Filho

Mario Augusto Teixeira de Freitas, cujo centenário de nascimento estamos comemorando, teve um longo e aprofundado convívio com a Associação Brasileira de Educação - ABE -, da qual foi membro do Conselho Diretor, desde 1931; Presidente nacional no período 1935-1938; Sócio Honorário em nov./1954.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO - ABE

Fundada por Heitor Lyra, em 1924, a ABE não se propunha a ser órgão de classe, mas associação com o fim de "promover no Brasil a difusão e o aperfeiçoamento da educação em todos os seus ramos, estimulando as iniciativas que possam mais eficientemente atingir esses objetivos" (ABE, Estatuto, Art. 1.). Desde a fundação, a ABE congregava professores, educadores de ofício e outras pessoas interessadas no debate dos grandes problemas de educação ou nas minúcias das questões pedagógicas. As reuniões semanais, as palestras e os cursos, além de outras atividades culturais, eram mantidos com regularidade. A intervalos anuais realizavam-se as Conferências/Congressos Nacionais de Educação, em diferentes cidades do País. A I Conferência foi realizada em Curitiba (1927), a II Conferência foi em Belo Horizonte (1928), a III em São Paulo (1929) e a IV Conferência, realizada no Rio de Janeiro (em dezembro de 1931), com o tema geral "As grandes diretrizes da educação popular", tem importância histórica, que comentaremos adiante (1). No período de 1927 a 1935 foram realizadas sete Conferências nacionais (3:27-28).

Relembremos os nomes daqueles que desde a fundação haviam presidido a ABE: Heitor Lyra, Levi Carneiro, Delgado de Carvalho, Fernando de Magalhães, Gustavo Lessa, Mario de Brito, Anísio Teixeira, Afranio Peixoto, Lourenço Filho, e a partir de julho de 1935, M. A. Teixeira de Freitas, eleito no VII Congresso Nacional de Educação, nesse ano realizado no Rio de Janeiro (1, 2).

A ABE "veio a ocupar posição de destaque no debate e direcionamento das mudanças no apare-

lho escolar na segunda metade da década de 1920, e, principalmente, na primeira metade da década seguinte" (3:13).

"Um grupo de educadores brasileiros imbuídos de idéias renovadoras reunia-se no Rio de Janeiro em 1924. Esse grupo, do qual faziam parte Heitor Lyra, José Augusto, Antonio Carneiro Leão, Venancio Filho, Everardo Backeuser, Edgar Sussekind de Mendonça e Delgado de Carvalho, se propôs, com a criação dessa Associação, centrar num órgão que não era um órgão de classe, mas antes uma organização que encarnava um movimento, as reivindicações desse movimento, reivindicações que pretendiam sensibilizar o poder público e a classe dos educadores para os problemas mais cruciantes da educação nacional e a necessidade urgente de se tomarem medidas concretas para equacionar e resolver esses problemas. Se a Associação Brasileira de Educação não foi a origem do movimento, foi todavia a medida prática tomada pelo movimento para objetivar os seus propósitos e ganhar forças junto às autoridades competentes e evidenciar a extensão daqueles problemas. Ela representava, antes, a tomada de consciência e o compromisso assumido por um grupo no engajamento por uma luta que iria perdurar alguns decênios (...)" (7:128).

"Era, portanto, o movimento renovador que iria ter na ABE seu órgão representativo e seu centro divulgador. Era também o começo de uma luta ideológica que iria culminar na publicação do "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional", em 1932, e nas lutas travadas mais tarde em torno do projeto de lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional" (7:128-129).

MARIO AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS, ESTATÍSTICO

Nascido em 31-03-1890, em São Francisco do Conde, BA, e falecido no Rio de Janeiro, em 22-02-1956, Mario Augusto Teixeira de Freitas fez



Abertura do curso de férias oferecido pela Associação Brasileira de Educação ao magistério primário do País, com o apoio do IBGE e do INEP e a participação de todas as unidades federadas. Rio de Janeiro, 1940.

estudos secundários em Curitiba, PR, e graduou-se em Direito em 1911, nesta cidade do Rio de Janeiro.

Iniciou, em 1908, a carreira de servidor público por concurso, para oficial da Diretoria-Geral de Estatística, do MVOP, e depois de cinco lustros recebeu o título de "Funcionário Público n.º 1 do Brasil", em reconhecimento por sua dedicação ao bem comum. Em Minas Gerais, foi delegado do Censo Nacional (1920-1921) e, depois, diretor do Departamento Estadual de Estatística (1922-1930). Após a revolução de 1930, voltou para o Rio, tendo sido nomeado Diretor-Geral de Informações, Estatística e Divulgação, na Secretaria de Estado recém-criada pelo Decreto n.º 19.402, de 14 de novembro de 1930, com a denominação de Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, instalado pelo Ministro Francisco Campos.

Nesse posto (de 1931-1935) realizou a organização e sistematização da estatística educacional no País, na forma do Convênio de 1931, entre a União e as unidades federadas, Convênio esse que nasceu de vigorosos debates na IV Conferência de Educação promovida pela ABE, sob o patrocínio do Governo Federal. Posteriormente, foi secretário-geral do Conselho Nacional de Estatística (1934), organizador e o primeiro Secretário-Geral do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (1936-1955).

TEIXEIRA DE FREITAS, O HOMEM E O CIDADÃO

Tive a ventura de conhecer Teixeira de Freitas, há muitos anos atrás, talvez em 1934 ou 35. Menino ainda fui levado por meu pai, Lourenço Filho, ao edifício de *A Noite*, na Praça Mauá, que era então o mais alto prédio da cidade. Lá funcionava a Diretoria de Estatística da Educação, e fui conhecer

o Dr. Teixeira, de quem ele era amigo e a quem fazia muitos elogios. Nos anos seguintes, revi o Dr. Teixeira várias vezes: em palestras na Sociedade de Estatística, demoradas e animadas, sobre avaliação escolar; em 1937, quando, apaziguador de ânimos, foi procurar Lourenço Filho, irredutivelmente demissionário do Departamento Nacional de Educação - DNE. Ou na ABE, em alguma comemoração cívica; ou no IBGE, em alguma conferência. E ainda, mais de uma vez, em set./1945, quando pedia anotações para o discurso "O problema da educação nacional" a ser feito na Bahia pelo candidato General Eurico Dutra.

A imagem que eu tinha construído do Dr. Teixeira era a de um homem sério e austero, conciliador e articulador, colaborador e incentivador do esforço pelo bem comum. Em 1949 saí do Rio e não mais o vi, dele tendo notícia pelos jornais, sobre o Censo de 50, sobre o IASI, e sobre a crise no IBGE. Ele faleceu em 1956.

Muitos anos depois, em 1973, quando tive em mãos um livro de Fernando de Azevedo, intitulado "Figuras de meu convívio", no capítulo "Idealismo e Espírito Público" (13), senti-me como que na presença de Teixeira de Freitas:

"Esse homem retraído e melancólico, a que o traçar severo e os óculos escuros emprestavam aspecto mais sombrio, andando sempre de cabeça baixa e falando a meia voz, muito perto do interlocutor e inclinando para ele, era, no entanto, uma força viva e um dos cidadãos de maior prestígio e influência no País. Prestígio pessoal, sem dúvida, que não provinha de cargos e posições nem se escudava no poder de grupos, mas dele se desprendia como esse fluido estranho que emana da personalidade inteira e da conduta inspirada por uma nobre e generosa concepção de vida. Afável, mas sem perder a gravidade de seu aspecto; prudente e reser-

vado, um pouco tímido, a não ser quando defendia em público suas idéias, existir, para ele, como para Kirkgaard, era sempre "escolher e apaixonar-se", mas de uma paixão, por assim dizer, concentrada, avessa a arrebatamentos e marcada por uma pertinácia que ia às vezes até a obstinação. Pelo gosto dos colóquios, por sua voz macia, que não raramente resguardava com a mão à boca, falando-nos quase ao ouvido, tinha mesmo, uns ares de conspirador, e o foi terrível, mas a seu modo. Se o víamos a um canto, no saguão de um hotel, à mesa de um restaurante, à porta de uma livraria, a conversar com um amigo, podíamos logo dizer, sem enganos, que estava conspirando. Não contra alguém, nem contra os poderes constituídos, mas a favor do Brasil. Era sempre um problema do País que discutia, uma campanha que projetava desencadear" (5:119).

Sobre seu espírito democrático e o sentido de cooperação que o conduziram aos "convênios", diz ainda Fernando de Azevedo:

"Quando em circunstâncias as mais diferentes, debatia qualquer problema ou submetia seus pontos de vista à apreciação de outros, conservava-se completamente alheio a tudo o que se passava à volta de si mesmo e da pessoa ou do grupo com que mantivesse conversação. Concentrava-se ao ponto de se deixar absorver inteiramente, no estudo de cada um dos problemas que o preocupavam e das soluções que lhe pareciam melhores e eram não raramente "ideais", às vezes lógicas demais para se ajustarem à realidade; concentrava-se ainda, quando, impelido pela vontade de bem fazer, pelo firme propósito e pelo gosto da ação, se lançava à grande aventura de conquistar adesões para suas idéias e seus planos. Por conferências públicas, por cartas, freqüentes e longas, por palestras para as quais nunca lhe faltava tempo, recomeçava, em cada campanha, o seu penoso trabalho de conquista e de persuasão, por ataques sucessivos com que, se nem sempre vencida pelos argumentos, edificava a todos por seu idealismo e espírito público. Conversar, então, com Teixeira de Freitas era como que estar num confessionário. Mas era ele quem se confessava primeiro, para que o outro, vendo-o tão de coração aberto, também se abrisse com ele".

"Nesses processos de ação, por contatos e entendimentos repetidos, já se revelava o seu espírito essencialmente democrático, com qualquer coisa de apostólico, que se refletia também no gosto de trabalhar em *equipes* e nesse sentido, extremamente vivo, de cooperação de que nasceu e, nele, tomou corpo a idéia dos "convênios". Era, sim, e muito dele essa capacidade de proselitismo, mas sem qualquer violência nos gestos e nas palavras; e, quando se inflama, há mais emoção na defesa de suas idéias do que agressividade na oposição às idéias alheias" (5:120-121).

Na II Conferência Nacional da ABE, em novembro de 1928, em Belo Horizonte, presidida pelo professor Fernando de Magalhães, M. A. Teixeira de

Freitas apresentou uma tese à 10.^a Seção - Assuntos Especializados - sob o título: "A necessidade de reorganizar o serviço geral de estatística do País e o de cartografia". (17: Relatório de Tobias Moscoso). Teria sido esse seu primeiro contato com a ABE?

O próximo terá sido por certo na IV Conferência Nacional da ABE, que se realizou no Rio de Janeiro, em dezembro de 1931, sendo Presidente da ABE Fernando de Magalhães, e Presidente da Conferência Belisário Pena, Diretor da Saúde Pública. O tema geral era "As grandes diretrizes da Educação Popular", e mais seis temas especiais, destacando-se "As estatísticas escolares de forma padronizada", sugerido por Teixeira de Freitas, com o seguinte desdobramento:

"- Como se devem constituir os padrões brasileiros para as estatísticas do ensino, tanto particular como oficial, em todos os seus ramos?

- Que registros devem ser criados, em que moldes e em que condições, para que as estatísticas escolares brasileiras possam ser levantadas nas requeridas condições de compreensão, veracidade e rapidez?

- Que bases são aconselháveis para um convênio entre a União e as unidades políticas do País, a fim de que as nossas estatísticas escolares se organizem e se divulguem com a necessária oportunidade e perfeita uniformidade de modelos e resultados, em publicação de detalhe e de conjunto, ficando aquelas a cargo dos Estados, do Distrito Federal e do Território do Acre, e cabendo as segundas à iniciativa federal?" (12: Programa da IV Conferência).

À sessão de abertura da IV Conferência, no Teatro Municipal, compareceram o Chefe do Governo, Getúlio Vargas, e o Ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, que vieram à primeira assembleia de educadores reunida depois do triunfo da Revolução conferir-lhe o dever de traçar o rumo à obra de educação que o Governo teria de empreender.

Dos debates na IV Conferência teve origem o *Convênio* entre a União, os Estados, o Distrito Federal e o Território do Acre, para o *aperfeiçoamento e uniformização das estatísticas educacionais e conexas*, assinado a 20 de dezembro de 1931, e o sucesso dessa iniciativa deveu-se especialmente a M. A. Teixeira de Freitas, que, como delegado do Governo Federal, assinou o texto de vinte e sete cláusulas do Convênio (9, vol. I: 8-19).

Outra consequência da IV Conferência foi a elaboração e divulgação de um documento contendo os princípios de uma política educacional democrática. Com o título "A reconstrução educacional no Brasil", o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, lançado ao Povo e ao Governo*, em março de 1932, foi subscrito por vinte e seis educadores, professores e intelectuais de prestígio, em sua maioria associados da ABE (3, 4 e 7: 129-130).

Em fins de 1932 e início de 1933, realizou-se em Niterói a V Conferência Nacional, sendo Presidente da ABE Afranio Peixoto. Essa Conferência promoveu estudos e debates para dar sugestões



A Associação Brasileira de Educação presta homenagem a Teixeira de Freitas, tendo como orador o Prof. Celso Kelly. Rio de Janeiro, 9 de junho de 1941.

ao capítulo da Educação e Cultura da futura Constituição do Brasil. Para isso a ABE incluíra em seu programa a questão: "Quais as atribuições respectivas dos Governos federal, estaduais e municipais relativas à educação?" Nessa Conferência foi elaborado anteprojeto do capítulo, depois submetido a amplos debates e revisões, e foi também redigido esboço de um plano nacional de educação (13).

M. A. TEIXEIRA DE FREITAS, NA PRESIDÊNCIA DA ABE - NACIONAL

No Rio de Janeiro, em jun./jul. de 1935, realizou-se o VII Congresso Nacional de Educação, com o tema geral: "Educação física e escotismo"; e um tema especial: "Organização dos Conselhos Estaduais de Educação" (3).

Na sessão de instalação com a presença do Presidente da República, Getúlio Vargas, falaram o Ministro Capanema, o Prefeito Pedro Ernesto, o Presidente da ABE-Nacional, Lourenço Filho, e o delegado das representações estaduais.

Conforme o Estatuto da ABE, de 1932, a eleição do Presidente, do Vice-Presidente, do Secretário e do Tesoureiro, bem como dos demais Membros do Conselho Diretor da ABE-Nacional deveria ser feita na Assembléia Geral, por ocasião da Conferência Nacional.

Dentre os eleitos na VI Conferência reunida em março de 1934, em Fortaleza, destacaremos alguns membros do Conselho Diretor: Fernando de Azevedo, Teixeira de Freitas, Carneiro Leão e Juraci Silveira.

No VII Congresso, de 1935, Mario Augusto Teixeira de Freitas foi eleito Presidente da ABE-Nacional; empossado a 7 de julho de 1935, exerceu a presidência até 19 de dezembro de 1938, quando deu posse a Fernando de Azevedo.

As atividades que Teixeira de Freitas desenvolveu nos três anos e cinco meses de seu período

de presidência estão minuciosamente narradas no discurso-relatório que pronunciou ao transmitir o cargo a seu sucessor (10). Destacaremos alguns pontos para ilustrar o seu espírito democrático, a confiança na obra educativa, suas nobres aspirações de melhoria da vida coletiva.

Começemos por mencionar a sua preocupação pela expansão da ABE-Nacional:

"Ao assumir a presidência desta federação de sociedades de educação, em 7 de julho de 1935, encontrei a ela filiados ..." (...) e a seguir relata as dificuldades que teve para regularizar as situações das sociedades filiadas. De fato, apesar de seus esforços e, admitamos, de seu ideal lançado no Estatuto de 1932, essa federação acabou por desaparecer.

A seguir, sobre a falta de uma revista da ABE, diz: "Passo a aludir a uma tentativa que tive o pesar de ver frustrar-se, mas que a Associação precisa recomençar mais dia menos dia. Refiro-me à nossa Revista. A saudosa "Schola" precisa reviver, com o antigo ou com outro nome; com a mesma finalidade, ou com outra ainda mais ampla. (...)" No ano seguinte, 1939, em fevereiro, publica-se o número 1 de "Educação" - órgão da ABE, que traz seu discurso-relatório às páginas 7 a 14. A revista "Educação" publicou-se durante vários anos (10).

Um novo recurso de publicidade da ABE que deu certo foram os "Comunicados de Imprensa". Já com experiência na Diretoria de Informações, Estatística e Divulgação, do Ministério da Educação e Saúde Pública, que enviava comunicados à imprensa, Teixeira de Freitas, desde o início do mandato na ABE, empenhou-se em criar "... o nosso serviço de propaganda e informações", mas só o conseguiu três meses depois: "Pensávamos em lançá-los regularmente à razão de dez por mês. Não o conseguimos. Mas esse esforço, uma vez começado, em outubro de 1935, não foi abandonado. E creio

que ele tem sido útil". De out./35 a out./38 foram feitas 18 séries, num total de 180 comunicados. Mas não conseguiu reuni-los em volume, ainda durante seu mandato, porque programou volumes de 200 comunicados. Em 1941, porém, pelo Serviço Gráfico do IBGE, saiu o Vol. I, sob o título "ABE - Instruindo e Divulgando: Comunicados à Imprensa", n.ºs. 1 a 200, 1935-1940, 372 p. Em julho/1936 completou-se a 10.ª série com o Comunicado de n.º 100, "Encerrando nossa primeira ronda", do qual destacaremos alguns trechos:

"Um dos principais pontos do programa da ABE tem sido, e é, o de concorrer para o fortalecimento de uma opinião pública esclarecida em Educação. Cursos, conferências, congressos, debates, publicações vinham desde muito servindo a esse objetivo, pelo qual se tem estabelecido nexo de verdadeiro sentimento nacional entre os esforços dos estudiosos do assunto, e se tem estimulado entendimento entre técnicos e administradores do ensino."

"Na verdade, porém, sentia-se que os resultados dessa atuação ficavam ainda circunscritos ao círculo limitado dos próprios educadores - melhor irmãos por ela para uma causa comum, é certo - mas já, naturalmente, devotados aos problemas de ordem geral ou particular que essa atuação pudesse envolver. (...)

"A educação é direito de todos", diz a Constituição da República, seus problemas não interessam, assim, tão-somente aos educadores de ofício, mas a todos os cidadãos, quaisquer que sejam as suas preocupações imediatas e o seu nível de cultura. (...)

"Nasceu, por isso, a idéia destes comunicados, cujo fito seria menos o de impor princípios ou regras, que o de informar e o de suscitar a atenção de todos os espíritos de boa vontade para uma obra comum. (...)" E concluía:

"Nos domínios da educação, não há, porém, tarefas concluídas. Ronda feita, ronda por fazer-se ... O grande segredo não é o da cooperação de um momento, mas o da continuidade na conjugação de esforços com o empenho de todos para o desenvolvimento de uma opinião pública esclarecida. A ABE continuará no seu modesto esforço de conclamar os espíritos. E a imprensa continuará, por certo, como até aqui, no seu patriótico empenho de aproximar o pensamento dos que estremeçam pelas coisas do Brasil." (19:157-8).

Dentre os vários projetos que, na presidência da ABE, Teixeira de Freitas inicia ou continua, e por eles se empenha com idealismo e tenacidade, devem ser citados:

- o da obtenção de uma sede condigna para a ABE e outras instituições de cultura, inclusive o IBGE; conhecido como "a construção do Palácio do Silogeu Brasileiro" na esquina da Avenida Augusto Severo (n.º 4) com a Av. Beira-Mar (9, vol. II: 97-115);

- o da campanha da grafia simplificada, com apoio do Conselho Brasileiro de Geografia e do Conselho Nacional de Estatística, e do memorial do Sétimo Congresso Nacional de Educação, e nu-

merosas instituições culturais e científicas, e manifestação de intelectuais (9, vol. II: 21-69);

- o memorial originado no VII Congresso Nacional de Educação que focalizava o Plano Nacional de Educação e a Convenção Nacional de Educação, como aspirações de um sistema cooperativo de atuação dos Governos federal, estaduais e municipais. A Convenção havia sido autorizada pelo Decreto n.º 24.787, de 14 de julho de 1934, e depois de convocada, teve sua realização adiada e, com a caducidade da autorização, não se fez; o Plano começou a ser estudado por uma pesquisa de opiniões, que serviu de base a um anteprojeto a ser enviado à apreciação do Conselho Nacional de Educação, mas não teve prosseguimento, com o fechamento do Congresso em nov./1937 (9, vol. II: 178-180; 10: 10-11; 8:176-188);

- para comemorar os aniversários do Convênio de Estatísticas Educacionais de 1931, a ABE vinha realizando a 20 de dezembro de cada ano reuniões de delegados dos governos signatários, nas quais eram inauguradas exposições de documentação pedagógica e de resultados das estatísticas escolares; como o 5.º aniversário, em 1936, deveria coincidir com a 1.ª Sessão do Conselho Nacional de Estatística, ficou deliberado dar maior vulto naquele ano, com a 1.ª Exposição Nacional de Educação e Estatística; agindo de comum acordo foi inaugurada a 20/dez./1936, nos salões e galerias do Instituto de Educação do DF, essa Exposição de iniciativa *abeana*, na qual o presidente da ABE foi representante da administração federal (9, vol. II: 243-252; 10 : 11-12);

- em várias ocasiões a presidência da ABE foi solicitada a participar de solenidades e iniciativas culturais, e realizar palestras: na inauguração da Rádio Jornal do Brasil (ago./1935); na Semana Nacional de Educação (7-12 out./1935) sob o patrocínio do Ministro Capanema (10:9);

- o VIII Congresso Nacional deveria realizar-se em Goiânia, em jun./1939, quando do ato da inauguração oficial da cidade-capital, constituindo o "batismo cultural"; muitos outros eventos serão também realizados, como a 2.ª Exposição de Educação e Estatística, em trabalho comum com o IBGE (10:12); contudo Goiânia somente foi inaugurada em jul./1942;

- o último projeto mencionado no Relatório é a participação da ABE na realização da VIII Conferência Mundial de Educação, no Rio de Janeiro, em agosto do ano seguinte, de 1939, sob o patrocínio do Governo Brasileiro e da Federação Mundial das Associações de Educação (10:12-13). Infelizmente, as condições internas do País e as condições internacionais muito tensas em meados do ano de 1939 levaram ao cancelamento da realização da VIII Conferência Mundial do Brasil.

Ao empossar-se na presidência da ABE Nacional a 19 de dezembro de 1938, Fernando de Azevedo declara:

"... a consciência já tão vigilante de minhas responsabilidades aviva-se, a ponto de me perturbar, ao receber essa investidura das mãos de Teixeira

de Freitas, homem de pensamento e de ação, trabalhador infatigável, que sempre se manteve fiel a si mesmo, no meio da complexidade dos acontecimentos. Pertencendo a uma raça de homens que parece extinguir-se - a daqueles que vivem da idéia e pela idéia -, conseguiu, no entanto, associar, mantendo-as em equilíbrio, uma fidelidade irreduzível às suas convicções e uma incomparável fidelidade pessoal aos seus companheiros e ainda aos amigos que, não partilhando inteiramente de suas idéias, comungavam com ele no mesmo desejo ardente de servir à causa da educação nacional. Figura apostolar, de uma grande devoção de alma e de uma sensibilidade superaguda, tem o sentimento profundo, mas não apaixonado, da religião, em cujas fontes mais puras alimentou a força de seus ideais, fazendo da fé não um meio de separar os homens, mas um instrumento maravilhoso para atraí-los, aproximá-los e uni-los, pela doçura, pela bondade e pela dedicação. Ele foi, em todo o período de seu mandato, um grande exemplo a seguir, pelas provas constantes que sempre deu de um espírito de tolerância e de uma largueza de idéias que muitas vezes lhe permitiram dissipar desconfianças, quebrar resistências e aplinar, para a ação, um vasto campo senão de acordo, ao menos de convergência de esforços no interesse coletivo. Não podia efetivamente ter sido confiada a direção dos trabalhos desta sociedade a mãos mais firmes e seguras do que as desse brasileiro ilustre que, pela dignidade de vida, retidão de caráter e nobreza de coração, conquistou simpatias diante das quais pareceram desarmar incompreensões e divergências, incompatibilidade e conflitos" (11:15).

Nos anos seguintes ao término de seu mandato na ABE, Teixeira de Freitas continuou a dar apoio aos companheiros e à sociedade *abeana*. Contudo, as tarefas na Secretaria-Geral do IBGE passaram a absorver bastante o seu tempo, dividido com a Direção da Estatística de Educação e Saúde.

Os estudos de Estatística da Educação continuaram, e alguns títulos importantes de trabalhos de Teixeira de Freitas surgem nesse período:

- "Dispersão demográfica e escolaridade", apresentado no Nono Congresso Brasileiro de Geografia, em Florianópolis, set./1940;

- "A Evasão escolar no ensino primário brasileiro", comunicação à Sociedade Brasileira de Estatística, na 1.^a sessão pública, a 5 nov./1940;

- "Ainda a Evasão escolar no Ensino Primário Brasileiro", comunicação à Soc. Bras. Estatística, jul./1941;

- "Novos objetivos para a Educação no Brasil", jun./1945;

- "Formação do homem brasileiro como trabalhador e cidadão da democracia", jun./1945 (solicitado pela ABE e destinado ao IX Congresso Brasileiro de Educação);

- "O Ensino Primário Brasileiro no decênio 1932/1941";

- "A Escolaridade Média no Ensino Primário Brasileiro", 1948.

Em 1954, a Associação Brasileira de Educação concedeu-lhe o título de Sócio Honorário, que foi entregue em sessão solene do Conselho Diretor, em 22 de novembro de 1954, com a saudação proferida pelo Professor Adalberto Menezes de Oliveira. Foram destacados seus serviços à ABE e a contribuição aos estudos da educação brasileira (16:25-28). A sessão foi presidida pelo Professor Marcos Almir Madeira, Presidente da ABE, e estiveram presentes, dentre outros membros do Conselho Diretor, Anísio Teixeira, Celso Kelly, Lourenço Filho, Mario Paulo de Brito e Juraci Silveira. O homenagem pronunciou longo e comovido discurso historiando todos os cuidados que havia posto no conhecimento da realidade educacional que possuímos (14:12-22).

Em fev./1957, no primeiro aniversário do falecimento de Teixeira de Freitas, várias entidades e sociedades realizaram em conjunto uma sessão de homenagem. O representante da ABE (Lourenço Filho) (6:6) disse em sua oração:

"Há um longo período da história da Associação Brasileira de Educação que não poderá ser escrito sem que se mencione em cada linha o nome de Teixeira de Freitas. A partir de 1931, foi ele o grande autor de toda uma série de brilhantes conferências nacionais de educação. Foi ele o realizador, numa dessas conferências, do batismo cultural de Goiânia. Foi ele o criador das "exposições do ensino e educação". Foi o autor, o coordenador, o editor de grande número de publicações de mais alta valia para os educadores. Foi ele, na presidência da Associação, o animador de sua expansão nacional. Numerosos projetos e planos por que a ABE se bateu, e ainda agora se bate, são de sua inspiração, senão de sua pena de mestre, em todas as minúcias."

"Como em todos os meios em que atuou, malgrado a sua natural modéstia e o empenho em trabalhar anonimamente, Teixeira de Freitas tornou-se na ABE (quisesse ele, ou não) um intérprete de aspirações gerais e, por isso, um condutor natural. Muitas e muitas vezes, nos casos mais intrincados, a primeira pergunta que ocorria à maioria dos *abeanos* sempre foi esta: "Que pensa o Dr. Teixeira sobre o assunto? ..." E, não poucas vezes, houve quem dissesse: "Mesmo as coisas *impossíveis* tornam-se *possíveis* quando o Teixeira de Freitas se põe à frente delas". E isso exprimia a verdade. E acrescentou mais adiante:

"Nesta cerimônia, em que se recorda a memória de um grande brasileiro e também de um grande *abeano*, a Associação Brasileira de Educação deve, em síntese, declarar:

"Teixeira de Freitas merece o culto cívico que devemos aos mais eminentes educadores do País. Teixeira de Freitas merece o reconhecimento da agremiação que tanto soube enaltecer, defender e engrandecer" (6:6).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, Livro de Atas das Reuniões de Assembléia Geral, Rio de Janeiro, 1924.
- 2 - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, Livro de Atas de Assembléias Gerais, Rio de Janeiro, 1933.
- 3 - Luiz Antonio Cunha, "A organização do campo educacional: as conferências de educação", Educação & Sociedade, Ano III, n.º 9, maio 1981: 5-48.
- 4 - Paschoal Lemme, Memórias, INEP/Cortez Ed., 1988, vol. 2, Cap. VI: O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.
- 5 - Fernando de Azevedo, Figuras de Meu Convívio (Retratos de Família e de mestres e educadores), 2.^a ed., São Paulo, Liv. Duas Cidades, 1973, Parte III, Cap. 5, "Idealismo e Espírito Público - Como eu via Teixeira de Freitas"(119-126).
- 6 - Lourenço Filho, "Homenagem a Teixeira de Freitas", EDUCAÇÃO (ABE, Rio de Janeiro) n.ºs. 55/56, 1/2 trim. 1957: 5-6; (repr. in Rev. Bras. de Estudos Pedagógicos, Vol. XXIX, N.º 69, jan.-mar., 1958: 168-171).
- 7 - Otaíza de Oliveira Romanelli, História da Educação no Brasil (1930/1973), Petrópolis, Ed. Vozes, 1978, Cap. 4: "A organização do ensino e o contexto sócio-político após 1930" (128-130).
- 8 - Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomery, Vanda Maria Ribeiro Costa, Tempos de Capane- ma, São Paulo, EDUSP/ Paz e Terra, 1984.
- 9 - IBGE, O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a Educação (Elucidário apresentado à Primeira Conferência Nacional de Educação), Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do IBGE, 1941, Volumes I e II.
- 10 - Mario Augusto Teixeira de Freitas, "A Associação Brasileira de Educação e suas atividades no período de 1935/1938", EDUCAÇÃO (ABE, Rio de Janeiro) Ano 1, n.º 1, fev. 1939: 7-14.
- 11 - Fernando de Azevedo, "A A.B.E e o seu novo Presidente", EDUCAÇÃO (ABE, Rio de Janeiro), Ano 1, n.º 1, fev. 1939: 15-17.
- 12 - Documentos da IV Conferência Nacional de Educação, Arquivo da Associação Brasileira de Educação, Rio, Caixa n.º 2.
- 13 - Associação Brasileira de Educação, O Problema Educacional e a Nova Constituição, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1934. (Reúne os documentos referentes às sugestões para o capítulo da Educação na nova Constituição).
- 14 - Mario Augusto Teixeira de Freitas, A ABE e a Educação Nacional, Discurso ao receber o título de Sócio Honorário da ABE, EDUCAÇÃO (ABE, Rio), n.º 48, jun./1955: 12-22.
- 15 - Marta Maria Chagas de Carvalho, Molde Nacional e Forma Cívica: Higiene, Moral e Trabalho no Projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931), Tese de Doutorado, Fac. de Educação, USP, São Paulo, 1986.
- 16 - Adalberto Menezes de Oliveira, A ABE e a Educação Nacional: Discurso em Homenagem a M. A. Teixeira de Freitas, EDUCAÇÃO (ABE, Rio de Janeiro), n.º 47, mar./1955: 25-28.
- 17 - Documentos da II Conferência Nacional de Educação, Arquivo da Associação Brasileira de Educação, Rio, Caixa n.º 1.
- 18 - Margarida Moita Benedicto Ottoni, Um Grande Brasileiro: M. A. Teixeira de Freitas, Gráf. Muniz, Rio, s/d, 10 p.
- 19 - ABE, Instruindo e Divulgando: Comunicados à Imprensa, n.ºs. 1 a 200, 1935-1940, Serviço Gráfico do IBGE, 1941, 372 p.

Teixeira de Freitas e a sua influência na implementação do Conselho Nacional de Geografia



Foto do palestrante e texto de sua apresentação feita por Lenildo Fernandes Silva, Diretor de Pesquisas do IBGE. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1990.

Christóvão Leite de Castro,
fundador do Conselho
Nacional de Geografia e seu

primeiro Secretário-Geral, acompanhou a trajetória liderada por Teixeira de Freitas que resultou na consolidação do IBGE.

Engenheiro Civil, atuou na instalação do novo Sistema Teleférico do Pão-de-Açúcar.

Membro de várias entidades culturais, foi agraciado com a Medalha do Pacificador e recebeu o título de Colaborador Emérito do Exército. Por suas múltiplas atividades em prol do progresso da cidade do Rio de Janeiro, recebeu o título de Cidadão Carioca e de Benemérito do Estado do Rio de Janeiro.

Teixeira de Freitas e a sua influência na implementação do Conselho Nacional de Geografia

Christóvão Leite de Castro

Introdução

Em dia do mês passado, fui surpreendido com o honroso convite para falar na sessão solene que a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística estava preparando e que ora realiza, para comemorar o I Centenário do Nascimento de Mario Augusto Teixeira de Freitas, em justa reverência à memória da maior personalidade da Estatística Brasileira de todos os tempos.

O convite despertou, no meu espírito, a dúvida íntima se deveria aceitá-lo ou não.

De um lado, a razão, prudente como sempre, a aconselhar-me a não aceitar o convite, porquanto não possuía capacidade intelectual e cultural, ao nível da eloquência da comemoração.

Doutro lado, o coração, palpitante como sempre, a dizer-me, com firmeza, que deveria aceitar o convite, porquanto se tratava de homenagear o magistral Teixeira de Freitas, com quem tive convivência profissional durante muitos anos, por quem tinha amizade imensa, admiração profunda e, sobretudo, gratidão incomensurável pelos benefícios que recolhi, do seu exemplo, da sua sabedoria, da sua cultura, dos seus conselhos, das suas diretrizes, dos seus ideais, da sua pureza, do seu patriotismo.

Predominou a fala do coração.

Afinal, convenhamos: "Le coeur a des raisons qui la Raison ne connait pas".

Em conseqüência, eis-me aqui diante de seletto auditório, ao qual solicito benevolência, porque não trago braçada vistosa de perfumadas flores culturais, mas apenas, junto ao peito, carinhosamente, uma pequenina flor - o amor perfeito da amizade.

Desejo, então, prestar depoimento - o que entendo conveniente e oportuno - sobre a influência do magnífico Teixeira de Freitas, seja na criação do Conselho Nacional de Geografia, seja na sua implantação como órgão componente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, irmanado ao Conselho Nacional de Estatística, com similar estrutura de coordenação nacional, seja na atuação do Conselho, nos seus primeiros anos de existência.

Sinto-me em condições desse testemunho, porque participei da vida do Conselho Nacional de Geografia, desde a sua remota origem.

De fato, por indicação do líder Teixeira de Freitas, fui nomeado, em 1933, Chefe da Seção de Estatística Territorial da Diretoria de Estatística e Publicidade do Ministério da Agricultura, seção essa que foi o embrião, o germe, a origem de que emergiu o Conselho.

Criação do Conselho

A idéia da criação de órgão nacional, incumbido da coordenação das atividades geográficas, começou a ser considerada, objetivamente, quanto à sua concretização, em 1931, por dois grupos de intelectuais: um, o grupo de cientistas, à égide da Academia Brasileira de Ciências; outro, o grupo de estatísticos, sob a liderança do preclaro Teixeira de Freitas.

Com efeito, em 1931, o eminente Professor Alberto José de Sampaio participou do Congresso Internacional de Geografia, realizado pela União Geográfica Internacional, em Paris.

No Congresso, o Professor Sampaio exerceu a vice-presidência da Seção de Biogeografia, em reconhecimento dos seus elevados méritos científicos.

De volta ao Brasil, o Professor Sampaio apresentou à Academia Brasileira de Ciências, da qual era membro, relato minucioso do que foi o Congresso Internacional; e mais, exaltando, com entusiasmo, o excelente trabalho que a União Geográfica Internacional desenvolvia no mundo, em favor da difusão e aprimoramento da Ciência Geográfica, demonstrou quão proveitosa para a Geografia brasileira seria a adesão do Brasil à União Geográfica Internacional.

O apelo do Professor Sampaio mereceu o acolhimento pleno da Academia.

De acordo com os Estatutos da União Geográfica Internacional, deve haver em cada país aderente um comitê, o qual, colocando-se coordenada-



A campanha da descrição sistemática - segundo os acidentes naturais, e os limites territoriais dos 1 574 municípios e 4 811 distritos brasileiros - e a do preparo dos mapas dos territórios dos municípios, que as prefeituras brasileiras confeccionaram por força do Artigo 13 do Decreto-Lei n.º 311, conhecida como a Lei Geográfica do Estado Novo, foram apresentadas na Exposição dos Mapas Municipais, no período de 6 a 10 de março de 1940, no SNR, em que esteve presente o Presidente Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1940.

mente a par das atividades geográficas no País, é o veículo do relacionamento cultural com a União, em especial quanto à efetiva participação nos seus Congressos Internacionais e nas demais atividades culturais.

Em julho de 1933 veio ao Brasil o eminente geógrafo francês, Professor Emmanuel De Martonne, Secretário-Geral da União Geográfica Internacional.

No dia 25 de julho, De Martonne foi recebido pelas instituições brasileiras culturais, da maior categoria - o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e a Academia Brasileira de Ciências -, em sessão solene, na qual o Professor Alberto José de Sampaio pronunciou o discurso de recepção.

Respondendo, em agradecimento, o Professor De Martonne exaltou a riqueza e a variedade dos temas geográficos no nosso extenso País, de dimensões continentais, e declarou que a ciência geográfica brasileira certamente se beneficiaria se, mediante Comitê Nacional de Geografia, se relacionasse com organizações análogas de outros países, por intermédio da União Geográfica Internacional; por isso, encareceu a adesão do Brasil à União.

Logo em seguida, a Academia tentou a criação de Comitê da União Geográfica Internacional como entidade privada; e, nesse sentido, contactou-se com as principais entidades e personalidades, que, no País, desenvolviam atividades geográficas.

A tentativa não teve êxito, sobretudo pela dificuldade de serem conseguidos os recursos financeiros necessários à implantação e ao funcionamento efetivo do comitê.

Mais tarde, a Academia retomou a sua iniciativa, mas em modalidade diferente, ou seja, pugnando pela adesão do Brasil à União Geográfica Internacional, mediante órgão oficial, coordenador das atividades geográficas brasileiras, criado pelo Governo da União, e não mediante entidade privada, como anteriormente formulara.

De fato, em 29 de dezembro de 1934, a Academia apresentou ao Dr. Odilon Braga, então Ministro da Agricultura, memorial no qual sugeriu a adesão do Brasil à União Geográfica Internacional, por intermédio da Seção de Estatística Territorial da Diretoria de Estatística da Produção do Ministério, seção com capacidade de funcionar como Comitê Brasileiro da União, porquanto lhe era atribuição, por lei, entre outras, reunir documentações sobre o território nacional.

Posteriormente, em 1936, o memorial pró-adesão do Brasil à União Geográfica Internacional ganhou duas valiosas adesões: 1) a adesão dos Professores estrangeiros, em missão junto às Universidades de São Paulo e do Distrito Federal, em especial dos eminentes Professores Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig; 2) a adesão da conceituada Associação dos Geógrafos Brasileiros, fundada em São Paulo.

Os Professores estrangeiros e a Associação dos Geógrafos Brasileiros manifestaram-se perante o Ministério das Relações Exteriores.

Também, em 1931, o prodigioso Teixeira de Freitas iniciou a sua vibrante campanha pela criação de sistema oficial de coordenação nacional das atividades estatísticas e geográficas do País.

De fato, em 1931, o pioneiro Teixeira de Freitas era o Diretor da Diretoria de Estatística do Ministério da Educação, quando nela foi realizado estudo de uma "Lei da Estatística", prevendo a instituição de estatuto orgânico da estatística brasileira.

Em 5 de fevereiro de 1932, o inspirado Teixeira de Freitas encaminhou ao Ministro da Educação anteprojeto da criação do "Instituto Nacional de Estatística e Cartografia", o qual foi submetido à apreciação da Comissão Interministerial, que o Governo da União constituiu em 1933.

A comissão decidiu excluir do projeto a parte relativa à Cartografia.

Concomitantemente, em 25 de julho de 1933, foi assinado o Decreto n.º 22.984, no qual, por proposição do obstinado Teixeira de Freitas, foi criada, no Ministério da Agricultura, a Diretoria de Estatística e Publicidade (mais tarde denominada Diretoria de Estatística da Produção), tendo como 1.ª Seção, a Seção de Estatística Territorial, cujas atribuições foram definidas no Regulamento da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, baixado pelo Decreto n.º 23.979, de 8 de março de 1934.

No Artigo 111.º desse regulamento foram definidas as atribuições da Seção de Estatística Territorial, a saber, em síntese: 1) reunir documentações sobre o território nacional; 2) organizar mapoteca do território nacional; 3) elaborar trabalhos cartográficos padrões; 4) promover investigações geográficas, junto às administrações estaduais e municipais; 5) instituir serviço permanente de estatística territorial; 6) estudar as características fisiográficas das regiões do País; 7) executar os desenhos necessários aos levantamentos da Diretoria de Estatística da Produção.

Com o Decreto n.º 24.609, de 6 de julho de 1934, o Governo criou o Instituto Nacional de Estatística, segundo o projeto aprovado pela Comissão Interministerial.

O Instituto foi instalado no dia 29 de março de 1936 e, prontamente, realizou a "Convenção Nacional de Estatística", assinada em 11 de agosto de 1936, estabelecendo o pacto fundamental da Coordenação da Estatística Brasileira; pacto confirmado, em leis posteriores, pelo Governo da União e pelos Governos de todas as Unidades da Federação.

Na cláusula XIII da Convenção, os Governos comprometeram-se a colaborar, através dos serviços técnicos competentes, nos trabalhos geográficos e cartográficos necessários à Estatística, centralizados na Seção de Estatística Territorial da Diretoria de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura.

Colaboração, em especial, no preparo de cartas físicas e políticas do território estadual, bem como de mapas dos territórios municipais, a serem divulgados nos anos milésimo nove, precedentes aos censos gerais do País.

Afinal, em outubro de 1936, o eminente brasileiro, Embaixador José Carlos de Macedo Soares, então Ministro das Relações Exteriores e Presidente do Instituto Nacional de Estatística, entendeu chega-

do o momento de serem atendidos os apelos para a criação de órgão nacional de coordenação geográfica.

Decidiu, então, dar provimento aos nobres anseios, manifestados enfaticamente pelo grupo de cientistas, através da Academia Brasileira de Ciências, objetivando a adesão do Brasil à União Geográfica Internacional, e pelo grupo dos estatísticos, liderados pelo genial Teixeira de Freitas, empenhados na criação de sistema nacional de coordenação das atividades geográficas brasileiras; para que, atuando conjugadamente com o sistema similar da coordenação estatística, propiciasse melhor conhecimento do Brasil atual, da sua terra, da sua população, da atividade multiforme da sua gente.

Então, devidamente autorizado pelo Presidente da República, o Embaixador Macedo Soares convocou as figuras mais representativas da cultura geográfica brasileira, para a elaboração de projeto de lei, criando o almejado órgão nacional de coordenação geográfica.

Assim, nas reuniões havidas, no Palácio Itamarati, nos dias 26 e 29 de outubro e 5, 13 e 18 de novembro de 1936, por ele presididas, o Embaixador Macedo Soares colheu o pensamento dos expoentes da geografia nacional, que foi consubstanciado num projeto.

O Presidente da República, aprovando o projeto, assinou o Decreto n.º 1.527, de 24 de março de 1937, com a seguinte ementa: "Institui o Conselho Brasileiro de Geografia, incorporado ao Instituto Nacional de Estatística, autoriza a sua adesão à União Geográfica Internacional e dá outras providências".

Conforme está relatado, a Criação do Conselho de Geografia foi efetivada pelo Governo da União, influenciado, principalmente, pela argumentação convincente do respeitável Mario Augusto Teixeira de Freitas.

Implantação do Conselho

O Decreto n.º 1.527 instituiu o Conselho como órgão nacional destinado a coordenar as atividades geográficas efetivadas pelos serviços oficiais (federais, estaduais e municipais), pelas instituições e profissionais, congregando-os para um esforço conjunto, cooperativo, em favor do melhor conhecimento do território pátrio (Artigo 1.º).

Instituiu o Conselho incorporado ao Instituto Nacional da Estatística, órgão coordenador das atividades estatísticas brasileiras; com isso, o Instituto completou a sua organização como responsável pelos destinos da Geografia e da Estatística do Brasil, tal como o genial Teixeira de Freitas, idealizara, desde os primórdios da concepção do Instituto em 1931.

Em consequência dessa incorporação da Geografia ao Instituto Nacional de Estatística, o Governo Central, com o Decreto-lei n.º 218, de 26 de janeiro de 1938, atualizou a denominação do Instituto para Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, assim como a denominação do Conselho Brasileiro de Geografia para Conselho Nacional de Geografia.

O Decreto n.º 1.527, no § 2.º do Artigo 2.º, atribuiu à Seção de Estatística Territorial da Diretoria de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura a organização e superintendência dos serviços da Secretaria-Geral do Conselho e investiu o Chefe da Seção no cargo de Secretário-Geral do Conselho.

Assim, coube-me o cargo de Secretário-Geral do Conselho Nacional de Geografia, o qual exerci durante 13 anos, desde 1937 até 1950, sempre guiado pelas diretrizes superiores do Presidente do Instituto, o eminente brasileiro Embaixador José Carlos de Macedo Soares, e sobretudo conduzido pelas orientações, pelos conselhos, pelas colaborações constantes do Secretário-Geral do Instituto, o magistrado Teixeira de Freitas.

O Decreto n.º 1.527 atribuiu ao Conselho Nacional de Estatística o encargo de baixar o regulamento e as instruções que deverão reger a organização e o funcionamento do Conselho Brasileiro de Geografia (Artigo 5.º).

O regulamento foi baixado pelo Conselho Nacional de Estatística, comandado pelo respeitável líder Teixeira de Freitas, seu Secretário-Geral, com a Resolução n.º 15, de 16 de janeiro de 1937.

O regulamento definiu como finalidade do novo Conselho, desempenhar "em relação às atividades geográficas, a mesma função de impulsionamento, coordenação e sistematização que, em relação aos serviços estatísticos, está atribuída ao Conselho Nacional de Estatística" (Artigo 1.º).

Nesse sentido, o regulamento acentuou que o sistema nacional de cooperação, a ser coordenado pelo Conselho de Geografia, deverá compreender a cooperação dos serviços geográficos oficiais (federais, estaduais e municipais), bem como das instituições particulares e dos profissionais que se ocupam da Geografia do Brasil.

O regulamento estabeleceu, então, a estrutura do Conselho de Geografia, de maneira igual à do Conselho de Estatística, compreendendo os seguintes órgãos: a Assembléia Geral, o Diretório Central, os Diretórios Regionais, nas capitais dos Estados, os Diretórios Municipais, as Comissões Técnicas, o Corpo de Consultores Técnicos, o Corpo de Informantes Municipais.

O regulamento definiu, também, a composição e as atribuições de cada um desses órgãos; e estabeleceu que o Conselho Brasileiro de Geografia se instalaria com a realização da 1.ª Reunião da sua Assembléia Geral, no dia 1.º de julho de 1937, em sessão solene conjunta com a Assembléia Geral do Conselho Nacional de Estatística, o que de fato aconteceu.

Cumprir ser assinalado, com admiração e entusiasmo, o fato notável do Conselho Nacional de Estatística, ao comando do profícuo Teixeira de Freitas, ter conseguido efetivar, em tão curto tempo, a instalação solene do Conselho Brasileiro de Geografia, mediante a reunião da sua Assembléia Geral, com a presença de Delegados do Governo Federal e dos Governos de todas as Unidades da Federação.

A assembléia inaugural aprovou 14 resoluções, destacando-se as resoluções seguintes: as que fixaram regimentos aos trabalhos da Assembléia Geral, do Diretório Central, dos Diretórios Estaduais e Municipais; as que dispuseram sobre o funcionamento das Comissões Técnicas e do Corpo de Consultores Técnicos; a que regulou a integração no Conselho das organizações particulares.

Resoluções essas aprovadas com o evidente propósito de serem estabelecidas, de imediato, as diretrizes básicas do funcionamento de todos os órgãos do Conselho.



6.ª Assembléia Geral do IBGE. Mesa diretora dos trabalhos de encerramento, realizados no salão principal do IHGB, quando discursava o Eng.º Christóvão Leite de Castro, então Secretário-Geral do Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro, 24 de julho de 1945.

A assembléia inaugural, de 1937, aprovou também providências específicas, dentre as quais se destacam: adotar a ortografia simplificada nos trabalhos cartográficos; assumir as atribuições de caráter geográfico afetas ao Conselho Nacional de Estatística; e, principalmente, prescrever, como empreendimento fundamental do Conselho, a atualização da Carta Geográfica do Brasil, ao milionésimo, provendo ao seu início imediato.

Após a assembléia inaugural, foi conseguida, com surpreendente presteza, a instalação dos demais órgãos do Conselho, nos âmbitos federal, estaduais e municipais; de tal modo que, em curto prazo, o Conselho passou a funcionar, na plenitude, como sistema nacional de coordenação geográfica.

Essa implantação do sistema geográfico, mediante a instalação dos numerosos órgãos componentes, foi conseguida graças à interferência prestigiosa do Instituto, ao comando do magistral Teixeira de Freitas.

O Conselho de Geografia, quando da sua criação em março de 1937, dispunha de apenas um serviço executivo, a sua Secretaria-Geral, constituída pela Seção de Estatística Territorial, advinda do Ministério da Agricultura.

Como foi dito, em julho de 1937, instalou-se o órgão superior deliberativo do Conselho, a sua Assembléia Geral, e, logo em seguida, o Instituto, mediante a ação conjunta dos seus dois Conselhos, conseguiu a instalação dos demais órgãos componentes do Conselho de Geografia, de âmbito federal, estadual e municipal.

Impunha-se presteza na instalação do sistema nacional de coordenação geográfica, na plenitude, tendo em vista a proximidade da preparação, pelo Instituto, do recenseamento geral em 1940.

Porquanto, nos planos do Instituto, o preparo do recenseamento compreendia a elaboração de estudos geográficos, em especial pesquisas e trabalhos cartográficos, sobretudo quanto à definição nítida e atualizada dos limites de cada município brasileiro e das respectivas dívidas interdistritais.

À medida em que se instalavam os seus numerosos órgãos componentes, em rede nacional, o Conselho desenvolvia a sua atuação, progressivamente, no objetivo de prover o melhor conhecimento da terra brasileira, o mais prontamente possível.

O Conselho atingiu, afinal, potencial expressivo de atuação, a qual foi distribuída por cinco setores de ação básica, a saber: o setor da Coordenação Geográfica, o setor das Publicações Geográficas, o setor do Intercâmbio Cultural, o setor da Cartografia, o setor da Pesquisa Geográfica.

Cumprime-me ressaltar que o Conselho conseguiu alcançar esse vigor de atuação, graças, principalmente, ao apoio que recebeu da ala estatística do Instituto, comandada pelo proficiente Teixeira de Freitas.

Dentre tantas colaborações, prestigiosas e valiosas, merecem ser destacadas: a ocupação e manutenção da sede do Conselho; a obtenção dos re-

ursos orçamentários; o uso do Serviço Gráfico do Instituto; o apoio da participação nas campanhas, estudos e trabalhos técnicos, que exigiam o entrosamento com os serviços pertinentes, quer oficiais, quer particulares, espalhados pelo País; em especial, a inclusão de importantes trabalhos geográficos e cartográficos no programa de preparação do Recenseamento de 1940, trabalhos a cargo do Conselho Nacional de Geografia.

Exemplo eloqüente, de entusiasmar, que ocorreu no setor da Coordenação Geográfica, foi a vitoriosa Campanha dos Mapas Municipais, encetada pelo Instituto, em apenas dois anos, do meado de 1938 ao meado de 1940, tendo cabido ao Conselho de Geografia a orientação técnica da campanha, mediante a fixação das normas da elaboração dos mapas.

Campanha dos Mapas Municipais

O Conselho foi criado tendo por finalidade principal a coordenação das atividades geográficas brasileiras; por isso, foi programada a sua composição com órgãos denominados diretórios, para atuar nas sedes do País e nas sedes dos estados e municípios, com dois objetivos básicos: 1) ter conhecimento exato e atualizado dos estudos geográficos e cartográficos, empreendidos pelos pertinentes serviços oficiais e particulares; 2) promover a participação desses serviços pertinentes nas campanhas, nos levantamentos e estudos promovidos pelo Conselho, de caráter nacional, em regime de cooperação.

Atendendo solicitação do Presidente do Instituto, o Governo da União baixou o Decreto-lei n.º 311, de 2 de março de 1938, dispondo sobre a divisão territorial do País e instituindo uma sistemática para a divisão dos estados em municípios e destes em distritos.

A solicitação impunha-se, porque o Instituto, já empenhado nos preparativos do recenseamento geral em 1940, encontrava dificuldades em face da desordem e confusão que reinava no quadro territorial do País, em conseqüência de numerosas anomalias.

Dentre tantas anomalias, causavam mais embaraços: a falta de definição de limites ou delimitação defeituosa de circunscrições, configuração absurda, extraterritorialidade, denominações duplicadas ou longas, titulação de cidade e de vila por critérios vários.

Nesse sentido, a Lei n.º 311, no Artigo 16, determinou que a divisão territorial de cada estado fosse estabelecida mediante lei geral quinquenal, devendo a 1.ª lei ser baixada prontamente, para entrar em vigor no dia 1.º de julho de 1938, tendo em vista as exigências da preparação esmerada do Recenseamento de 1940.

No Artigo 13, o Decreto-lei n.º 311 determinou às Prefeituras de todos os municípios brasileiros a obrigação de elaborar mapas dos seus territórios, entregando-os em duas vias ao Diretório Regional do Conselho Nacional de Geografia.



Curso de Cartografia do Conselho Nacional de Geografia, destinado aos funcionários das repartições estaduais, inaugurado na Sala Varnhagen, do IHGB. Rio de Janeiro, 1942.

Determinou ainda a Lei n.º 311, no § 1.º do Artigo 13, que os mapas municipais, mesmo aqueles levantados de modo rudimentar, deveriam satisfazer os requisitos mínimos fixados pelo Conselho Nacional de Geografia.

O Conselho cumpriu, prontamente, a tarefa determinada pela lei, pois, no dia 29 de março de 1938, com a Resolução n.º 3 do seu Diretório Central, estabeleceu os requisitos mínimos previstos na lei.

Levando em conta que municípios brasileiros, em bom número, não dispunham de recursos financeiros e técnicos abundantes, o Conselho estabeleceu os requisitos, com prudência, sobretudo quanto à elaboração técnica do mapa municipal.

Assim, admitiu a precisão compatível com os processos de levantamento expedito, nos casos de não ser possível a adoção de processo de melhor precisão.

A Resolução n.º 3 estabeleceu requisitos mínimos quanto ao papel, ao formato, à escala, ao perímetro e suas confrontações, às dívidas interdistritais, às elevações, aos cursos de água, às ferrovias, rodovias e caminhos vicinais, às linhas telefônicas e telegráficas.

A resolução apresentou, como anexos, quadro das convenções e um mapa municipal modelo.

O Conselho enviou, prontamente, a sua Resolução n.º 3 com os anexos, as prefeituras de todos os municípios brasileiros; enviou-os, também, aos governos de todos os estados, aos quais encareceu assistência às prefeituras e a possível colaboração na elaboração, a tempo, dos seus mapas municipais, conforme disposto a respeito na Resolução n.º 29, de 20 de julho de 1938, da Assembléia Geral do Conselho.

Nas suas instruções, o Conselho teve em mira, de modo especial, a necessidade de serem concor-

dantes as descrições feitas pelas prefeituras de dois municípios confrontantes, da respectiva divisa intermunicipal.

Os Estados de Minas Gerais e de São Paulo, dotados de excelentes departamentos geográficos, resolveram assumir a elaboração de todos os mapas municipais, mediante convênios com as prefeituras; desse modo foram os estados que apresentaram os mapas municipais, em melhores condições de precisão, já que baseados na extensa rede estadual de levantamentos geodésicos e topográficos.

Em outros dez estados (Alagoas, Amazonas, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte), embora não dotados de serviço geográfico, especificamente, o governo estadual, atendendo à recomendação encarecida do Conselho, instituiu sistema de cooperação com as prefeituras, objetivando o preparo dos seus mapas municipais, nas melhores condições possíveis.

A Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia com a Resolução n.º 60, de 22 de julho de 1939, "baixou as normas para o recebimento, aprovação e exposição dos mapas municipais, que as prefeituras apresentarão, até 31 de dezembro do corrente ano, em observância à lei nacional n.º 311".

Essa resolução foi enviada, imediatamente, a todos os governos dos estados e a todas as prefeituras municipais.

A campanha dos mapas municipais, embora realizada no curto prazo de dois anos, foi coroada de êxito, pois todos os 1 574 municípios brasileiros apresentaram, a tempo, os seus mapas.

Assim, no dia 24 de março de 1940, ocorreu, nas capitais de todas as Unidades da Federação, a inauguração oficial das exposições de todos seus mapas municipais, em solenidade à mesma hora,

quando o Embaixador Macedo Soares, Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, pronunciou o discurso oficial da inauguração simultânea das exposições estaduais, em irradiação especial da *Hora do Brasil* pelo então Departamento de Imprensa e Propaganda.

E, no dia 29 de maio de 1940, dia do 4.º aniversário da instalação do então Instituto Nacional de Estatística, o Presidente Getúlio Vargas inaugurou, na Capital Federal, a "Exposição Nacional dos Mapas Municipais", apresentando o mapa de cada um dos 1 574 municípios brasileiros, acompanhado do relatório da sua elaboração, da descrição do seu perímetro e das dívidas interdistritais e de coletânea de fotografias elucidativas.

O Decreto-lei n.º 311 foi cognominado "Lei Geográfica do Estado Novo", com propriedade, por tal forma e com tanta intensidade e presteza, que provocou, em todos os recantos do País, a elaboração de estudos geográficos, a efetivação de levantamentos geodésicos e topográficos, a pesquisa bibliográfica sobre as características do território municipal.

A Secretaria-Geral do Conselho fez avaliação da qualidade técnica dos 1 574 mapas municipais, mediante a análise dos seus aspectos básicos: escala, processo de levantamento, categoria do operador e orientação.

Eis os resultados da avaliação:

Quanto à escala

de 1: 25 000 a 1:100 000	1 044 =	66,33 %
de menos de 1: 100 000 a 1: 200 000	348 =	22,11 %
de menos de 1: 200 000	182 =	11,56 %
soma.....	1 574	100,00 %

Houve, portanto, o predomínio das escalas maiores, conforme foi recomendado nos requisitos mínimos estabelecidos pelo Conselho.

Quanto ao processo de levantamento

Predomínio

de levantamento preciso	377 =	23,95 %
de levantamento expedito	796 =	50,58 %
de levantamento esquemático	401 =	25,47 %
soma	1 574	100,00 %

Em apenas 25,47% dos mapas, a sua elaboração ocorreu ao predomínio do levantamento esquemático.

Quanto à categoria do operador

Serviço oficial (federal, estadual)	797 =	50,64 %
Serviço municipal	29 =	1,84 %
Profissional (engenheiro, topógrafo, agrimensor)	748 =	47,52 %
soma	1 574	100,00 %

Todos os mapas foram elaborados por técnicos, praticamente, metade por técnicos de serviços oficiais, pertinentes, metade por profissionais técnicos autônomos.

Quanto à orientação

Referência a meridiano (Greenwich, Rio de Janeiro)	994 =	63,15 %
Orientação do norte (verdadeiro, magnético)	520 =	33,04 %
Sem meridiano e sem norte	60 =	3,81 %
soma.....	1 574	100,00 %

Em apenas 3,81% dos mapas municipais não foi registrada a orientação, referida seja a meridiano, seja ao norte.

Esses índices mostram que, em conjunto, foi razoável a qualidade técnica dos mapas municipais; aliás, melhor do que se presumia, tendo em vista as dificuldades financeiras e técnicas que prefeituras, em bom número, enfrentavam.

Publicações Geográficas

Setor de ação que, nos primeiros anos de vida do Conselho, mereceu dedicados esforços foi o das Publicações Geográficas.

A Assembléia Geral, órgão deliberativo do Conselho, com a sua Resolução n.º 18, de 12 de julho de 1938, determinou a publicação, pelo Conselho, da *Revista Brasileira de Geografia*, trimestral, objetivando: a difusão do conhecimento do território pátrio; a divulgação da moderna metodologia da pesquisa geográfica, do ensino da geografia e dos levantamentos geodésicos e topográficos; a informação das atividades geográficas e cartográficas em curso no País.

A Resolução n.º 18 atribuiu à Secretaria-Geral do Conselho a responsabilidade pela redação da revista e ao Serviço Gráfico do Instituto a sua impressão.

O número inaugural da revista surgiu, prontamente, em janeiro de 1939, e os números subsequentes saíram, com pontualidade, no seu ritmo trimestral.

Para auxiliar a secretaria do Conselho no preparo dos números da revista foi constituída Comissão de Redação, composta de geógrafos insígnies.

A revista decidiu apresentar resumo de cada artigo em francês, inglês, alemão, italiano, espanhol e esperanto.

A revista esmerou-se na ilustração adequada da sua matéria, com fotografias, desenhos e mapas bem selecionados.

Nesse particular, merecem menção especial os maravilhosos desenhos, a bico de pena, executados pelo admirável artista brasileiro Percy Lau, ilustrando as duas séries de artigos, intitulados "Vultos da Geografia do Brasil" e "Tipos e Aspectos do Brasil".

Na realidade a revista, emparelhando-se com as melhores revistas geográficas internacionais, conquistou, rapidamente, o mais elevado conceito nos meios culturais do País e do exterior, devido ao seu

elevado nível cultural, à excelência das contribuições ao melhor conhecimento do território pátrio, à divulgação ampla das atividades geográficas em curso no País, à aplicação da moderna metodologia da Geografia como ciência, à pontualidade trimestral, ao esmero da sua impressão. A *Revista Brasileira de Geografia* subsiste até hoje, continuando, portanto, a fornecer valiosos subsídios, para que haja conhecimento do território brasileiro, mais amplo, mais apurado, mais atualizado.

Em março de 1943, o Conselho lançou outra publicação periódica, intitulada *Boletim Geográfico*; mensário, para atender à necessidade de serem informados, bem e prontamente, quantos no País se dedicavam aos estudos geográficos e aos trabalhos geodésicos e cartográficos, atividades essas que experimentaram expansão bastante acentuada com a atuação do Conselho.

O *Boletim Geográfico* compreendia quatro seções - Informações, Notícias, Bibliografia e Legislação - através das quais dava amplo conhecimento das atividades geográficas desenvolvidas no País, em cada mês.

Em conseqüência das reformas em sua estrutura, o IBGE suspendeu a publicação do *Boletim Geográfico*.

Mais tarde, a Assembléia Geral, órgão deliberativo superior do Conselho, aprovou a Resolução n.º 68, de 12 de julho de 1941, instituindo a "Biblioteca Geográfica Brasileira", destinada à publicação de obras importantes sobre assunto geográfico, de autoria de insígnis geógrafos.

A direção da biblioteca foi atribuída à Secretaria-Geral do Conselho, auxiliada por uma Comissão de Redação, composta de membros, conceituados geógrafos de respeitável nomeada.

A impressão das obras da biblioteca foi atribuída ao excelente Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Nos primeiros anos do Conselho, a Biblioteca Brasileira de Geografia publicou notáveis estudos sobre interessantes peculiaridades da Geografia do Brasil.

Alberto Ribeiro Lamego, Virgílio Corrêa Filho, José Setzer, Moacir Malheiros Fernandes da Silva, Carlos Delgado de Carvalho, Allyrio Hugueney de Mattos, Francis Ruellan e José de Lima Figueiredo foram autores de primorosos estudos geográficos, que a Biblioteca Geográfica Brasileira publicou no seu primeiro decênio de vida.

No decênio publicou também estudos feitos na repartição central do Conselho Nacional de Geografia por funcionários seus.

Felizmente, o Instituto continua mantendo a Biblioteca Geográfica Brasileira, de modo que, sob a forma de livro e de monografia, tem publicado excelentes estudos sobre a Geografia do Brasil, inclusive pesquisas realizadas pelos serviços técnicos do IBGE.

Intercâmbio Cultural

Profícua a atuação do Conselho quanto ao Intercâmbio Cultural, o qual experimentou expressivo e acentuado desenvolvimento: seja pela integração

brasileira em instituições internacionais; seja pela participação em certames culturais no País e no exterior; seja pela organização e realização de certames culturais; seja, em especial, pela implantação de organização internacional de cultura geográfica.

Basta mencionar alguns exemplos, dentre os mais expressivos, para que se sinta, à evidência, o elevado contexto cultural desse desenvolvimento.

A adesão do Brasil à União Geográfica Internacional, efetivada dia 30 de julho de 1937, em sessão solene, no Palácio Itamarati, quando o Ministro das Relações Exteriores, Pimentel Brandão, entregou ao Professor De Martonne, Secretário-Geral da União, o ato protocolar da adesão.

A participação do Brasil no XVI Congresso Internacional de Geografia, em Lisboa, em 1949, mediante expressiva delegação, presidida pelo Secretário-Geral do Conselho Nacional de Geografia, o qual foi eleito, no Congresso, Vice-Presidente da União Geográfica Internacional, com mandato de três anos (1949-1952).

A reintegração do Brasil no Instituto Pan-Americano de Geografia e História no dia 29 de maio de 1944.

A participação do Brasil, mediante delegação, em reuniões internacionais promovidas pelo Instituto Pan-Americano de Geografia e História, a saber: "II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia", organizada com a colaboração do Conselho e realizada na cidade do Rio de Janeiro, de 14 de agosto a 2 de setembro de 1944; a "IV Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Cartografia", realizada em Buenos Aires em 1948; e a "I Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia", organizada e realizada pelo Conselho, de 15 de agosto a 7 de setembro de 1949, na cidade do Rio de Janeiro.

A Assembléia Geral do Conselho, com a Resolução n.º 42, de 7 de julho de 1939, prescreveu a colaboração do Conselho na realização dos Congressos Brasileiros de Geografia, tradicionalmente organizados até então pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Em conseqüência, o Conselho contactou-se com a sociedade, de modo que juntos prepararam e realizaram o IX Congresso, celebrado em Florianópolis, de 7 a 16 de setembro de 1940; e o "X Congresso Brasileiro de Geografia", na cidade do Rio de Janeiro, de 7 a 16 de setembro de 1944.

Cumprir ser ressaltado que foi graças à interferência do Conselho: 1) que o Brasil, em 1944, retornou à sua filiação ao Instituto Pan-Americano de Geografia e História, do qual, embora fundador, estava desligado havia cinco anos; 2) que, em 1940, foi retomada a série dos Congressos Brasileiros de Geografia, interrompida desde 1926.

Por fim, cumprir ser assinalado, com especial destaque, acontecimento cultural, de excepcional repercussão internacional: no dia 2 de abril de 1946, o Comitê Executivo do Instituto Pan-Americano de Geografia e História criou a "Comissão de Geografia" do Instituto, escolheu o Brasil para sediá-la e elegeu seu Presidente um brasileiro, o Secretário-Geral do Conselho Nacional de Geografia.

No dia 17 de outubro de 1947, o Conselho inaugurou a sede da Comissão Pan-Americana de Geografia na cidade do Rio de Janeiro.

A Comissão aplicou-se, desde logo, nos preparativos da "I Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia", por cuja organização era responsável, para ser realizada, como foi, na cidade do Rio de Janeiro, em setembro de 1949, com êxito.

Cartografia

Nos seus primeiros anos, o Conselho dedicou-se bastante aos trabalhos cartográficos. É expressiva a presença da Cartografia no seio do Conselho, desde a sua origem.

O Conselho Nacional de Geografia teve a sua origem na Seção de Estatística Territorial do Ministério da Agricultura, onde, a bem dizer, nasceu.

Criada com o Decreto n.º 22.984, de 25 de junho de 1933, a Seção de Estatística Territorial teve suas atribuições estabelecidas no Decreto n.º 23.979, de 8 de março de 1934, nas quais se incluíam: a elaboração de trabalhos cartográficos padrões, a organização de mapoteca do território nacional, o estudo das características fisiográficas das regiões do País.

O Decreto n.º 1.527, de 24 de março de 1937, criou o Conselho Brasileiro de Geografia, estabelecendo que a superintendência dos serviços da secretaria do Conselho competia à Seção de Estatística Territorial do Ministério da Agricultura.

A Assembléia Geral do Conselho aprovou a Resolução n.º 14, de 17 de julho de 1937, prescrevendo como empreendimento fundamental do Conselho a atualização da Carta Geográfica do Brasil ao Milionésimo.

O Decreto-lei n.º 237, de 2 de fevereiro de 1938, regulou o início dos trabalhos do Recenseamento Geral da República em 1940, a serem executados pelo Instituto Brasileiro de Geografia, incluindo a revisão da Carta do Centenário da Independência ao Milionésimo (Artigo 9.º).

O Decreto-lei n.º 782, de 13 de outubro de 1938, transformou a Seção de Estatística Territorial do Ministério da Agricultura no "Serviço de Coordenação Geográfica", como órgão dos serviços geográficos da Comissão Censitária Nacional.

O Decreto-lei n.º 311, de 2 de março de 1938, dispoendo sobre a divisão territorial do País, estabeleceu, no Artigo 13, a obrigação de as prefeituras elaborarem mapas dos territórios municipais, os quais "ainda quando levantados de modo rudimentar, deverão satisfazer os requisitos mínimos fixados pelo Conselho Nacional de Geografia".

O Conselho baixou esses requisitos, com a Resolução n.º 3, de 29 de março de 1938, do Diretório Central do Conselho.

A Campanha dos Mapas Municipais teve êxito, produzindo rico manancial de dados e informações úteis à localização de componentes dos territórios representados em mapas gerais.

Em 18 de maio de 1939, o Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, devidamente autorizado pelo Presidente da República, deu posse à "Comissão Executiva Central", que se constituiu para orientar os trabalhos de atualização da carta ao milionésimo, composta de cinco membros, técnicos de serviços federais especializados.

Para a elaboração da carta geográfica com mais precisão, o Conselho entendeu necessário empreender levantamentos geodésicos; e, nesse sentido, lançou campanha de determinação das coordenadas geográficas das sedes dos municípios brasileiros, em conexão com a campanha dos mapas municipais.

O Conselho constatou a inexistência, no País, de técnicos especializados que pudessem ser contratados; evidenciando-se, então, que a primeira providência a ser tomada era a de o Conselho formar esses técnicos.

O Presidente do Instituto obteve, então, do Presidente da República que fosse colocado à disposição do Instituto o eminente Professor Allyrio Huguey de Mattos, catedrático de Geodésia e Astronomia da Escola Nacional de Engenharia.

No dia 5 de junho de 1939, o Professor Allyrio deu a aula inaugural do curso de Especialização no levantamento de coordenadas geográficas, em reunião especial do Diretório Central do Conselho, presentes altas personalidades da Geografia nacional, dentre elas o General Cândido Mariano Rondon, reunião presidida pelo Presidente do Instituto, que ressaltou a elevada significação do acontecimento.

Fizeram o curso 15 engenheiros, a maioria deles designados pelos serviços geográficos estaduais, na perspectiva de que, terminada a campanha do Conselho, esses técnicos, devidamente preparados, poderiam continuar nos seus estados com o levantamento das coordenadas geográficas de cidades.

Sob a orientação técnica do Professor Allyrio foram levantadas, durante os dois anos da campanha dos mapas municipais, as coordenadas geográficas de umas 500 sedes de municípios brasileiros.

Pesquisa Geográfica

A Geografia tem por objetivo, como finalidade básica, o conhecimento do território.

Para alcançar esse conhecimento específico, a Geografia atua de três maneiras, ou seja, mediante três métodos.

Com o primeiro método, a Geografia atua como Arte, a arte de descrever, de cada porção da terra, as suas características, os acidentes, a paisagem encantadora, na forma, no colorido, nos movimentos, tal como se apresenta à luz do dia, em esplendor da natureza.

Com o segundo método, atua como Técnica, a técnica de mensurar os componentes do território, os contornos, as linhas, as altitudes, as ocupações, para depois desenhá-los em miniaturas do território, que são os mapas.

Com o terceiro método, a Geografia atua como Ciência, a ciência das causas e efeitos, no tempo e no espaço, da distribuição territorial dos fenômenos físicos, biológicos, e, sobretudo, dos fenômenos humanos.

E a Geografia moderna realiza a pesquisa científica, objetivamente, à disciplina de quatro princípios básicos, que lhe são peculiares:

- 1) Princípio da Extensão = estudo dos fenômenos, quanto à sua distribuição territorial;
- 2) Princípio da Causalidade = estudo das causas da distribuição territorial dos fenômenos;
- 3) Princípio da Conexão = estudo da correlação entre os fenômenos que ocorrem simultaneamente no mesmo território;
- 4) Princípio da Evolução = estudo do comportamento territorial dos fenômenos no passado em confronto com o seu comportamento no presente, para a previsão do comportamento mais provável no futuro.

O conhecimento da terra no seu relacionamento com o comportamento humano constitui, hoje, o aspecto mais fascinante da geografia moderna.

A denominada Geografia Humana surgiu recentemente, no nosso século, e teve acolhida entusiástica nos meios científicos do mundo, porque coloca a Geografia, objetivamente, mais ao serviço do progresso e do bem-estar da humanidade.

O Conselho Nacional de Geografia foi sensível, desde o seu início, à implantação no País da moderna metodologia científica, na perspectiva de colocar a Geografia brasileira oferecendo, com atualidade, contribuições valiosas ao planejamento das soluções dos problemas nacionais e regionais, não só de natureza econômica, mas, até mesmo, de natureza política e social.

De fato, o Conselho dispôs-se a inserir desde logo, no seu plano de ação, a realização da pesquisa científica do território pátrio.

Entretanto, verificou, de início, a inexistência no País de geógrafos, com o devido preparo e com disponibilidade efetiva de empreender trabalhos de campo.

Por isso, entendeu o Conselho, com justeza, que a primeira providência a ser tomada, e com urgência, era a formação de geógrafos pesquisadores.

O Conselho convocou, então, jovens sensíveis à carreira científica, cerca de 20; e, numa etapa preliminar, proporcionou-lhes a formação como geógrafo pesquisador.

Formação essa que lhes foi promovida pelo Conselho, esmeradamente, em dois movimentos: num movimento, enviando-os a fazer cursos de especialização da ciência geográfica, em universidades européias e norte-americanas, as mais aplicadas na especialização geográfica; noutro movimento, a prática de trabalhos de campo no Brasil, com a presença e a direção de insígnos geógrafos estrangeiros, cuja vinda ao Brasil o Conselho providenciou.

Assim, o Conselho, em investimento justo e oportuno, conseguiu a formação aprimorada dum grupo de geógrafos pesquisadores.

Fizeram cursos de especialização em universidades estrangeiras famosas, a saber: as universidades européias de Paris, Strasburgo, Grenoble, as universidades norte-americanas de Wisconsin, Chicago, Illinois, Quebec e Maryland.

De volta ao Brasil, receberam ensino prático, mediante a realização de pesquisas, em trabalhos de campo dirigidos pelos renomados Professores Pierre Deffontaines, Francis Ruellan, Pierre Monbeig, Leo Waibel, Preston James e Clarence Jones.

Então, esses geógrafos brasileiros, com esmerada formação científica, passaram a fazer pesquisas geográficas, no País, dentro do programa de ação do Conselho, trazendo contribuições ao melhor conhecimento do território pátrio.

Muitas dessas pesquisas têm sido publicadas pelo Conselho, seja na *Revista Brasileira de Geografia*, seja em livros e monografias da Biblioteca Geográfica Brasileira.

Cumprir ser assinalado que o Brasil foi o primeiro País do mundo a efetivar pesquisas geográficas em favor do planejamento regional, por entidade cultural e não por universidade.

Exemplo que foi seguido pelo Canadá, 10 anos depois, onde a pesquisa geográfica está sendo realizada por instituição cultural, não universidade.

Constituiu para mim motivo da maior alegria constatar a presença nesta solenidade, por coincidência também como orador, do insigne Professor Orlando Valverde, um dos geógrafos pesquisadores formados pelo Conselho.

A sua formação, como geógrafo, processou-se mediante cursos especializados na Universidade de Wisconsin, e, depois, na prática de pesquisas, em excursões pelo País, dirigidas sobretudo pelo notável Professor Leo Waibel, da universidade alemã de Bonn, que veio ao Brasil contratado pelo Conselho.

Formado geógrafo, o Professor Orlando Valverde realizou numerosas pesquisas, publicou muitos livros e monografias, dos quais vários tiveram repercussão internacional, tanto assim que deles foram feitas traduções para o francês, inglês, alemão, italiano e espanhol.

Aposentou-se há oito anos, entretanto, continua trabalhando intensamente em estudos geográficos, que vem realizando, em boa parte, para atender solicitações encarecidas de instituições culturais.

Dedicou-se, em especial, ao estudo ecológico da Região Amazônica, com tal fervor e objetividade, que foi eleito Presidente da vigorosa e conceituada "Campanha Nacional da Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia".

Nos meios científicos do País e do exterior, o Professor Orlando Valverde é reconhecido como o geógrafo brasileiro mais conceituado na atualidade.

Reconhecimento merecido, de tão fecunda e primorosa tem sido, e continua a ser, a sua extraordinária atuação como professor, como pesquisador, como autor de livros, como conferencista.

O Professor Orlando Valverde é fruto opimo de frondosa árvore cultural, árvore que se chama Conselho Nacional de Geografia, árvore cultural plantada pelo magistral Teixeira de Freitas.

Senhoras e Senhores

Empenhei-me por mostrar, em depoimento, resumidamente, na medida do tempo que me foi concedido, a influência marcante e decisiva do magistral e saudoso Teixeira de Freitas, seja na criação do

Conselho Nacional de Geografia, seja na sua implantação como sistema nacional de coordenação geográfica, seja na atuação do Conselho nos seus primeiros anos de vida.

Depoimento sem brilho, perdoem; depoimento fiel, aceitem.

Termino a alocução com a saudação:

MARIO AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS

O Conselho Nacional de Geografia
agradecido
reverência a tua memória

Improvisações em torno de Teixeira de Freitas



Foto do palestrante e texto de sua apresentação feita por Lenildo Fernandes Silva, Diretor de Pesquisas do IBGE. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1990.

Orlando Valverde, um dos grandes nomes no Brasil da Geografia e da Preservação do Meio Ambiente foi um dos

criadores do Conselho Nacional de Geografia, juntamente com Christóvão Leite de Castro.

Nessas áreas, coordenou inúmeros trabalhos e publicou diversos livros e artigos no Brasil e no exterior. Trabalhou no IBGE até o início dos anos 80.

Foi professor da PUC/Rio de Janeiro, da Universidade de Heidelberg/Alemanha, da UCLA/EUA; em tantas outras, no Brasil e no exterior, foi convidado a realizar palestras e conferências.

Atualmente preside a Campanha Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia - CNDDA - e trabalha no Centro de Ciências do Estado do Rio de Janeiro - CECI.

Improvisações em torno de Teixeira de Freitas

Orlando Valverde

É sempre uma emoção para mim dirigir-me aos colegas do IBGE, casa à qual devo minha carreira. Seu fundador, Mario Augusto Teixeira de Freitas completaria agora 100 anos.

Eu o conheci profissionalmente entre os anos de 1930 e 1960, portanto desde quando ele contava 40 e tantos anos em diante. Encontrava-me com ele episodicamente, mas, no final de sua vida, dele me aproximei bastante.

Na época em que Teixeira de Freitas montou o extraordinário organismo, que é o IBGE - década de 30 -, o Brasil operava reformas muito importantes, na sua estrutura administrativa, decorrentes da Revolução de 1930.

De fato, antes desse acontecimento histórico o Brasil era um País incrivelmente atrasado, dos pontos de vista econômico, político e social. Frases como "governar é abrir estradas", "a questão social é caso de polícia" foram pronunciadas de público pelo último presidente da chamada República Velha. O voto nas eleições não era secreto e a política oficiosa do "café com leite" fazia alternar na Presidência da República um político de Minas e um de São Paulo, sempre representando os interesses dos grandes fazendeiros desses estados.

Após a Revolução de 1930 foi criado o Ministério do Trabalho e, com ele, a Justiça Trabalhista e o salário mínimo. A entrega do poder, em vários estados, a líderes do movimento tenentista quebrou o controle político dos fazendeiros de café.

Por essa época, Teixeira de Freitas, natural da Bahia, bacharel, interessado em questões de educação e estatística, procurava unificar as estatísticas educacionais brasileiras e se transferia para Belo Horizonte. Mas somente em 1934, aqui no Rio de Janeiro, conseguiu fundar o Instituto Nacional de Estatística, apoiado pelo então Ministro das Relações Exteriores, José Carlos de Macedo Soares.

No ano seguinte, foi fundada, também nesta capital, a Universidade do Distrito Federal - UDF -,

por iniciativa de outro notável educador baiano: Anísio Teixeira. Aí pontificaram eminentes professores franceses e italianos; aí conheci, em 1936, como colega de turma, o amigo e brilhante orador que me precedeu.

Christóvão Leite de Castro, nesse tempo diretor de Estatísticas Territoriais, do Ministério da Agricultura, já entrava em contato com Teixeira de Freitas, com quem acertava um plano para a elaboração de mapas de todos os municípios do País e a reedição atualizada da Carta Geral do Brasil ao milionésimo, como medidas preparatórias para o Recenseamento Geral da República, previsto para 1940.

Por isso, à porta de um sórdido botequim, fronteiro ao prédio da Universidade (Escola Rodrigues Alves), no Catete, onde tomávamos café, Leite de Castro me convidou para trabalhar em Geografia no Governo Federal. Não entendi; mas aceitei. Eu era um estudante renegado e sem emprego, considerado subversivo desde os 18 anos.

Prometi acompanhá-lo naquela "aventura", qualquer que fosse o seu resultado.

Assim, em 1938, foi fundado o Conselho Nacional de Geografia, compondo, junto com o Conselho Nacional de Estatística e o Serviço Nacional de Recenseamento, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Até hoje, guardo com carinho a minha portaria de nomeação, assinada por José Carlos de Macedo Soares, Mario Augusto Teixeira de Freitas e Christóvão Leite de Castro. Tinha a data de 01.10.38; eu era o primeiro funcionário do ramo da Geografia, nomeado pelo IBGE.

Eu começara a trabalhar, porém, desde julho anterior, no velho prédio do Ministério da Agricultura, no Largo da Misericórdia, que tinha o apelido de "Bolo de Noiva", mais tarde demolido. Ali conheci outros colegas que faziam parte do quadro do Ministério da Agricultura, mas igualmente engajados na criação do Conselho Nacional de Geografia. Lembro-me de vários: Fábio de Macedo Soares Guimarães, Julio Agostinho de Oliveira, José Carlos Pedro Grande, Miguel Alves de Lima, Paulo Augusto Alves



O Prof. Allyrio de Mattos, Diretor da Divisão de Cartografia do CNG, preside uma reunião no Acampamento Central da DC/ST, com a presença de dirigentes do IAGS no Brasil. Belo Horizonte, 30 de novembro de 1956.

e outros. Eles só foram transferidos para o quadro do IBGE em 1947. O meu salário de um conto de réis era muito mais alto que o da maioria deles, e isto me valeu alguns ciúmes e malquerenças iniciais, mais tarde superados.

O decênio de 1930 foi dramático para o mundo e para o Brasil. Na velha Europa proliferou vitoriosamente o fascismo, primeiro em Portugal; depois na Itália, Alemanha, Espanha ... no Brasil, o governo de Vargas, de início populista, deu guinadas sucessivas para a direita, após a quartelada de 1935, da Aliança Nacional Libertadora, a dissolução do Congresso Nacional e criação do Estado Novo em 1937, e o *putsch* integralista de 1938.

O IBGE cresceu e se expandiu durante o governo ditatorial de Getúlio Vargas. Não obstante, teve uma organização democrática, visto que era dirigido por um órgão colegiado, e isto se deve à inspiração de Teixeira de Freitas. As Assembléias Gerais do CNE e do CNG se reuniam uma vez por ano, em julho, aprovando resoluções normativas. Essas assembléias eram constituídas por delegados dos órgãos congêneres estaduais e por representantes dos ministérios. No intervalo entre as reuniões da assembléia, a Junta Executiva Central, no CNE, e o Diretório Central, no CNG, compostos pelos representantes das repartições do ramo em cada ministério, punham em marcha as decisões baixadas pelo órgão máximo.

Os "tempos heróicos" do Conselho Nacional de Geografia marcaram toda a minha vida. Ajudei, fazendo trabalho braçal, em mudanças sucessivas da Secretaria Geral do CNG: do "Bolo de Noiva" para o velho prédio do Silogeu Brasileiro; dali para o Edifício Serrador; deste para o Edifício Iguazu, na Av. Beira Mar ... No princípio, até efetuei pagamentos: ia até o Edifício d'A Noite, apanhava o che-

que assinado por Teixeira de Freitas e Alberto Martins, descontava-o no banco e pagava aos colegas em dinheiro contado, na minha mesa. Que tempos românticos aqueles, em que não havia praticamente assaltos! ... Redigia a maior parte do expediente, bem como as atas do Diretório e da Assembléia Geral, estas em livros grandalhões ... Na grande Exposição dos Mapas Municipais, em maio de 1940, instalada num grande hangar, no aterro, próximo ao que é hoje o Clube da Aeronáutica, trabalhamos na véspera, madrugada adentro, cochilando somente um pouco, sobre o capim, cobertos por umas folhas de jornal. Mas, de manhã, o Presidente da República inaugurou solenemente a exposição.

O IBGE vicejou e diversificou suas atividades durante o Estado Novo. No CNE, Teixeira de Freitas sempre entregava ao Presidente do Instituto, na festa de conagração de fim de ano, o primeiro exemplar impresso do *Anuário Estatístico do Brasil*, referente ao ano que se encerrava. Por isso, desde novembro, ao se entrar no gabinete do Secretário-Geral, era quase certo vê-lo debruçado sobre as provas tipográficas, com seus óculos de grossas lentes, quase encostando o nariz nos papéis.

Imaginem como era difícil trabalhar em Estatística e em Geografia neste País imenso e desconhecido, onde não havia praticamente cursos específicos dessas matérias, em nível superior. As universidades de São Paulo e do Rio só começaram a produzir levas de geógrafos nos anos 40. A Estatística, para formar seus profissionais, precisou que o IBGE criasse a Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE -, que a universidade depois reconheceu. Eis outra glória de Teixeira de Freitas.

Para reforçar a Cartografia, Leite de Castro contratou técnicos dos Serviços Aerofotogramétricos Cruzeiro do Sul e, para chefiá-los, o Prof. Allyrio Hu-

gueney de Mattos, da Escola Politécnica. Daí, os trabalhos se expandiram para a Topografia, Geodésia, Aerofotogrametria. Além das folhas da Carta em 1:1 000 000, o CNG publicou folhas em 1:500 000, 1:250 000, 1:100 000, 1:50 000 e mapas estaduais.

Em 1947, o CNG criou a carreira de geógrafo, enquanto fora dele a profissão só foi regulamentada em 1980. Guiados por professores estrangeiros, como Deffontaines, Ruellan e Waibel, se lançaram aos trabalhos de campo, paralelamente aos dos geógrafos da USP, orientados por P. Monbeig.

A partir da década de 40, os recursos do Brasil em matérias-primas minerais e vegetais, alimentos, solos agrícolas, espaços para povoar tornaram-se de vital importância para os mercados mundial e nacional, então profundamente conturbados pela guerra. Os geógrafos do CNG e da Universidade de São Paulo - USP - desempenharam, nesse período, um papel que talvez ainda hoje não saibam avaliar.

A *Revista Brasileira de Geografia*, o *Boletim Geográfico*, a *Revista Brasileira de Estatística* e o *Anuário Estatístico do Brasil* encerravam informações e pesquisas de grande procura e interesse.

Mais do que os trabalhos geográficos, a farta messe de cartas geográficas e topográficas despertou o ciúme de serviços desse ramo, outrora pioneiros no Brasil e no mundo. Refiro-me ao Serviço Geográfico do Exército que, após a Primeira Guerra Mundial, apoiado por oficiais austríacos imigrados, realizou os primeiros levantamentos fotogramétricos e aerofotogramétricos nas Américas. Mas a burocracia e as interferências políticas são ameaças permanentes aos serviços técnicos oficiais. Por esse motivo, a produção cartográfica militar estava severamente reduzida, naquele tempo. O diretor

de SGE, General Djalma Polli Coelho, resolveu então colocar a "máquina" do IBGE a serviço da instituição que dirigia.

As manobras políticas por ele desencadeadas tiveram êxito, por fim, no início dos anos 50. Mas a especialização dos serviços, que até aquela data dirigira, não lhe dava visão nem habilidade suficientes para administrar a complexa estrutura criada por Teixeira de Freitas e seus seguidores. O advento do General Polli Coelho no IBGE foi precedido e acompanhado de perseguições e inquéritos administrativos contra grande número dos antigos colaboradores de Teixeira e Leite de Castro. Teixeira de Freitas já se aposentara anteriormente, em 1948, para cuidar da saúde de sua esposa, seriamente enferma e bem mais idosa que ele.

Numa explosão de vaidade Polli Coelho, em entrevista coletiva à imprensa, declarou que "as estatísticas do Brasil são falsas, caras e atrasadas". Ofendido por essas declarações tão injustas quanto maldosas, Teixeira de Freitas dirigiu uma carta ao Presidente Vargas, pedindo que ele criasse uma comissão técnica e administrativa para apurar a veracidade daquelas afirmações. Caso ficasse comprovado o que ele designou como "o maior *panamá* da história do Brasil", o fundador do IBGE se comprometia a "passar o resto da vida na cadeia".

A comissão foi nomeada pelo Presidente da República, sob a presidência do Embaixador Francisco Negrão de Lima, ex-Ministro da Justiça e prestigioso político que, mais tarde, viria a ser eleito governador do Estado da Guanabara.

Dentro do prazo de três meses, a citada comissão elaborou seu relatório e o encaminhou ao Presidente Vargas. Esta figura de nossa História, que



Ao final da década de 40, os trabalhos do IBGE atingem padrões internacionais e, são freqüentes as visitas de técnicos de outros países como intercâmbio técnico. Visita do Emb. da Colômbia, Francisco Umonã Bernal, em 1947, acompanhado de Antonio José de Mattos Musso, Lafayette Pereira Guimarães, Christóvão Leite de Castro e Francis Ruellan, geógrafo francês contratado como consultor técnico do CNG.

considero o político mais astuto jamais aparecido no Brasil, foi desastrado no andamento do processo. Demorou-se um tempo imenso, sem despachá-lo nem se manifestar a respeito.

Nesse ínterim, sobreveio um Congresso Internacional de Geografia, em Washington, promovido pela União Geográfica Internacional - UGI - e o General Polli Coelho, na qualidade de Presidente do IBGE, foi designado para chefiar a delegação brasileira no certame.

Nessa conjuntura visitei, com minha esposa, o Dr. Teixeira de Freitas, em sua residência. Foi a última vez que o vi: amargurado, triste, abatido ... Narrei-lhe as perseguições de que estava sendo vítima e como procurava defender-me. Ele me leu a cópia da carta que enviara ao Presidente Vargas, ressaltou também o longo silêncio deste e a honrosa missão conferida ao seu adversário. Lágrimas de um homem honrado, ofendido em seus brios, desciam-lhe pelo rosto.

No andar de cima, eu sabia que sua esposa padecia moléstia irremediável. Antes mesmo do que ela, Teixeira de Freitas veio a falecer ... de desgosto!

Terminado o Congresso de Geografia em Washington, DC, o General Polli Coelho ainda permaneceu algum tempo nos Estados Unidos. Antes do seu regresso, um lacônico despacho da Presidência da República apareceu na primeira página do Diário Oficial: "Em vista das conclusões do inquérito técnico-administrativo da Comissão criada pelo (etc. etc.), o Presidente da República resolve exonerar o General Djalma Polli Coelho do cargo de Presidente do IBGE". Os outros órgãos da imprensa nacional quase nada divulgaram.

Ao chegar do exterior, o general foi tomado de surpresa pela notícia. Um enfarte o liquidou, pouco tempo depois.

Teixeira de Freitas desapareceu; mas a instituição que ele criou mantém ainda grande prestígio. Tanto assim que, na minha opinião, o apogeu das pesquisas geográficas, realizadas por seus próprios técnicos, foi alcançado entre 1955 (quando o IBGE se engajou no apoio ao XVIII Congresso Internacional de Geografia, da UGI, no Rio de Janeiro) e 1968. Esse período marca também o início da informatização nas atividades estatísticas.

Em 1964, o golpe militar que tomou o poder neste País implantou o terror no serviço público, estabelecendo dezenas de IPMs em todas as repartições. O conceito do IBGE era, porém, tão elevado

que nenhuma comissão militar de inquérito foi nele instaurada.

Contudo, o IBGE modificou-se bastante; centralizou muito na administração, até hoje. Como órgão estatal que é, sofre interferências políticas, especialmente em seguida a mudanças no Governo Federal.

Durante os governos autoritários (entre 1964 e 1985), os militares encontraram apoio, para dirigir o IBGE, em economistas de organizações tecnocráticas, como a Fundação Getúlio Vargas, o IPEA ... Isto não significa fossem eles incompetentes. Posso dar exemplo: durante a gestão de Isaac Kerstenetzky foi implementado neste Instituto um dos maiores parques de informática do País, com grandes e modernos computadores. Em reuniões com geógrafos, eu o ouvi, por duas vezes, apelar para que os meus colegas fossem ao campo colher os dados primários; o processamento deles ficaria a cargo dos analistas de sistemas. Mas, assim que ele virava as costas, os dirigentes da ala geográfica faziam exatamente o contrário.

Na maior parte do período ditatorial, a Geografia no IBGE adotou uma metodologia neopositivista, puramente quantitativa e a-histórica, ligada à escola de Chicago; por isso, estéril e cientificamente vazia. A Estatística se concentrou na publicação de dados conjunturais de Econometria: Índices de inflação, índices de preços ao consumidor ... Suas fórmulas duvidosas e ocultas foram, uma vez, denunciadas de manipulação política, por um Secretário-Geral demissionário.

Crises institucionais semelhantes se passaram em todas as ditaduras do mundo. Pena é que, enquanto os geógrafos se debruçavam nos computadores (sem que estivessem qualificados para isso) e os estatísticos fabricavam índices, no Brasil se operava a maior crise agrária de sua história; a concentração fundiária expulsava trabalhadores sem terra; as relações de trabalho no campo se deterioraram; a mais rica floresta do planeta vem sendo, desde então, saqueada e destruída; as cidades incham, com populações marginalizadas em sua periferia; a violência impera nas cidades e nas áreas rurais; o Brasil contraiu a maior dívida externa do mundo.

É de nosso dever ético analisar minuciosamente esses graves problemas e apontar soluções possíveis às nossas autoridades.

Essa foi a lição que o estatístico Teixeira de Freitas nos legou: "Faça o Brasil a Estatística que deve ter e a Estatística fará o Brasil como deve ser".

Teixeira de Freitas: Educação e Municipalização



Foto do palestrante e texto de sua apresentação feita por Mauro Pereira de Mello, Diretor de Geociências do IBGE. Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1990.

Manoel Antônio Soares da Cunha, Estatístico do IBGE. Coordenador do Censo Agropecuário de 1985 - CCA, é membro e foi presidente

da Sociedade Brasileira de Estatística - SBE -, possui ampla experiência na área de produção de estatísticas nacionais, em especial na área agropecuária. É considerado um continuador dos trabalhos que Teixeira de Freitas desenvolveu em prol dos movimentos municipalistas. Seu compromisso com a Educação manifesta-se em reuniões, cursos e seminários realizados nas unidades regionais do IBGE, em todo Território Nacional, onde ressalta a importância da Estatística para um melhor conhecimento da realidade sócio-econômico do País.

Teixeira de Freitas: Educação e Municipalização

Manoel Antônio Soares da Cunha

Ao receber o convite para participar do Encontro Comemorativo do Centenário de Teixeira de Freitas, faltou-me a necessária humildade, para fazer ver a quem me fazia o convite, o meu total despreparo e falta de condições para tal.

Tolo, sem medir corretamente, o compromisso, aceitei-o e, agora, tentarei dentro da minha imensa limitação dizer alguma coisa dentro dos temas que me foram cometidos: "Educação e Municipalização".

Analisando e verificando a documentação que consegui obter, resolvi falar primeiro de Municipalização e a seguir de Educação, temas aos quais Teixeira de Freitas, o nosso homenageado, deu o maior dos seus esforços.

A municipalização, da qual foi um fervoroso adepto, creio que trouxe dos bancos acadêmicos, em seu estudo da história das civilizações. Acompanhando o desenvolver da civilização, conheceu a existência das Comunas da Roma Antiga, as comunidades, as vilas que tinham foro próprio e seu corpo diretivo, podendo se dirigir diretamente a Roma quando queriam pedir justiça. Apelavam para o César e assim eram recebidos. Qualquer cidadão romano, patrício ou plebeu, tinha direito à cidadania, à liberdade e às autonomias concedidas às vilas.

Por um estranho acaso, o país que nos colonizou também teve um procedimento igual. Portugal não conheceu o regime feudal. Portugal e Espanha na Europa são exceções, passaram a Idade Média sem o regime feudal. O rei, por circunstâncias próprias da guerra de reconquista do território, não deu feudo a nenhum nobre, mas concedia "Carta Foral" às vilas e estas elegiam os seus conselhos de "Homens Bons" e tinham direito a remeter dois procuradores, cada corte, para fazerem diretamente aos reis os seus postulados, princípios, reclamações e, até mesmo, contra o próprio rei ou elementos da nobreza.

Assim, o regime português foi-se instalando com forais dados às inúmeras vilas, conforme pode ser verificado no Código Afonsino. Ao iniciar-se o processo de colonização brasileira através do regime de Capitânicas Hereditárias, D. João III passou ao

primeiro donatário que se estabeleceu, Martim Afonso de Souza, o direito à determinação da constituição de vilas nos mesmos moldes de Portugal. Assim, começaram a ser instaladas no Brasil as Vilas de São Vicente, Piratininga e outras em São Paulo. Elas tinham tal força e poder que, em 1554, a Vila de Salvador, através de seu Senado Câmara, fez uma representação contra o Governador Dom Duarte Coelho, por causa de uma pendência de posse de terras. Foi tão bem feita a representação ao rei, que culminou com a queda de Dom Duarte Coelho do cargo de Governador-Geral do Brasil, tendo de retornar a Portugal.

Quando o Reino Português sentiu a força das vilas resolveu criar as províncias. As províncias eram um poder intermediário entre o governador-geral, ou vice-rei, e a Corte Portuguesa, e que tiram todo o poder das vilas; um poder municipal, poderíamos dizer, que dura até 1803. Daí em diante, até 1822, as vilas têm muita força: são elas que fazem postulados, impõem a D. Pedro o "Fico", a necessidade de eleições e é a Câmara de São Paulo que apresenta a D. Pedro a moção de que ele deve permanecer no Brasil e proclamar a sua Independência.

A Constituição outorgada, de 1824, retira todos esses poderes do município e eles começam a decair. O Ato Adicional de 1834 reduz ainda mais esses poderes e eles passam a ficar num patamar muito baixo. A Constituição Republicana de 1891, copiando o modelo americano, mantém a redução dos poderes municipais; a de 1934 restabelece, em parte, mas não totalmente. Só na Constituição de 1937 é que se restabelecem os poderes municipais e, creio eu, que há aí alguma influência de Teixeira de Freitas, pois ela é obra de Francisco Campos e este foi o primeiro Ministro da Educação; tinham muito contato e acredito que deste convívio Teixeira de Freitas deva ter lido o passado as teses municipalistas.

Teixeira de Freitas foi um dos primeiros homens do Brasil a abraçar a tese municipalista na época republicana e foi um homem precoce, pois aos 18 anos formou-se em Direito, fez um concurso e pas-

sou para uma entidade tão importante na época, a Diretoria-Geral de Estatística. Por vezes, fala-se muito em especialização, mas a Diretoria-Geral de Estatística era dirigida por José Luiz Saião de Bulhões Carvalho, um médico sanitarista, e teve como principal auxiliar Mario Augusto Teixeira de Freitas, um advogado.

Até 1919 ele trabalhou na sede da Diretoria, em 1920 foi selecionado e escolhido diretamente pelo Diretor-Geral, José Luiz Saião de Bulhões Carvalho, como Delegado de Estatística em Minas Gerais, e teve uma grande luta e um grande trabalho para poder alocar os agentes especiais de estatística, que iriam gerir os censos. Teve muita preocupação com esse pessoal e impôs como condição para que recebessem seus salários e fosse considerado concluído seu trabalho, se levassem um mapa do município em que trabalharam com todas as descrições de limites e os principais pontos existentes, além de um histórico municipal completo. Ele aproveitou esse trabalho durante todo o tempo em que foi Diretor de Estatística do Estado de Minas Gerais e quem vê as publicações com o que foi produzido na década de 20, em termos de estatística, percebe que toda a ênfase foi dada aos municípios, com Teixeira de Freitas prestigiando-lhes de todas as formas e meios.

A década de 20 foi um período de turbulência política nesse País. Em 1926 houve uma modificação na Constituição de 1891, após um prolongado estado de sítio durante todo o governo de Artur Bernardes, que impôs mais dificuldades aos municípios. Isto deve ter abatido profundamente Teixeira de Freitas, que esperava que se pudesse dar aos municípios a sua real característica, o que não foi conseguido.

Com o *crack* da Bolsa de Nova Iorque, em 29, vem a recessão mundial e no Brasil a Revolução de 30. Entramos na década de 30 com um governo liberal e progressista que tenta modificar e reverter a situação do "Brasil feudal"; quando eu digo "Brasil feudal" é porque a falta de autonomia dos municípios, a falta de liberdade e a falta de força nas comarcas interioranas geraram as oligarquias estaduais que se revezavam no poder através do efeito "gangorra". No mais, eram sempre aquelas oligarquias a gerirem estados e poderíamos citar nomes e nomes de famílias que durante toda a República Velha e até há bem pouco tempo atrás comandaram a política no País. Até pouco tempo atrás havia resquícios dessas oligarquias, que geraram a famigerada política dos governadores, vigente até 1930.

O governo provisório de 30, em uma de suas primeiras reformulações, cria o Ministério de Educação e Saúde e para instalar esse Ministério convidou Francisco Campos, um político mineiro que havia trabalhado com Teixeira de Freitas e que o convidou para ser o Diretor de Estatística da Educação, e este inicia, assim, a sua cruzada para a Educação e ao mesmo tempo para a Municipalização. Faz parte da "Sociedade Amigos de Alberto Torres", sociedade esta que tem como finalidade incentivar o nacionalismo e o patriotismo, inclusive nas comunidades interioranas através da chamada "Semana Rural".

O período de 30 é ainda negro e ocorre várias lutas fratricidas no País: a Revolução de 32, as discussões políticas, o exílio de muitas pessoas criam no País um regime político inconstante, que mesmo a Assembléia Geral Constituinte de 33 não consegue suplantar. A Constituição de 34 não era a



10.º aniversário do Convênio Interadministrativo de Estatísticas Educacionais e Conexas. Grupo feito na sede da ABE, antes da sessão comemorativa. Rio de Janeiro, 1941.

Constituição dos sonhos de todos os democratas e, exatamente por isso, deixava muitas lacunas e os municípios viviam numa permanente bancarrota e num abandono contumaz. Eu escolhi ler alguns trechos de uma palestra proferida por Teixeira de Freitas na II Semana Ruralista em 1934, no Município de Ponte Nova, em Minas Gerais. Algumas das coisas que ele diz estão hoje ainda vivas e latentes e ainda não encontraram solução e definição. Diz ele aqui:

"No plano econômico, a evolução está ainda a meio caminho, apesar das experiências e dos esforços, mais ou menos construtivos, mais ou menos tranqüilos, que se vão processando no mundo inteiro; apesar das serenas e inspiradas palavras dos últimos chefes da Igreja Católica, os dirigentes de empresas, por si ou pelos seus prepostos, ainda são os donos, os árbitros quase supremos de todas as atividades que lhes estão subordinadas. Eles são servidos e não servem. Enriquecem-se a si e empobrecem quanto podem aos que lhes subordinam, não mais pela violência ou pelo direito de propriedade, mas por não menos imperiosas contingências de dependência econômica".

..."O País é uma vasta feitoria que a sua metrópole explora pelos processos coloniais os mais retrógrados. Se a despesa federal já em 1932 era de 2 859 669 contos de réis, empregavam-se na Capital, e quase exclusivamente para a Capital, 2 465 728 contos, ou 86,22%. E os 393 941 contos restantes, ou 13,22%, gastos fora da Capital, não eram mais a bem dizer que despesas de ocupação e de exploração.

Bem prevejo que me contradigam alegando que estas despesas são as absolutamente indispensáveis despesas de nacionalidade, despesas para manter a integridade da Pátria e fomentar o seu desenvolvimento. Mas não é rigorosamente exato".

..."E eis aí como as chamadas despesas nacionais só são nacionais porque se fazem com o fruto do mais ingrato e mais duro labor de 40 milhões de cidadãos, nada ou quase nada representando como auxílio para a sua comunidade social, mas servindo apenas ao desenvolvimento faustoso e parasitário de uma grande metrópole, cujos interesses e cuja vontade predominam incontrastavelmente sobre a vontade e os interesses dos dezenove restantes vigésimos do corpo social.

Outra réplica talvez se levante: a União não presta tal assistência porque, num Estado Federado como é o Brasil, não é isso da sua competência, pois que a tarefa cabe aos Estados".

Segue dizendo uma série de coisas até que fala do processo de migração: "Vê-se por aí que, à medida que penetramos em profundidade na organização social brasileira, vamos encontrando um ambiente socialmente mais rarefeito, mais apático, mais apagado, mais estagnado, menos capaz de qualquer iniciativa ou reação salvadora da profun-

da diátese que infelicitava a nacionalidade. E se voltarmos as vistas em sentido inverso, depararemos a diferenciação cada vez mais profunda entre os que dominam e os que são dominados, entre os que usufruem e os que produzem, entre os espoliadores e os espoliados, e nessa diferenciação, por isso que acompanhada da seleção que assinalamos, acentuando-se perigosíssimos focos de antagonismo e luta, de compressão de um lado e de reação do outro.

Essa migração, que teria um alto valor de civilização se as metrópoles se organizassem sob os padrões racionalizados e constituindo os grandes dinamos de força propulsora a ser distribuída eqüitativamente por todo o corpo social, mas que, pelas suas causas e pelos seus processos e conseqüências, se transforma no exaurimento funesto do potencial humano positivo na vida rural para a elevação do potencial negativo na vida urbanizada do País, tal migração que é, assim, um mal sem compensação, ou melhor, somado a outro maior, tem ainda uma contrapartida que, longe de atenuar-lhe os perniciosos efeitos, os agrava violentamente. É a migração da riqueza. Um movimento contínuo vai deslocando a riqueza do País para as metrópoles, através de uma canalização elevatória semelhante à que assinalamos no afluxo e na filtragem do elemento humano. Desloca-se a riqueza acompanhando os egressos da vida agrária; desloca-se, ainda, quando, dificultosamente formada na labuta agrícola, vai à procura de mais segura e mais fácil colocação, invertendo-se em imóveis e empresas urbanas, ou seja, em forma que só interessa às cidades e nenhum reflexo útil exerce sobre a vida rural; desloca-se mais na caudal inexorável do fisco triplice, cujas rendas vão sustentar as obras suntuárias, o parasitismo, os apetites crescentes das metrópoles incontentáveis.

..."Triste, desolador, apavorante círculo vicioso este".

Neste trabalho que parece todo ele de desencanto, ele diz os termos do problema: "A autonomia municipal, em cuja prática madrugamos, não correspondeu nunca aos seus fins. Nem podia corresponder. No seio da velha civilização em que surgiu, floresceu e definitivamente se implantou, foi o comunismo o fruto amadurecido de uma longa evolução social e política. Em condições radicalmente diferentes ele se implantou entre nós. E a dispersão demográfica, a incultura popular, as dificuldades de comunicações, o rudimentarismo da organização política e o regime social em que vivíamos deturparam fundamentalmente a instituição, tornando-a imprópria a assegurar o bem-estar e o progresso das coletividades comunais e transformando-a, as mais das vezes, em instrumento de prepotência, de compressão, de desonestidades e de espoliação do povo".

Até que conclui, dizendo: "Sentimos bem que o Brasil é de fato o 'País a organizar' de que nos fa-

lou Fidelis Reis, sob inspiração evidente de Alberto Torres. E organizar o Brasil é a tarefa urgente, áspera, difícil a que intemeratamente, resolutamente, denodamente, com todas as energias da inteligência e do coração, todos os brasileiros nos devemos dedicar. E eis por que, ao grande esforço nesse sentido, que são as patrióticas jornadas ruralistas da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, julguei que se poderia juntar a mais modesta das contribuições - este mal ataviado estudo. A minha fraca visada, por me faltar a envergadura de sociólogo, jurista e estadista que o tema assoberbante exigia, não lhe pôde assinalar seguramente todas as características. É possível mesmo que me tenha eu equivocado em mais de um ponto. Mas, por seguro, não estarão essencialmente erradas as conclusões a que chegamos. O quadro é tão objetivo, tão nítido que, não obstante qualquer erro parcial de visão, nossas conclusões estarão essencialmente exatas".

... "E assim é, valha-me esta oportunidade única na minha vida, em que me sinto no mais íntimo contato com as forças de reconstrução do Brasil, com a sua renovadora mentalidade ruralista, com a sua vida comunal, para dirigir a vós, que me dais a honra de ouvir, e a todos os brasileiros a que possa chegar a minha voz, graças à ressonância maravilhosa deste ambiente, um vibrante, veemente e desesperado apelo".

... "Concidadãos! Façamos o Brasil de amanhã, o Brasil feliz de todos os brasileiros, um Brasil orgulho da América, diadema da humanidade. Não nos falta a matéria-prima - riquezas naturais e riquezas humanas. O que nos falta apenas é a "organização". Organização social, organização econômica, organização política. Mas, sobretudo, organização do Brasil-município, do Brasil-rural".

... "Trabalhem sem desfalecimentos, lutemos sem tréguas para conquistar essa organização. Façamos, Brasileiros, façamos o nosso Brasil, antes que seja tarde antes que o Brasil se desfaça".

Além dessas discussões, Teixeira de Freitas propugnou durante tempos uma proposta *sui generis* de interiorização da capital, como era previsto desde o início; já José Bonifácio pedia a interiorização da capital. A Constituição de 1891 consignou e marcou o local, que seria ao sul de Formosa, em Goiás. Teixeira de Freitas, pelo tempo que passou em Minas Gerais e pelo que conhecia do Rio de Janeiro, pregava e apoiava a interiorização da capital e a marcha para o Oeste, no sentido de desbravamento e de melhoria das condições de vida do interior e da municipalização do País, chegando a propor uma fusão interessante: a transferência da capital da República para Belo Horizonte e a transferência da capital de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, como uma permuta. Isto significava a absorção do Estado do Rio de Janeiro pelo Estado de Minas Gerais.

Ele pedia a imediata e urgente internação da capital, pois haviam se esgotado todas as possibilidades de mantê-la no litoral, atraindo migrações sem um futuro e sem um fim, despovoando continuamente o meio rural.

Ele não escolhia foro ou local para debater suas idéias. Em cada canto, em cada órgão, em cada sociedade em que esteve presente sempre tocou nesses assuntos: municipalismo e interiorização da capital, seja na Sociedade Brasileira de Geografia ou nos Congressos Nacionais de Geografia, na Sociedade Brasileira de Estatística, na Associação Brasileira de Educação. Era uma pessoa totalmente convicta de suas idéias e chegou a propor para fortalecimento dos municípios que eles se fundissem, tal qual são hoje as microrregiões homogêneas, para poderem ter mais força e poder. Parece-me que ele prega a idéia do voto distrital, porque pedia para esses departamentos uma representação federal, o que acabava com o voto proporcional que não dá representante de lugar algum. O voto departamental ou distrital daria os representantes das localidades, dando fortalecimento às regiões.

Ele propugnava também pela redivisão do Território Nacional em unidades territoriais homogêneas com tamanhos mais proporcionais, ao todo seriam 29 divisões territoriais. Embora a Constituição de 46 fosse mais magnânima, faleceu antes de ver tornada realidade a internação da capital através da Lei Emiral que possibilitou a construção de Brasília e a mudança da capital, com todas as conseqüências de melhoria nas condições de vida e progresso advindas.

É evidente que cada época tem seus problemas específicos. Hoje, combate-se muito o rumo ao Norte, por um outro motivo: o ambientalismo, mas em nenhum momento vê-se Teixeira de Freitas pregar a desorganização ou a predação, porque quando ele fala de interiorização, ele fala em progredir, melhorar e ampliar, mas não em destruir.

A Educação é um ponto importante onde Teixeira de Freitas fez estudos aprofundados também. Desde a antiga Diretoria-Geral de Estatística ele tinha muito cuidado com as estatísticas educacionais; mas elas eram muito simplificadas e por isso mesmo incompletas. O nosso sistema educacional era incompleto, mesmo dentro dos estados. Existiam currículos diferenciados para a capital e para o interior, para a zona urbana e para a zona rural.

Ao ir para Minas Gerais, este estado passou a ser uma de suas preocupações e faz um grande estudo sobre educação intitulado "Evasão Escolar e Geografia". É o primeiro estudo sobre educação com estatísticas amplas sobre o problema educacional, sobre a melhoria ou piora no ensino público e é apresentado no II Congresso Nacional de Geografia. É um trabalho longo e que teve alguma contestação ao ser discutido por educadores da época.



2º Congresso Nacional dos Municípios Brasileiros, realizado sob os auspícios da Associação Brasileira dos Municípios. Presentes o Presidente da República Getúlio Vargas e o Presidente do IBGE Florêncio de Abreu. São Vicente (SP), 1952.

Posteriormente, houve uma complementação com um trabalho de maior fôlego, em que acompanha uma classe para mostrar os planos da educação brasileira, se o currículo escolar fosse de três anos e o que teria acontecido a essa população. Chega a uma conclusão desalentadora, concluindo que em cada 210 brasileiros, em 1932, apenas dois chegariam ao nível superior, 28 completariam o nível secundário, pouco mais de 30 teriam terminado o primário e cerca de 170 seriam analfabetos e assim a taxa de analfabetismo iria aumentar a cada ano.

Este estudo complementar foi apresentado na primeira reunião pública da Sociedade Brasileira de Estatística que ajudou a criar. Posteriormente, usando metodologias já utilizadas na Itália e que foram apoiadas e aprovadas por Giorgio Mortara. Essa sua complementação o levou a fazer com Lourenço Filho uma dupla laboriosa na discussão da melhoria da educação no Brasil.

Teixeira de Freitas, Padre Leonel Franca, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Celso Kely, Prof. Oiticica, Cândido Jucá, Raul Pila e outros foram nomes da educação brasileira naquele período que se juntaram para debater e discutir a educação e seus problemas, na tentativa de soluções. Teixeira de Freitas tentava de todas as maneiras e meios sensibilizar o governo para o problema educacional no País, para que os estados, municípios e a União tivessem uma cota mínima de despesa nesse item e quando os municípios tivessem insuficiência de receitas, o Governo Federal pudesse cobrir essa parte até que a receita chegasse.

Naquela época de localidades distantes e de difícil transporte, Teixeira de Freitas pregava um regime de externato, semi-internato e internato, isto é regiões de longas distâncias que as pessoas teriam que percorrer ou não poderiam chegar à escola, tal era a distância entre a escola e o local de resi-

dência, pregava o regime de internato: as crianças seriam internadas durante o período do ano letivo e teriam toda a assistência para poderem ser educadas. Em todo o lugar que num raio de 7 km houvesse mais de 20 crianças deveria existir uma escola pública.

No meio dos educadores havia elementos das mais variadas tendências políticas e um governo que passou pela Revolução de 35, a Intentona Comunista, e que se encontrava num regime de exceção com o Estado Novo, desconfiava de tudo e de todos e as conclusões e estudos emanados do Conselho de Educação eram, a princípio, suspeitos ou estavam impregnados de uma política não condizente com a linha governamental seguida por Getúlio Vargas.

A Constituição de 37 outorgada pelo Estado Novo, apesar de ser de um período difícil, apresentou alguns avanços na questão do municipalismo e no aspecto educacional também. Ela teve a redação de Francisco Campos que sofreu, certamente, alguma influência de Teixeira de Freitas por trabalharem juntos e privarem de íntimo contato. Francisco Campos deveria estar bem a par e conhecer as idéias emanadas por Teixeira de Freitas.

Em 1945, José Américo de Almeida e Carlos Lacerda fazem uma entrevista e a publicam no *Correio da Manhã* e com isso quebram a censura. O Departamento de Imprensa e Propaganda deixa de gerir a censura no Brasil, os jornais se libertam e passam a publicar tudo o que não podiam anteriormente. Com isso, exilados políticos voltam ao País, a anistia é conseguida e em abril desse mesmo ano sai uma colaboração de Teixeira de Freitas sobre educação publicada no *O Jornal*. As suas palavras não são tão sombrias nem tão amargas como aquelas da *Semana Ruralista* de 34, apesar de escrevê-las num período de guerra, pois a Segunda Guerra Mundial só terminou em 8 de maio

de 1945. O artigo intitulava-se "Novos objetivos para Educação no Brasil" e ele fala:

"Cessada a hecatombe que no hemisfério oriental vem ultrajando inexoravelmente a civilização, e ainda enche o mundo de sofrimento e horror, o continente americano, depois de se ter feito o campeão da justiça política na guerra, também se fará o paladino da justiça social na paz. Uma grande obra de renovação na convivência humana lhe está reservada, a qual - imune de ódios - mais fecunda há de ser do que aquela que também se processará nos continentes onde a violência causou devastações ou envenenou a sociedade internacional.

..."A 'pré-história' social que ainda vivemos, e sobre a qual as gerações futuras - se chegarem a compreendê-la - só poderão formular anátemas e maldições, está, para felicidade do gênero humano, visivelmente esgotada. Suas últimas páginas parece que o Século XX recebeu a missão de voltar irrevogavelmente. E já agora - cremo-lo firmemente - os ideais políticos que os povos americanos estão em condições de definir e proclamar, em perfeita unidade de pensamento, hão de orientar-se com o objetivo de implantar por métodos pacíficos, e sob o influxo da fraternidade cristã, a "era normal da história humana".

Continua ele até que entra no assunto Educação:

"Constituindo uma - e talvez a mais nobre - das formas essenciais da atividade social, a educação deve resultar de um sistema que funcione o melhor possível, sob a inspiração destes três princípios: *justiça, ordem e eficiência*.

..."Para ser *justa*, a educação deve oferecer-se efetivamente a todos os cidadãos sem privilégio algum, a não ser o dos dons naturais de receptividade pessoal. Logo, não será apenas *gratuita*, mas também *providencial*. Em verdade, se a criança não se fez a si mesma - pois é um "produto", não apenas dos seus progenitores, mas ainda, da sociedade -, a esta cabe, em relação ao novo cidadão, o dever estrito de prepará-lo para a vida, sejam quais forem suas condições pessoais - temperamento, saúde, inteligência, fortuna, ambiente familiar -, circunstâncias, estas, pelas quais a criatura humana não tem originariamente responsabilidade nenhuma, e que pedem adequada assistência se forem desfavoráveis. Donde um postulado fundamental: o de que inere à personalidade do infante, com o direito à educação gratuita e providencial, os consequentes títulos a uma compensação ou auxílio e aos estímulos necessários, em face dos "sacrifícios" que fizer para se deixar educar. Esses sacrifícios, que se lhe pedem em benefício próprio, sem dúvida, mas igualmente para o bem coletivo, são os da sua liberdade juvenil, estuante de atrativos; o de constranger os impulsos naturais de mobilidade, contrariando os objetivos que sua própria imaginação criar; e às vezes, ainda, o de desatender às fortes e respeitáveis solicitações, ora de uma co-

operação doméstica laboriosa, ora de atividades precocemente atraentes e remuneradoras".

Teixeira de Freitas preconizava o pagamento de salários a estudantes carentes; acreditava que para manter na escola aquelas pessoas que tivessem necessidade de ir ao mercado de trabalho mais cedo ou precisavam trabalhar para manter a família tivessem o auxílio do Estado, é isso o que ele quer dizer aqui:

"Tudo isto quer dizer, portanto, que a educação, isto é, o processo educativo, deve ser capaz de remover, utilizando recursos sociais e econômicos, todos os fatores negativos superáveis - miséria, doença, temperamento difícil, desassistência familiar e necessidade prematura de ocupação doméstica ou remunerada -, permitindo, assim, que a Nação aproveite, integral e adequadamente, todos os valores intelectuais e morais que lhe trouxe cada geração.

..."Para ser *ordenada*, a educação há de constituir um sistema orgânico, isto é, diferenciado e unificado ao mesmo tempo, pelo qual, considerado todo o campo educacional como um processo de valorização do homem, e levadas em linha de conta todas as necessidades a que o Estado deve atender, com o fito de nobilitar e conduzir esclarecidamente a vida coletiva, fique assegurado à comunidade social o preparo e distribuição dos seus novos elementos em quadros que se diferenciem segundo fórmulas equilibradas. A liberdade prevalecerá, é claro, permitindo aos cidadãos a livre escolha do seu destino profissional; mas uma orientação bem inspirada, secundada por apropriados estímulos e atrativos, disporá facilmente as cousas de modo que se consiga a harmonia necessária no conjunto da distribuição.

..."Para ser *eficiente*, por fim, a educação há de voltar-se, não para o passado mas para o futuro. Fixará os seus objetivos, os seus métodos, os seus processos, segundo as exigências dos destinos da Nação, e tendendo à ordem nova que o mundo moderno já começou a esboçar de maneira tão trágica. Para tanto, ela exige uma planificação complexiva e profunda. Mas uma planificação que não pretenderá ser um conjunto de moldes estanques e rígidos, pois constituirá, ao contrário, uma força social viva, rica de formas e de mobilidade, operando por meio de um aparelho montado e posto a funcionar segundo diretrizes inteligentes e adequados controles, depois de assegurada a perfeita suficiência de elementos humanos e materiais.

..."Os recursos para isto não faltam. E nem podem faltar, tal como acontece com as exigências da guerra, quando é esta imposta à coletividade. Com uma diferença, todavia. Os sacrifícios da guerra são exigidos quase sempre na incerteza e sem medida, e só se pagam - quando se pagam - com a digna sobrevivência da Pátria. Ao passo que os sacrifícios para a educação nacional serão sempre medidos, e comedidos, além de multiplicadamente compensados pela felicidade e engrandecimento

coletivos, que eles propiciam do modo mais seguro possível".

Vejam bem que ele propõe um aumento de gastos com a Educação proporcional ao mesmo aumento de gastos que o País havia tido com a guerra.

Entre as organizações do sistema educacional brasileiros para atender aos objetivos, ele os enumera e vão da letra A à letra M, aspectos como coordenação unificadora, diferenciação harmônica, somatório convencional, equivalência nacional, etc., mas a letra E é um problema cruciante que fica até hoje: Nobilitação do Magistério.

"Nobilitação do Magistério, tanto na sua formação quanto no seu recrutamento, e também por meio de uma remuneração liberal, numa escala progressiva e uniforme, de aplicação automática, sem dependência de vagas, nem de casuais promoções, e que tome em consideração, não apenas o tempo de serviço e o merecimento, mas igualmente as condições de desconforto e sacrifício do ministério a exercer, bem como os encargos de famílias."

Uma de suas grandes preocupações com a educação era em relação às condições do magistério, já naquela época mal pago, mal selecionado, mal distribuído e vivendo com sacrifício.

"Quem chegasse pela primeira vez, e durante a noite, a um sítio de horizonte confinado em região desconhecida, seria um louco se perdesse tempo a registrar, com requintes de minúcia e aforçada atenção, os detalhes da formação geológica do lugar. Se tem um plano a estabelecer, se deve cuidar de sua defesa, se pensa em realizar alguma coisa, sua imediata preocupação será subir a uma elevação para descortinar, à plena luz do dia, o mais largo horizonte possível, a fim de ter uma idéia de conjunto sobre a ambiência que o envolve e de

ve condicionar todas as suas possibilidades e movimentos.

"Da mesma forma quanto ao adolescente. Da sua parte, seria apenas inconsciência, mas da parte dos que o guiam seria um erro indesculpável, se escolhesse ou lhe fosse imposta uma educação geral - isto é, uma aprendizagem de 'humanidades', vale dizer, das cousas que mais fundamente interessam ao 'homem' no seu tempo - que viesse constrangê-lo, no mais penoso e inútil sacrifício, a adquirir técnicas, noções, nomenclaturas e conceitos já peremptos, inteiramente vazios de sentido para a vida prática do seu meio e da sua época, afastando-o do único objetivo urgente e importante: - ter uma idéia geral do mundo e da vida, tão clara e compreensiva quanto possível. Pois, em verdade, que é que precisa saber o ente humano ao desabrochar para a compreensão e a atividade, senão apenas o verdadeiro sentido do seu domínio sobre o mundo, o 'como' e o 'para que' foi chamado à existência? Isto não será enciclopedismo inconsistente e absurdo, nem utilitarismo deprimente nem filosofismo prematuro; nem tão pouco a imposição de um sistema religioso".

O que queria dizer aqui é que o ensino da época contemplava no primário a história geral, assuntos vastos e variados, geografia universal para uma cabeça e universo infantis, coisas que se poderia aprender no ciclo imediatamente superior, ou seja, no ciclo secundário e outras já no ciclo superior quando estivesse se especializando; coisas que se aprendem no colégio e que depois se esquecem por falta de uso até desaprender-se.

Na minha época de ensino primário se ensinava muitas coisas que eu jamais tive necessidade delas, a não ser como conhecimento geral e isto significava um peso sobre o programa de ensino.



Com o objetivo de exaltar o significado histórico da construção de Goiânia, como primeiro marco real da Campanha da "marcha para o oeste", realizou-se no período de 17 de junho a 31 de julho de 1942 um conjunto de atividades culturais, denominado Batismo Cultural de Goiânia. Teixeira de Freitas promoveu e participou deste acontecimento cívico, pois acreditava que Goiânia constituía o primeiro passo para a interiorização da capital federal, e o Brasil, assim, passaria a ser efetivamente dono de si mesmo. Na foto, inauguração de Goiânia, onde Teixeira de Freitas discursou em nome do Presidente da República Getúlio Vargas. Goiânia, 5 de julho de 1942.

Causava um pesado encargo aos professores e aos alunos, era causa de repetência sem fim e a repetências sem fim eram o abandono escolar e isso o porquê de muitos analfabetos no País. E para concluir diz ele nas medidas gerais que se impõem em defesa da criança:

"Em primeiro lugar, é preciso que tais medidas sejam tomadas, não apenas nos regulamentos, mas pela ação larga, eficaz, próxima e solícita de órgãos protetores adequadamente instituídos e localizados. O sistema a criar deve dispor pelo menos de um centro de ação direta - clínica, profilática, assistencial e educativa - em cada município (senão em cada distrito), se quisermos evitar este tremendo, desumano e estúpido sacrifício, a que assistimos de braços cruzados e coração leve, de uma mortalidade infantil que avulta entre as maiores do mundo, mas apenas por motivos perfeitamente suprimíveis: os que resultam da "ignorância e miséria" dos progenitores, na frase justa do Prof. Mortara. Evite-se a mortandade da primeira infância, salvem-se as centenas de milhares de vidas em flor que no mais cego e impiedoso egoísmo permitimos desaparecerem cada ano, e a escola primária, se por sua vez regenerada e integrada no seu verdadeiro papel social, cumprirá o seu dever, velando convenientemente por esse patrimônio inestimável - o melhor penhor da grandeza futura do Brasil".

Este artigo faz parte de uma coletânea *Estatística e Educação*, o volume foi preparado pelo IBGE para o Seminário Interamericano de Alfabetização e Educação de abril de 1949, no Quitandinha, no Rio de Janeiro. Aqui tem quase todos os trabalhos educacionais produzidos por Teixeira de Freitas e todas as resoluções que, por sua inspiração, a Assembléia Geral de Estatística apoiou.

Teixeira de Freitas era um homem que desenvolvia a cultura e propôs à Assembléia Geral de Estatística que aprovasse a criação de Bibliotecas e Museus em cada município brasileiro. Na sua ânsia municipalista ao criar o IBGE com um convênio entre três órgãos governamentais municipal, estadual e federal, colocou em cada município um escritório de estatística, provido de todos os meios necessários para o desempenho de suas funções e paralelamente com as publicações e os volumes que seriam necessários.

As Bibliotecas das Agências de Estatística, que existiam até 1970, eram amplas, bem cuidadas e de muita utilidade por esse interior a fora. Espero que o nosso colega Nelson Senra, nessa sua atividade junto ao CDDI, consiga reerguer não só as bibliotecas das Delegacias como consiga colocar também nos principais municípios brasileiros, uma biblioteca do IBGE.

Isto é o que eu tinha a dizer sobre Teixeira de Freitas, com quem eu não trabalhei. Por ser muito antigo no IBGE e estar sempre presente em vários grupos, algumas pessoas de 1940 achavam que eu pertencia àquela safra de servidores ibgeanos. Não, eu sou de 1950, eu entrei no IBGE como recenseador em 28 de junho de 1950. Fui trabalhar no Serviço Nacional de Recenseamento em 3 de janeiro de 1951 e ouvia falar de Teixeira de Freitas, ouvia falar de Carneiro Felipe, ouvia falar de Giorgio Mortara, mas na minha juventude não tinha idéia de quem fossem essas pessoas. Só mais adiante, em 1952, quando o General Polli Coelho, egresso do Serviço de Geografia do Exército e foi nomeado Presidente do IBGE e ao tomar posse, fez um discurso em que impugnava, amaldiçoava e incriminava tudo o que estava feito ou não feito até aquela década, onde dizia que o que o IBGE produzia era caro, demorado e sem utilidade. Isto causou no IBGE uma ruptura, o IBGE que era um bloco quase monolítico, um bloco de servidores unidos, iniciar e continuar a sua construção, cingiu-se. Os velhos servidores, acompanhando Teixeira de Freitas, abandonaram o IBGE e ele aposentou-se, em 1952.

Naquela época ouvi uma frase que já conhecia, mas que foi dita com muita frequência: "Os homens passam, as instituições ficam", denegrindo todos aqueles que saíam, dizendo-se que as instituições ficam, os homens passam e não fazem falta. Digo eu que as instituições ficam, mas ficam perenizadas, cristalizadas, engrandecidas, fortalecidas, e com grande poder de trabalho e persuasão por todos aqueles que lá passaram. Principalmente o IBGE, este IBGE que Teixeira de Freitas nos legou e que nós temos trazido até hoje mas que precisa em determinadas coisas voltar ao espírito do IBGE antigo, precisamos voltar às origens em determinadas coisas, precisamos voltar no IBGE a dar ênfase às estatísticas municipais, precisamos, voltar no IBGE a dar ênfase às monografias municipais, precisamos voltar no IBGE a dar ênfase a estudos sobre os vários temas da sociedade brasileira como era comum na época, precisamos valorizar a cultura brasileira. Este precisa ser o IBGE que nos legou Teixeira de Freitas, a quem rendo meu tributo.

Poupando o nosso homenageado, vou encurtar esta minha pífia participação, poupando-vos, também, de continuar a ouvir esta cantinela descompassada, sem ritmo e melodia, e poupo-me também de ampliar esta fraca e ridícula apresentação.

Muito obrigado.

Teixeira de Freitas e o Esperanto



Foto do palestrante e texto de sua apresentação feita por Mauro Pereira de Mello, Diretor de Geociências do IBGE. Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1990.

Jorge das Neves
Delegado-Geral da
Associação Universal
do Esperanto, com
sede em Rotterdam.
Diplomado em Direito,
publicou *Poesia dos
Signos* e é co-autor
do *Método Elementar
de Esperanto*.
Divulgador do ideal
esperantista, ressalta
o empenho de Teixeira
de Freitas em fazer
do esperanto a língua
de integração dos
povos.

Teixeira de Freitas e o Esperanto

Jorge das Neves

A mundialidade da Estatística e a mundialidade do esperanto têm uma relação perfeita no IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - graças ao fervoroso e competente trabalho empreendido por TEIXEIRA DE FREITAS, cujo centenário comemoramos neste ano de 1990.

Voltemos a 1905, quando TEIXEIRA DE FREITAS tinha ainda seus 15 anos, a cidadezinha francesa Boulogne-sur-Mer assistia juntamente com o Dr. Zamenhof ao 1.º Congresso de Esperanto e, no Brasil, surgia a edição do primeiro dicionário da nova língua.

Dois anos depois, em 1907, o Movimento Esperantista começou oficialmente em nosso País, por ocasião do 1.º Congresso Brasileiro de Esperanto, durante o qual, na cidade do Rio de Janeiro, era fundada a, então denominada, Liga Esperantista Brasileira. Essa organização tornou-se, posteriormente, Liga Brasileira de Esperanto - Brasileira Esperanto-Ligo - cuja sede própria atualmente está situada em Brasília.

Filho do Engenheiro Affonso Augusto Teixeira de Freitas e Dona Maria José Teixeira de Freitas, na antiga Vila de São Francisco, hoje Município de São Francisco do Conde, próximo a Salvador, no Estado da Bahia, nasceu MARIO AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS, a 31 de março de 1890.

Diz a Astrologia que ele nasceu com o sol em Áries, e a famosa astróloga americana Linda Goodman, em seu *best-seller* *Seu Futuro Astrológico (Sun Signs)*, afirma: "Positivamente, os homens de Áries constituem um repositório explosivo de idéias e energia criadora". Eis um resumo exato da personalidade daquele jovem, que se diplomou em Direito e logo se interessou pelos estudos estatísticos, por seu mérito cognominado "Pai da Estatística".

Com somente 18 anos, em 1908 TEIXEIRA DE FREITAS já acompanhava e participava dos bens sucedidos esforços, de tal forma que a universalidade do Esperanto ajudasse a divulgação mundial da Estatística do Brasil.

Com o auxílio do Setor de Memória Institucional do IBGE, pesquisamos documentos da própria Biblioteca. Apuramos que, em 1908, em comemoração à abertura dos portos brasileiros ao comércio estrangeiro (quando o Brasil pertencia a Portu-

Teixeira de Freitas kaj Esperanto

Jorge das Neves

La tutmondeco de Statistiko kaj la tutmondeco de esperanto havas perfektan rilaton ce IBGE - Instituto Brazila de Geografio kaj Statistiko - dank' al fervora kaj kompetenta laboro entreprenita de TEIXEIRA DE FREITAS, kies centjariĝon oni memorfestas en tiu ci jaro 1990.

Ni revenu gis 1905, kiam TEIXEIRA DE FREITAS estis ankoraŭ dek-kvinjara, - la franca urbeto Boulogne-sur-Mer spektis kune kun D-ro Zamenhof la unuan Kongreson de Esperanto kaj, en Brazilo, aperis la eldono de la unua vortaro de la nova lingvo.

Du jarojn poste, en 1907, la Esperanto-Movado komencigis oficiale en nia lando okaze de la 1-a Brazila Kongreso de Esperanto, dum kiu en la urbo Rio de Janeiro estis fondita la tiam nomita *Liga Esperantista Brasileira*. Tiu organizajo poste farigis *Liga Brasileira de Esperanto* - Brasileira Esperanto-Ligo, kies propra sidejo nuntempe situas en Braziljo.

Filo de Ingeniero Affonso Augusto Teixeira de Freitas kaj Sinjorino Maria José Teixeira de Freitas, en malnova Vilago San-Francisko, hodiaŭa municipo São Francisco do Conde, proksime al Salvador, en la stato Bahia, naskigis MARIO AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS, je la 31-a de marto 1890.

Diras Astrologio, ke li naskigis kun la Suno en Safo, kaj la fama usona astrologino Linda Goodman, en sia plejvendata verko "Sunaj Signoj" (*Sun Signs*) asertas: "Pozitive, la homoj naskigintaj sub Safo konsistigas tenujon eksplodeman por ideoj kaj energio kreopova". Jen ekzakta resumo pri la personeco de tiu junulo, kiu diplomigis pri Juro, pro merito alnomita "Patro de Statistiko".

Nur 18-jara, em 1908 TEIXEIRA DE FREITAS jam akompanadis kaj partoprenis la bonsancajn klopodojn tiel, ke la universaleco de Esperanto helpu al tutmonda disvastigo de Statistiko en Brazilo.

Helpe de *Setor de Memória Institucional do IBGE* (Institucia Memor-Fako) ni esploris dokumentojn de la Biblioteko mem. Ni trovis, ke en 1908, kiel me

gal), a Diretoria-Geral de Estatística, então dirigida pelo Dr. Bulhões de Carvalho, editou um boletim para ser distribuído durante a Exposição Nacional. Com absoluta certeza o jovem TEIXEIRA DE FREITAS participou disso. Os títulos das tabelas estatísticas estão impressos em português, francês e esperanto. Além disso, em publicação à parte, prefácio do referido boletim comemorativo põe em relevo a significativa utilização da nova língua internacional, no objetivo de uma difusão mais ampla de nossas estatísticas.

Esse histórico ANTAUPAROLO foi reimpresso no volume 6 do número 22, da *Revista Brasileira de Estatística*, abril/junho 1945.

Em 1929, quando o Dr. TEIXEIRA DE FREITAS tinha 39 anos, ele estava à frente do Serviço de Estatística Geral da Secretaria da Agricultura do Estado de Minas, atualmente Departamento Estadual de Estatística. Na época empreendeu nova campanha de apoio ao esperanto no Brasil. A língua, para ele verdadeiramente internacional, foi largamente usada em correspondência com o exterior, algumas vezes no âmbito do próprio Serviço.

Entretanto, somente após a instalação, em 1936, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE -, do qual o Dr. TEIXEIRA DE FREITAS se tornou o primeiro Secretário-Geral, o esperanto assumiu papel oficial na Estatística Brasileira, porque, a partir daí, foi utilizado como língua auxiliar nas atividades e publicações do Instituto.

Além de diversos e eloqüentes pronunciamentos a favor do esperanto, merece menção especial a Resolução n.º 218, de 19 de julho de 1939, pela qual a Assembléia Geral do Conselho Nacional de Estatística mandou incluir o ensino do esperanto no programa do curso anual de aperfeiçoamento para estagiários do sistema regional. Logo então, 55 finalistas, que trabalhavam em departamentos de estatística de diversos estados, receberam diploma por aprovação em exame, com notas relativas ao esperanto. Infelizmente, por dificuldades relativas a transporte como resultado da Guerra Mundial, os cursos não mais se realizaram desde 1942.

Eis, novamente, conseqüências da guerra contra a prosperidade da língua internacional, como se não bastasse o desaparecimento do próprio Zamenhof, em abril de 1917, num dia chuvoso, sombrio e frio, durante os terríveis acontecimentos da igualmente lamentável Primeira Guerra Mundial.

Coisas ruins acontecem, mas o ideal da Estatística, assim como o ideal de uma língua comum para os povos, não enfraquecem, porque continuam a existir sobre a face da terra homens com a perseverança e grandeza moral de TEIXEIRA DE FREITAS. Ele é muitíssimo mais que o nome de uma próspera cidade ao sul do Estado da Bahia, porque tanto o IBGE quanto o Movimento Esperantista estão plenos de sua presença, de sua inspiração, de seu trabalho.

Em discurso pronunciado durante uma sessão especial da Junta Executiva Regional do Conselho Nacional de Estatística, em abril de 1956, em Belo Horizonte, em homenagem ao Dr. MARIO AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS, que acabara de falecer

morigo de l'malfermo de l'havenoj brazilaj al la fremda komerco (de kiam Brazilo apartenis al Portugalio), la Direktantaro Generala de Statistiko, tiam direktata de D-ro Bulhões de Carvalho, eldonis specialan Bultenon disdonotan dum la Ekspozicio Nacia. Tute certe la junulo TEIXEIRA DE FREITAS partoprenis tion. La titoloj de la statistikaj tabeloj estas presitaj en la portugala, franca kaj Esperanto. Krom tio, sur aparta publikigajo, Antauparolo de la dirita Bulteno Memoriga reliefigas la signifan utiligon de la nova internacia lingvo cele al diskonigo pli vasta pri niaj statistikoj.

Tiu historia ANTAÚPAROLO estas represita en la volumo 6, numero 22 de *Revista Brasileira de Estatística* (Brazila Revuo de Statistiko), aprilo/junio 1945.

En 1929, kiam D-ro TEIXEIRA DE FREITAS estis 39-jara, li estis estro oficanta en la Servo-fako pri Generala Statistiko ce Agrokultura Sekretariejo de Stato Minas Gerais, aktuale Stata Departamento de Statistiko. Tiam li entreprenis novan kampanjon apoge al Esperanto en Brazilo. La por li vera internacia lingvo estis large uzata por interkorespondado al eksterlando, kelkfoje en la oficiala kadro de lia Fako mem.

Tamen nur post la instalo, en 1936, de Instituto Brazila de Geografio kaj Statistiko - IBGE - kies unua Generala Sekretario D-ro TEIXEIRA DE FREITAS farigis, Esperanto prenis oficialan rolon ce brazila statistiko, car ekde tiam gi estis uzata kiel helpa lingvo por la aktivecoj kaj publikigajoj de la Instituto.

Krom pluraj kaj elokventaj deklaroj favore al Esperanto, estas speciale menciinda la Rezolucio n-ro 218, de la 19-a de julio 1939, per kiu la Generala Asembleo de Nacia Konsilantaro de Statistiko ordonis enkondukon de Esperanto-instruado en la programon de la perfektiga jara kurso por stagantoj de la regiona sistemo. Tuj poste, 55 kursfinintoj, kiuj laboradis en statistikaj departementoj de diversaj statoj, ricevis diplomon pro lauekzamena trapaso kun notoj rilate al Esperanto. Bedaurinde, pro malfacilajoj koncerne al transveturado rezulte el la monda milito, la kursoj ne plu okazis depost 1942.

Jen denove promilitaj konsekvencoj kontraŭ la prospero de la lingvo internacia, kvazau ne suficis la forpaso de Zamenhof mem en aprilo 1917, en tago pluva, malhela kaj malvarma dum la teruraj okazajoj de la same plorinda unua mondmilito.

Malbonaj okazas, sed la idealo de Statistiko, same kiel idealo de komuna lingvo por la popoloj ne malfortigas, car daŭre ekzistas sur la terfaco homoj kun la persisteco kaj morala grandeco de TEIXEIRA DE FREITAS. Li estas multege pli ol la nomo de prospera urbo sude de 'stato Bahia, car kaj IBGE kaj Esperanto-Movado estas plenaj je lia ceesto, je lia inspiro, je lia laboro.

En parolado eldirita dum speciala sesio de Regiona Plenuma Kunigo de Nacia Konsilantaro de Statis



Teixeira de Freitas na sessão solene de instalação da I Convenção Fluminense de Esperanto, em 5 de novembro de 1953.

no Rio de Janeiro, o Dr. Wilson Getúlio, Chefe da Divisão de Documentação e Informações do Departamento Estadual de Estatística, expressou que "o homenageado não é apenas uma pessoa importante e eminente estatístico, mas também um idealista que possuía uma fé enorme quanto ao destino do Brasil. Desse Brasil que nós todos amamos e que em nossos sonhos o representamos como um País de fraternidade, riqueza e justiça".

Mencionado discurso compõe uma publicação sob o título *Ligeiro Perfil de Teixeira de Freitas - a Estatística e o Esperanto*, que aquele Departamento Estadual ofereceu aos participantes da II Convenção Mineira de Esperanto do Estado de Minas Gerais, reunida na cidade de Barbacena.

Obviamente não se tem o direito de esquecer as relações profissionais, e até fraternas, entre TEIXEIRA DE FREITAS e o Dr. Mário Ritter Nunes, ex-Diretor da Diretoria de Documentação e Divulgação do IBGE. Atualmente ela existe com a sigla CDDI - Centro de Documentação e Disseminação de Informações, cujo diretor é o Dr. Nelson de Castro Senra.

Os Anais do XV Congresso Brasileiro de Esperanto, que comemorou o Jubileu de Ouro da Liga Brasileira de Esperanto, ocorrido na cidade de Niterói, em julho de 1957, contém a tese completa, então apresentada pelo Dr. Mário Ritter, sob o título "O Pensamento e a Ação de M. A. Teixeira de Freitas". Menciona o autor dessa tese que, durante uma de suas visitas ao Dr. TEIXEIRA DE FREITAS, este já estava quase sem voz e sem forças. Todavia, apesar desse estado de saúde, o inesquecível idealista pediu, em esmaecido sussurro, que todos nós zelássemos pelo esperanto, esforçando-nos para que a língua seja permanentemente difundida, sem perda de prestígio. E a tese se encerra lembrando que esse pedido, partindo de TEIXEIRA DE FREITAS, se torna "nobre e honroso legado, para todos os colegas e samideanos do nosso querido personagem".

tiko, en aprilo 1956, en Belo Horizonte, omage al D-ro MARIO AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS, tiam jus mortinta en Rio de Janeiro, D-ro Wilson Getúlio, cefo de la Fako por Dokumentado kaj Informado de Stata Departamento de Statistikio, deklaris, ke "la honorito ne estas nur grava homo kaj eminenta statistikisto, sed ankaŭ idealisto, kiu havis grandegan fidon je la destino de Brazilo. De tia Brazilo, kiun ni ciuj amas kaj kiun en niaj revoj ni bildigas, kiel landon de frateco, de rico kaj justo".

Menciita parolado konsistigis publikigajon sub la titolo "Konciza Skizo pri Teixeira de Freitas - Statistikio kaj Esperanto" (en portugallingvo), kiun tiu Stata Departamento donacis al partoprenantoj en la 2-a Esperanto Kurveno de Stato Minas Gerais, okazinta en la urbo Barbacena.

Evidente oni ne rajtas forgesi la interrilatojn profesiajn kaj ec fratecajn inter TEIXEIRA DE FREITAS kaj D-ro Mário Ritter Nunes, eks-direktoro de Estraro por Dokumentado kaj Disvastigado de IBGE. Nuntempe gi ekzistas kun la akronimo CDDI, tio estas, Centro por Dokumentado kaj Dissendado de Informoj, kies direktoro estas D-ro Nelson de Castro Senra.

La Analoj de la 15-a Brazila Kongreso de Esperanto, kiu festis la Oran Jubileon de Brazila Esperanto-Ligo, okazinta en la urbo Niterói, en julio 1957, enhavas la tutan tezon tiam prezentitan de D-ro Mário Ritter sub la titolo "PENSO KAJ AGADO DE M. A. TEIXEIRA DE FREITAS". Mencias la aŭtoro de tiu tezo, ke dum unu el liaj vizitoj al D-ro TEIXEIRA DE FREITAS, ci tiu jam estis preskau sen voco kaj sen fortoj. Tamen, malgrau tia sanstato, la neforgesebla idealisto petis per malfacila susurado, ke ni ciuj prizorgu Esperanton, klopodante por ke la lingvo estu daŭre disvastigata sen perdo de prestígio. Kaj la

Ele era católico fervoroso. Discursou sobre isso Dr. Sinval Pereira da Silva, representante do Departamento Estadual de Estatística, durante a mencionada Convenção de Esperanto ocorrida em Barbacena. Também seu discurso está impresso na brochura, então distribuída, editada pela Divisão Gráfica daquele Departamento.

Aliás, retomando à tese do Dr. Mário Ritter, ali está mencionado que um dos sonhos de TEIXEIRA DE FREITAS era que o IBGE se fizesse representado, durante o Congresso Universal de Esperantistas Católicos que aconteceu em Roma, em 1950. O autor da tese foi indicado como delegado do Instituto e chegou a ocorrer a impressão da obra comemorativa àquele evento, já editada em esperanto, com o título POR IU PLI BONA MONDO, ou seja, POR UM MUNDO MELHOR. Um dos exemplares foi luxuosamente encadernado para ser ofertado a Sua Santidade, o Papa Pio XII. Mário Ritter conclui a informação dizendo que "infelizmente circunstâncias pessoais impediram sua presença durante aquele Congresso em Roma".

Em 1954, o IBGE chegou a editar um livro didático, produzido pelo Dr. Mário Ritter Nunes, com o título *Gramática Sinóptica de Esperanto*, em cuja folha de rosto está impressa a dedicatória: "A M. A. TEIXEIRA DE FREITAS, MEU INSPIRADOR NO ESPERANTO".

Finalmente, não queremos perder a oportunidade de mencionar que o Dr. TEIXEIRA DE FREITAS foi presidente do Instituto Pan-Americano de Estatística e, em razão disso, também em língua espanhola, ele publicou seus artigos a favor do esperanto.

Entre outras iniciativas e procedimentos no âmbito do IBGE, sob seu controle e inspiração direta é importante também ressaltar a tradução, para o esperanto, de resumos dos artigos publicados na *Revista Brasileira de Geografia*, preparação do *Vocabulário Brasileiro de Estatística* (MALGRANDA STATISTIKA TERMINARO), divulgado pelo n.º 18 da *Revista Brasileira de Estatística* - abril/junho de 1944, sete números da série URBO, a par de obras como STATISTIKA RESUMO PRI BRAZILIO (Resumo Estatístico sobre o Brasil) e TIPOJ KAJ ASPEKTOJ DE BRAZILIO (Tipos e Aspectos do Brasil), todo ilustrado.

Parou de bater o coração de TEIXEIRA DE FREITAS a 22 de fevereiro de 1956.

Em todo o IBGE, como em todo o Movimento Esperantista, sente-se que ele não morreu. E a Associação Universal de Esperanto, de sua sede em Rotterdam, saboreia o clima da presença dele aqui.

Falta-nos a competência de TEIXEIRA DE FREITAS, mas sob a inspiração de seu nome, que nos aquece o coração, nos restantes minutos do nosso tempo para falar sobre "TEIXEIRA DE FREITAS e o ESPERANTO", permanecemos em homenagem a ele, à disposição de todos vocês, seus admiradores e seguidores na Fundação IBGE, para eventualmente responder a perguntas acerca da língua internacional.

GLÓRIA A TEIXEIRA DE FREITAS!

tezo finigas per konsidero, ke tiu peto, eldirite de TEIXEIRA DE FREITAS, farigas nobla kaj honoriga postlasajo al ciuj kolegoj kaj samideanoj de nia kara eminentulo.

Li estis fervora katoliko. Paroladis pri tio D-ro Sinval Pereira da Silva, reprezentanto de Stata Departamento de Statistiko, dum la menciita Esperanto-Kunveno okazinta en Barbacena. Ankau lia parolado estas presita en la brosurto tiam disdonita, eldono de la Grafika Fako de tiu Departamento.

Cetere, revenante al la tezo de D-ro Mário Ritter, tie estas menciite, ke unu el la revoj de TEIXEIRA DE FREITAS konsistis en tio, ke IBGE estu reprezentata dum la Universala Kongreso de Esperantistoj-Katolikoj okazinta en Romo, em 1950. La aŭtoro de la tezo estis indikita kiel delegito de la Instituto, kaj okazis ec finpresado de verko memore al tiu evento sub la titolo POR IU PLI BONA MONDO, originale verkita. Unu el la ekzempleroj estis lukse bndita por donaco al Papa Mosto Pio XII-a. Mário Ritter finas la informon, dirante, ke "bedaurinde personaj cirkonstancoj malpermesis lian ceeston dum tiu Kongreso en Romo".

En 1954, IBGE ec eldonis lernolibron verkitan de D-ro Mário Ritter Nunes sub la titolo *Gramática Sinóptica de Esperanto* (Sinoptika Gramatiko de Esperanto), sur kies antaŭfolio estas presita la dedico: POR M. A. TEIXEIRA DE FREITAS, MIA INSPIRANTO AL ESPERANTO.

Finfine ni volas ne perdi la okazon menciiri ke D-ro TEIXEIRA DE FREITAS estis prezidanto de Tutamerika Instituto de Statistiko kaj pro tio ankau en la hispana lingvo li publikigis siajn artikolojn favore al Esperanto.

Inter aliaj iniciatoj kaj faroj kadre de IBGE, sub lia kontrolo kaj rekta inspiro gravas ankau reliefigi la esperantigon de resumoj de la artikoloj publikigitaj en *Revista Brasileira de Geografia*, pretigon de MALGRANDA STATISTIKA TERMINARO, disvastigita pere de n-ro 18 de Brazila Revuo de Statistiko - aprilo - junio 1944, sep numerojn de la serio URBO kaj apartajn verkojn, kiel STATISTIKA RESUMO PRI BRAZILIO kaj TIPOJ KAJ ASPEKTOJ DE BRAZILIO, tute ilustrita.

Cesis la korbatado de TEIXEIRA DE FREITAS la 22-an de februaro 1956.

En la tuta IBGE, same kiel en la tuta Esperanto-Movado oni sentas, ke li ne mortis. Kaj Universala Esperanto-Asocio, el sia sidejo en Roterdamo, guas la etoson de lia ceesto tie ci.

Mankas al ni la kompetento de TEIXEIRA DE FREITAS, sed sub la inspiro de lia nomo, kiu varmigas al ni la koron, dum restantaj minutoj de nia tempo por paroli pri "Teixeira de Freitas kaj Esperanto", ni restas omage al li, je la dispono de vi ciuj, liaj admirantoj kaj sekvantoj ce Fondajo IBGE, por eventualle respondi al demandoj pri la lingvo internacio.

Gloro al TEIXEIRA DE FREITAS!

Esperanto: Bibliografia existente na Biblioteca do IBGE

- BRAGA, Ismael Gomes. *Esperanto sem mestre*. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1938. 145p.
- _____. (comp.) *Esperanto modelo*. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1939. 222p.
- _____. (comp.) *Guia de conversação português-esperanto e correspondência comercial*. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1941. 155p.
- _____. (comp.) *Método de Esperanto*. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1938, 176p.
- FREITAS, Mario Augusto Teixeira de. *La nova erao "la erao de la tutmondeco" Kaj Esperanto*. Rio de Janeiro, s.ed., 1948, 26p.
- MONDINI, Alessandro, (org.) *Manuale pratico di Esperanto; secondo il metodo combinato dei proff. M. Becker e G. Grojean-Maupin*. Trento, Alighietta, 1938. 276p.
- O NOVO mundo e o Esperanto; mensagem de esperança. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do IBGE, 1952. 17p. (Publicação comemorativa do XIII Congresso Brasileiro de Esperanto, 1952, Recife).
- POR iu pli bona mondo. Rio de Janeiro, IBGE, 1950. 31p. (Kolekto da dokumentoj dediĉita de Brazila Instituto de Geografio kaj Statistiko al la XXII-a Internacia Kongreso de Katolikaj Esperantistoj, okazinta en Romo dum la Sankta Jaro 1950-a).
- TIPOJ kaj aspektoj de Brazilo. Rio de Janeiro, IBGE, 1945. 151p. (Originaloj el la Brazila Revuo de Geografia. Speciale presado memoriga de la Deko Brazile Kongreso de Esperanto).
- ZAMENHOF, L. L. *Esperanto*. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1939. 105p.
- _____. *Essência e futuro da idéia de língua universal*. Trad. e notas de Ismael Gomes Braga. Rio de Janeiro, Edição de Língua Auxiliar, 1937. 86p.

Em comemoração ao Centenário de Teixeira de Freitas, o Coronel Robinson Mattos, também Delegado da Associação Universal de Esperanto, declamou, ao término da palestra do Prof. Jorge das Neves, este poema que, por recomendação de Teixeira de Freitas, foi publicado em 1952, em edição bilingüe, como "contribuição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ao XIII Congresso Brasileiro de Esperanto".

Mensagem

Seleneh de Medeiros

COMPANHEIRO, segure a minha mão!
Busque em meus olhos mais que uma ternura,
Busque um desejo de fraternidade!
Busque na minha voz, mais que um chamado...
Busque a palavra breve e limitada,
De sentido grandioso e sobranceiro,
Que exprime mais que amor, mais que desejo,
Que exprime um sentimento além da morte...
Esta palavra apenas: COMPANHEIRO!

Saiba que para a glória de dizê-la,
Não fui ouvir canhões que escorrem sangue
Na tempestade trágica da guerra!
Nem crepitar de incêndios nas cidades,
Nem os gritos dos homens profanados!
Para dizê-la, fui beijar a terra.
Colei meu rosto ao ventre amplo e fecundo,
Ouví passar o vento nos salgueiros,
Rezei cantos de paz e de trabalho...
Recolhi toda a mística doçura
De um aboio plangente pela estrada...
E disse então esta palavra única,
De sentido grandioso e sobranceiro,
Que exprime mais que amor, mais que desejo,
Que exprime um sentimento além da morte...
Esta palavra apenas: COMPANHEIRO!

COMPANHEIRO, transmita esta Mensagem!
Leia os meus versos, leve-os a outros povos!
Diga à gente das raças mais estranhas
Que eu não tenho fronteiras para amar!
Fale aos poetas judeus, indianos, nórdicos,
Que alguém existe sob o sol da América
Que quisera apertar a mão de todos:
Mãos de sábios que traçam diretrizes,
Mãos de operários que constroem mundos,
Mãos de artistas que criam maravilhas,
Sem distinção de classe, idade ou sexo,
No mesmo ardente e fraternal amplexo!
Diga-lhes, mais, que o mundo, o grande mundo,
Tão diverso, espraiado e milenar,
Para quem sente amor, amor profundo,
Nada mais é que um velho, um doce lar!...

Mesaço

Tradukis Francisco Valdomiro Iorenz

KUNFRATO mia, tenu mian manon!
Vi en okuloj miaj, krom mildeco,
Deziron sercu de frateco vera!
En mia voc' ne sercu nur alvokon,
Sed la mallogan kaj senliman vorton
De granda senco, vera homa sato,
Pli noblan ol la amo au deziro,
Korsenton kiu dauras ec trans morto...
Apenau vorton tiun ci: KUNFRATO!

Kaj sciuj, ke mi, por la glor' gin diri
Ne iris audi tondrojn de kanonoj
Kracantaj sangon en militempestoj!
Nek krakojn de brulegoj en la urboj,
Nek kriojn de la homoj profanitaj,
Sed pie kisis la patrinon-teron!
La vangon gluis mi al sia ventro;
Mi audis la ventspiron ce l' salikoj...
Mi pregis kantojn de labor' kaj paco,
Kolektis ciun mistikan dolcecon
De la lamentaj vocoj sur la vojo...
Kaj tiam diris mi l' unikan vorton
De granda senco vera homa sato,
Korsenton kiu dauras ec trans morto...
Apenau vorton tiun ci: KUNFRATO!

Transsendu, ho KUNFRAT', mesaçon mian!
Leginte miajn versojn, sendu ilin
Al aliaj popoloj: ciuj sciuj
Ke ne agnoskas mi por am' landlimojn!
Al la poetoj judaj, hindaj, nordaj
Vi diru ke el Ameriko iu
Deziras arde ja manpreni ciujn:
La sciencistojn, gvidini-skizantajn,
La laboristojn, mondojn konstruantajn,
L' artistojn, kiuj kreas mirindajojn,
Sen distingad' de klaso, seks' au ago,
Kun frata cirkaupren' kaj pacmesago!...
Al ili diru ke la granda mondo,
Diversa, tiom vasta, multmijara
Por hom', profundan amon la sentanta,
Nun estas nur malnova hejmo kara!

COMPANHEIRO, não pare! Há tantas vielas
Nas docas de Xangai, nos bairros de Pequim
Nas favelas do Rio de Janeiro,
No "bas-fond" de New York ou de Paris!
Há casas de miséria
Por entre escombros de cidades de aço!
Se você detiver alma e sentidos
Há de ouvir impropérios e gemidos!
Há de encontrar meninos muito tristes
Na mais sombria e lenta procissão!

COMPANHEIRO, contenha a estranha turba,
Tome os meninos tristes pela mão...
Enxugue, decidido e generoso,
Em cada rosto a lágrima da fome...
E lhes diga, em meu nome,
Que quando eu beijo a fronte do meu Filho,
Estou beijando, imensa e maternal,
Os rostos infantis do mundo inteiro,
Numa amplidão de Mãe Universal!

COMPANHEIRO, não pare! Siga sempre!
Das planícies dos pampas da Argentina
Às estepes geladas da Sibéria!
Ouvindo retumbar Niagara Falls
Ou penetrado pela paz silente
Dos mosteiros longínquos do Tibet,
Coleando mansamente ao ritmo langue
Das mulheres da América Central,
Ou sentindo pulsar as fortes veias
Das cidades hercúleas de carvão,
Rezando às catedrais da velha Itália,
Ou debruçado aos textos do Alcorão,
Siga sempre, ande sempre, COMPANHEIRO,
Não se esqueça que os povos do universo
São mesmo anseio, mesmo inquieto sangue,
Mesmos sentidos, mesmo coração!...

Corra o deserto ao dorso de um camelo!
Sinta o simum vermelho, fulgurante,
Como língua de fogo,
Lambendo areias num fremir de inferno!...
Penetre-se de paz e de doçura,
Olhando em torno a imácua paisagem,
Onde o sol é fugaz e o gelo é eterno!
Sinta o hálito vulcânico... e estremeça!
Ouça a voz dos rabis, nas sinagogas!
Cruze os mares do Sul...
Veja as ilhas bordadas de palmeiras,
Onde a face do céu é sempre azul!
Caminhe o Chaco, de extensões tão grandes,
E se prosterne diante do infinito,
Ante as torres hieráticas dos Andes!...
E onde quer que se encontre alguém que chora,
Onde quer que haja um rosto a levantar,
Lembre a palavra breve e limitada,
De sentido grandioso e sobranceiro,
Que exprime mais que amor, mais que desejo,
Que exprime um sentimento além da morte...
Esta palavra apenas: COMPANHEIRO!

COMPANHEIRO, não pare! Siga sempre!
Procure ver as mães do mundo inteiro!

Auntauen, ho KUNFRATO! Stratetoj estas
en la Sanhajoj doko, en Pekin',
En la "faveloj" de l' urbego Rio,
En la "bas-fond" Novjorka au Pariza!
Estas multaj domoj de mizero
Inter la skombroj de harditaj urboj!
Se haltos iom via kor' kaj sentoj,
Vi audos insultadojn kun lamentoj!
Renkontos vi infanojn tre malgajajn,
En plejmalklara, gema procesi':
Haltigu, ho KUNFRAT', la homamason,
L' infanojn je la mano prenu vi...
Sekigu, decidema, grandanima,
Sur ciu vang' la larmon de l' malsato;
En mia nom' al ili diru, frato,
Ke, kiam kisas mi fileton mian,
Mi kisas, kun koramo ideala,
L' infanzagojn de la tuta mondo,
Sentante min patrin' universala!

KUNFRATO pli antauen iru ciam!
De l' verdaj ebenajoj Argentinaj
Al la glaciaj stepoj Siberiaj!
Audante bruegadi Niagaron,
Mirante la silenton respektindan
De l' monahejoj de Tibet' misteral!
Sen bru' dancante ce l' malvigla ritmo
De la virinoj de Centrameriko,
Au eksentante pulsi fortajn vejnojn
De l' urboj, plenaj de karbfum', malsan';
Pregante en italaj katedraloj,
Au klinigante super la Koran',
Autaueniru ciam, ho KUNFRATO;
Memoru ke l' popoloj de la mondo
De sama estas sango malkvieta,
De samaj sentoj, sama kor' kaj am'!

Trakuru, sur kamelo, la dezerton
Kaj sentu la simunon rugan, fulman,
Kvazau de fajro langon,
Lekantan sablojn en brusku' konsterna,
Enigu en la pacon kaj dolcecon
Ce l' vido de l' pejzago senmakula
De l' tag' fugema kaj glaci' eterna!

Vulkan-haladzon sentu... kaj ekstrem!
En sinagog' rabenan vocon audu!
Krozu la marojn sub la Suda Stelo!
L' insulojn vidu, kiujn palmoj limas,
Kaj kie ciam bluas la cielo!
Trakuru Ĉakon, en la spacoj grandaj...
Adorklinigu antau la Senlimo,
Antau la admirindaj turoj Andaj...
Kaj kie ajn vi vidos iun ploron
Kaj iun, kiun oni devas levi,
Memoru la senliman, belan vorton
De granda senco, vera homa sato,
Pli noblan ol la amo kaj deziro,
Korsenton kiu dauras ec trans morto...
Apenau vorton tiun ci: KUNFRATO!

KUNFRATO pli antauen iru ciam!
De l' tuta mondo la patrinojn vidu!

Mães de jovem semblante e olhar em brilho,
Que têm seios como ânforas pesando,
Que têm meninos para amamentar!
E outras mães de semblante ermo e sulcado,
Que apenas pedem paz para o seu filho...
E lhes dê, COMPANHEIRO, este recado:
Já não há mais fronteiras para amar!...
Que elas podem dormir o sono eterno
Sem medo de acordar em sobressalto
Pelo clamor da guerra desferida!
Que os nossos filhos vão viver num mundo
De trabalho, de amor sereno e audaz,
Onde cada ente humano é irmão de todos,
Onde cada instrumento hostil de morte
É uma arma para a ciência e para a Vida,
Cada quartel o templo de uma escola,
Cada soldado um poeta para a PAZ!...

Patrinojn junajn, kun rigard' brilanta,
Kun brustoj pezaj kiel laktamforoj:
La filojn ili nutru do, kun am'.
Patrinoj iuj havas sulkvizagon:
Kaj petas por la filo nur la PACON...
Al ili donu tiun ci mesagon:
Landlimoj amon nun ne baras jam!
La panjoj povas dormi nun kviete
Sen timo ekvekigi kaj ekstremi
Pro l' kri' terura de militkomenco!
Gefiloj niaj vivos ja en mondo
De amo pura, de labor' sen laco,
Kaj ciu homo estos frat' de ciuj;
Kaj l' instrumentoj de mortigo igos
Armitoj por la vivo kaj scienco;
Kazerno ciu igos lernotemplo,
Ciu soldat' - poeto por la PACO!

O legado de Teixeira de Freitas



Foto do palestrante e texto de sua apresentação feita por Mauro Pereira de Mello, Diretor de Geociências do IBGE. Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1990.

Severino Cabral é Professor de História e Política Internacional, tem se dedicado ao estudo dos modelos de

desenvolvimento dos países da Ásia do Pacífico e sua relação com a nova ordem internacional. Consultor do Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Faculdade Candido Mendes, é Membro da "Wen Ming - Círculo de Estudos e Intercâmbio Cultural Brasil-China".

Analista Especializado do IBGE, trabalha atualmente no Setor de Memória Institucional do CDDI/DEDOC, dedicando-se ao estudo de materiais históricos relacionados à Fundação do IBGE e à vida e obra de seu principal criador - Teixeira de Freitas.

O legado de Teixeira de Freitas

Severino Cabral

Fácil imaginar a difícil tarefa do historiador do presente ao restituir em toda a sua dimensão a obra de Teixeira de Freitas.

A comemoração do centenário de nascimento de Mario Augusto Teixeira de Freitas cria a oportunidade para os homens de hoje de avaliarem o legado resultante da ação e presença luminosas desse herói intelectual-ético do Brasil contemporâneo.

A memória do nosso tempo deve resgatar as realizações dessa figura modelar, cuja ação se fez sentir em todos os setores da vida nacional. Para tanto deve contribuir para que se reconstitua um pensamento, cujo valor de verdade é fundamental para o conhecimento dos recursos do Brasil no que vai de século.

Ao enfrentarmos a tarefa da reconstituição do pensamento de Teixeira de Freitas nos deparamos com um sem número de questões e formulações que cobrem praticamente a totalidade dos grandes problemas do desenvolvimento e da organização racional do "ecúmeno" brasileiro.

Podemos, talvez, abrandar o peso da responsabilidade dessa tarefa hercúlea recorrendo à observação de um dos maiores brasileiros do seu tempo, o poeta Carlos Drummond de Andrade, que em crônica publicada no *Correio da Manhã* de 25 de fevereiro de 1956, três dias após o falecimento de Teixeira de Freitas, com exatidão e sensibilidade assim o retratou: "O homem que se esquivara à inscrição no Livro do Mérito teve o seu mérito afirmado ostensivamente quando já não lhe era possível refugiar-se no mundo de estatísticas e idéias de organização nacional que era o seu mundo privado, ao mesmo tempo ideal e concreto, pois dentro dele Teixeira de Freitas, sem governar o menor pedaço do Brasil, influía profundamente na sua evolução".

O Brasil de hoje não descansa mais sobre uma base agrária como à época de Teixeira de Freitas, tampouco tem uma população de pouco mais de 30 milhões de habitantes. Com sua população quintuplicada e uma planta industrial que se situa na ponta do mundo em desenvolvimento, nosso País

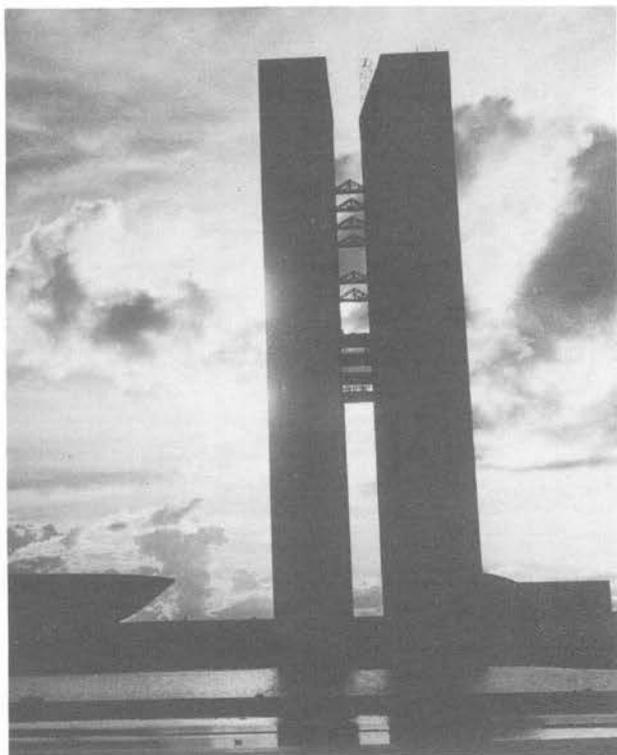
apresenta às inteligências insatisfeitas de hoje imensos desafios.

Foi como inteligência insatisfeita com o quadro sombrio da realidade social do seu tempo que Teixeira de Freitas tomou posição frente às questões políticas que lhe propunha a realidade nacional. Tendo participado do processo revolucionário de 1930, liderado por Getúlio Vargas, que buscou reestruturar o aparelho do Estado Administrativo, lhe foi dado como horizonte a possibilidade de atuar na direção de concretização de um ideário por ele forjado desde sua passagem iluminadora à frente dos Serviços Censitários e Estatísticos do Estado de Minas Gerais, ao longo da tumultuária década de 20.

Essa experiência inicial também lhe permitiu vislumbrar um sistema de cooperação entre as esferas governativas do Estado Nacional, do município ao poder federal, passando pelos poderes estaduais, e que serviu de base à constituição do Sistema Estatístico Nacional. A realidade de Minas Gerais - social, econômica, política e cultural - serviu de bússola orientadora dos caminhos de uma política global de desenvolvimento do País.

Na criação do IBGE, esse dispositivo de saber-poder, para cuja existência Teixeira de Freitas deu o melhor de si, estão presentes os ensinamentos recolhidos da experiência mineira: "Antes dele, nossa estatística era um serviço à espera de uma fórmula, e essa fórmula foi ele quem a cunhou e fez aplicar: cooperação interadministrativa". Mais uma vez recorremos a Drummond, que lembra com agrado o fato de que esse esforço tenha começado em Minas.

Agindo como legislador, homem de Estado e Sábio, Teixeira de Freitas pôde construir no IBGE e, a partir dele, em várias agências governamentais um conjunto de idéias de organização racional do Estado que completam a pregação doutrinária de Alberto Torres com o programa mais acabado, mais orgânico de reformas políticas, sociais, culturais e administrativas que o Brasil já conheceu. O pensamento de Teixeira de Freitas, pode-se dizer,



Visão noturna do Congresso Nacional, Brasília, DF. O pensamento de Teixeira de Freitas legou ao País o projeto de uma sociedade moderna e racional, aberta ao futuro.

hoje, sem nenhuma injustiça para com outros pensadores brasileiros, foi o mais influente nos rumos da construção nacional.

Retomar hoje esse itinerário em busca da verdade do Brasil é fazer uma incursão nos recônditos aspectos da realidade brasileira que contém, nas palavras de Teixeira de Freitas, "quadros dantescos, mas pouco perceptíveis para aqueles que pretendem observar e estudar o Brasil sob a luz ofuscante dos focos da exótica ou superficial civilização das nossas capitais, sem habituar primeiro os olhos à escuridão".

Habituar-se a olhar a escuridão não para mergulhar no obscurantismo, mas sim para permitir ver os problemas, diagnosticá-los, e elaborar idéias claras e nítidas, num esforço de pensamento na direção da realidade objetiva. Tal era a filosofia do conhecimento esboçado por Teixeira de Freitas nos seus estudos, ensaios, conferências e atos administrativos.

Os anos 20 em Minas foram para Teixeira de Freitas o laboratório de onde extraiu as experiências cruciais que determinaram sua visão do desenvolvimento nacional. A profundidade e eficácia dessa

visada pode ser entrevista no fato de que por mais duas décadas Teixeira de Freitas ampliou os seus conhecimentos sobre o meio físico e social brasileiro sem, no entanto, ter que alterar no essencial seu plano de reforma para o Brasil.

Se tomarmos como referência "Problemas de Base do Brasil", que data do início dos anos 40, portanto 20 anos depois, verificamos que dessa experiência extraiu a garantia de uma objetividade esclarecida, vigilante, submetida a um horizonte de racionalidade.

Horizonte cuja ratio baseava-se em três pontos radiais centrais:

1) reestruturação da máquina administrativa, integrando e estendendo os benefícios da reforma às três órbitas governamentais - a União, os Estados e os Municípios;

2) redivisão territorial-política orientada pela regra da equivalência e equipotência entre os estados e municípios, visando à racionalidade da exploração do espaço brasileiro, incluindo a interiorização da capital e o fluxo migratório para o oeste; e

3) implantação de um sistema de educação popular que englobasse a totalidade da população do "ecúmeno" nacional, elevando a produtividade e integrando os maciços populacionais no processo de desenvolvimento urbano-industrial.

Dos primeiros passos em Minas dos anos 20 ao início da década de 50 vemos um mesmo fio condutor a nos guiar no interior do universo do pensamento de Teixeira de Freitas. Trata-se da construção de um Projeto Nacional que fixa metas permanentes para o desenvolvimento de uma sociedade democrática socialmente avançada, baseada no progresso da ciência e da técnica do nosso tempo.

No torna-viagem dessa incursão pelo Universo de Teixeira de Freitas o obstinado rigor da sua obra nos traz à memória os versos inolvidáveis com que Jorge Luiz Borges resume o essencial da criação e vida de outro herói intelectual nosso contemporâneo: James Joyce.

*"Qué importa nuestra cobardía
se hay en la tierra
un sólo hombre valiente,
Qué importa la tristeza
se hubo en el tiempo
alguién que se dijo feliz,
Qué importa mi perdida
generación,
ese vago espejo,
si tus libros la justifican".*

Discurso de Encerramento ao Fundador, o IBGE

Nelson de Castro Senra

O IBGE acaba de prestar justa homenagem ao seu fundador Mário Augusto Teixeira de Freitas, no ano em que se comemora o centenário de seu nascimento. Ao longo desta semana, brilhantes conferencistas souberam realçar a qualidade ímpar daquele ilustre brasileiro.

Neste auditório, ao qual se apôs seu nome, nesta semana, viveram-se momentos de indizível prazer intelectual. Os que aqui estivemos, a cada instante, fomos brindados com a finíssima erudição dos conferencistas ao dissertarem sobre a riquíssima erudição do homenageado.

O valor de sua obra, ademais dos depoimentos aqui feitos, pode ser aquilatado na coletânea de textos que se houve por bem selecionar e republicar. Com esta coletânea dá-se início à disseminação da memória institucional, devendo-se prosseguir com a publicação das conferências aqui proferidas.

Assim, pode-se dizer que a homenagem a Teixeira de Freitas não se encerra ao fim deste encontro e ao desmonte da exposição que se lhe associou. Ao contrário, prossegue com a maior disseminação da memória institucional, da qual Teixeira de Freitas é segmento vivo.

Para tanto, dando-se maiores garantias futuras à sistemática divulgação do passado, instituiu-se no presente um setor precipuamente voltado à preservação da memória institucional, devidamente instalado na sala ao lado deste auditório de modo a ser amplamente visitado.

Deseja-se, intensamente, que este evento, homenageando Teixeira de Freitas, seja apenas um de muitos retornos à história do IBGE. Que se o faça, a cada instante, com a devida isenção de modo a se poder bem discernir o que está superado e o que deve ser sancionado, dando-se mais substância ao presente.

Finalmente, a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização e para o realce deste encontro, inserindo-o na própria história da instituição, o reconhecimento do Centro de Documentação e Disseminação de Informações, em nome do IBGE.

Série Documentos para Disseminação

ISSN 0103-6335

1 - O IBGE e o atendimento à sociedade (prefácio do projeto técnico do CDDI), de Nelson de Castro Senra e Lidia Vales de Souza. ISBN 85-240-0329-4. 1990. 44p.

2 - Projetos de disseminação, contribuição ao estabelecimento de uma metodologia, de Cláudio Alex Fagundes da Silva. ISBN 85-240-0355-3. 1991, 30p. Proposta metodológica que integra a disseminação de informações com o marketing.

Subsérie Memória Institucional

ISSN 0103-6459

1 - Teixeira de Freitas: pensamento e ação, coord. do Setor de Memória Institucional. ISBN 85-240-0351-0. 1990. 140 p.

2 - Encontro comemorativo do centenário de Teixeira de Freitas, coord. do Setor de Memória Institucional. ISBN 85-240-0366-9. 1991, 80p. Textos das palestras proferidas no Encontro comemorativo do centenário de nascimento de Teixeira de Freitas.